



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

MARYELLEN INGRID DE ARAUJO BÃDÃRÃO

**A CRÔNICA FEMININA NA IMPRENSA PARAIBANA: trajetórias,
escritas de si e cotidiano**

JOÃO PESSOA

2019

Maryellen Ingrid de Araujo Bãdãrãu

A CRÔNICA FEMININA NA IMPRENSA PARAIBANA: trajetórias, escritas de si e cotidiano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, linha de pesquisa Mídia, Cotidiano e Imaginário, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Culturas Midiáticas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra Raquew dos Santos Azevêdo

JOÃO PESSOA

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B132c Bădărau, Maryellen Ingrid de Araujo.

A crônica Feminina na imprensa paraibana: trajetórias,
escritas de si e cotidiano / Maryellen Ingrid de Araujo
Bădărau. - João Pessoa, 2019.

155 f. : il.

Orientação: Sandra Raquew dos Santos Azevêdo.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. crônica; imprensa feminina; gênero; jornalismo. I.
Azevêdo, Sandra Raquew dos Santos. II. Título.

UFPB/BC

Maryellen Ingrid de Araujo Bãdãrãu

A CRÔNICA FEMININA NA IMPRENSA PARAIBANA: trajetórias, escritas de si e cotidiano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, linha de pesquisa Mídia, Cotidiano e Imaginário, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Culturas Midiáticas.

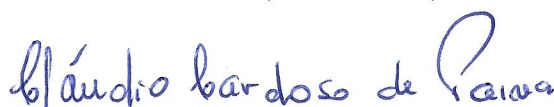
Aprovada em: 29/08/2019

Banca Examinadora


Prof.^a. Dr.^a. Sandra Raquew S. Azevêdo
Orientadora (PPGC-UFPB)


Prof.^a. Dr.^a. Ana Maria Coutinho de Sales
Membro Externo (CE-UFPB)


Prof.^o. Dr.^o. Fellipe Sá Brasileiro
Membro Interno (PPGC-UFPB)


Prof.^o Dr.^o Cláudio Cardoso de Paiva
Suplente (PPJ-UFPB)

*Dedico às mulheres da minha vida que são
minha família e amigas; e a tantas que já
conheci e se tornaram especiais.*

*“Eu escrevo para criar um mundo
no qual possa viver.
Procuro criar um mundo
como se cria um determinado clima,
uma atmosfera onde eu pudesse respirar.”*
Anayde Beiriz

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus por todas as bênçãos, pelas oportunidades concedidas, pelas pessoas de luz que colocou em meu caminho, pela força sobrenatural, que me ajudou a vencer minhas limitações e chegar tão longe.

Meu muito obrigada à minha família por todo o apoio, em especial a minha mãe, avó e esposo por me darem suporte sempre que preciso e pela paciência em relação a tantas coisas, mas principalmente por acreditarem que tanto trabalho e esforço serão recompensados.

Aos meus professores, desde o maternal até os dias de hoje, agradeço pelo difícil trabalho desenvolvido, mas que gera frutos a longo prazo. Muito obrigada pelas palavras, pelos ensinamentos, pelo exemplo e por inspirar tantas pessoas. Muitos nem lembram de nós, mas são inesquecíveis.

Aos meus amigos, agradeço por todos os momentos vividos, entre distâncias inimagináveis, continentes e mares à frente, e vizinhos sempre presentes, seja por telefone, internet ou presencialmente. Saber que sou especial faz toda a diferença. Agradeço especialmente a Kaline Aragão, Nayane Rodrigues, Ricardo Araújo, Flávia Lopes e Francisco Alves, que foram meus companheiros nesta jornada na pós-graduação.

Um agradecimento especial à minha orientadora pela sua compreensão e cuidado, por toda a delicadeza e disponibilidade. Agradeço também às mulheres cronistas as quais se tornaram centro dessa pesquisa. São verdadeiras inspirações para uma jovem jornalista, aspirante à escritora.

RESUMO

A crônica tem forte relação com o cotidiano e é um dos gêneros responsáveis por melhor descrever os fatos, a partir de um ator social comum: o cronista. Esse gênero tem consolidação nos jornais impressos paraibanos, configurando grande audiência para as questões levantadas nas publicações. A crônica feminina, baseada a partir das vivências e do olhar das mulheres em relação ao mundo, tem colaborado para inscrição de trajetórias das mulheres como indivíduos atuantes na sociedade, e consequentemente na imprensa. O universo da escrita, que comumente era descrito pela presença majoritariamente masculina, é transformado pela inserção das mulheres, caracterizado pelas lutas para adentrar e permanecer na esfera pública. Sendo assim, o objetivo principal dessa pesquisa foi estudar a presença das crônicas na imprensa paraibana, mais especificamente as crônicas produzidas por mulheres nos jornais impressos *A União* e *O Contraponto*. Para isso, temos como objetivos específicos: refletir sobre a atuação das cronistas Ana Adelaide Peixoto, Joana Belarmino e Vitória Lima no jornalismo local e o papel da crônica no processo de construção de sentidos, consolidando seu lugar de fala e representação; perceber como as crônicas mantêm sua relação com temáticas que representam o cotidiano das cronistas e formam uma instituição do saber, que segundo Certeau (1982), estabelecem conexões com o lugar social, do qual as mulheres ocuparam e consolidaram. Também observar como as crônicas são inseridas nas plataformas digitais, tais como *blogs*, *sites* e redes sociais, em um contexto onde as narrativas se apresentam de maneira multiespacial. Para tal, foi realizada uma pesquisa exploratória e descritiva, para que fosse possível construir um cenário de discussões em relação à crônica e à presença feminina na imprensa. Contamos com um trabalho bibliográfico e documental que possibilitou o levantamento do *corpus* da investigação, que compreende 98 publicações das escritoras, nos dois jornais mencionados, no período de janeiro a dezembro de 2017. Além disso, uma pesquisa de campo foi necessária, a partir da realização de entrevistas em profundidade com as cronistas, que de acordo com o roteiro estruturado, pautou questões de gênero, rotinas de escrita e trajetória na imprensa paraibana. Baseamo-nos no método da Hermenêutica da Profundidade, amplamente discutido por Thompson (2011), para uma análise qualitativa, considerando os dados frutos do cruzamento das informações coletadas na pesquisa de campo e nas entrevistas em profundidade. A partir de uma interpretação das discussões simbólicas, que se refere a uma análise formal e discursiva, sobre os debates de gênero, escritas de si e cotidiano, apresentaremos a reinterpretação dos acontecimentos. Com este trabalho, buscamos evidenciar a trajetória das mulheres na imprensa paraibana, que desde o seu estabelecimento, vem contribuindo com novas interpretações do cotidiano, fazendo da crônica uma ferramenta para a prática de uma meta-memória, que se faz tão importante para a inscrição feminina na história e o registro de suas vivências e perspectivas.

Palavras-chave: Crônica. Imprensa feminina. Gênero. Jornalismo paraibano.

RESUMEN

La crónica tiene fuerte relación con lo cotidiano y es el género responsable por describir mejor los hechos de lo cotidiano, desde un actor social común: el cronista. Este género se consolidó en los periódicos paraibanos, con gran audiencia para las discusiones de los temas en las publicaciones. La crónica femenina, basada a partir de las vivencias y de la mirada de las mujeres en relación al mundo, ha colaborado con la inscripción de trayectorias de las mujeres como individuos actuantes en la sociedad y, consecuentemente, en la prensa. El universo de la escritura, que en general se describe por la presencia en su mayoría de hombres, ha cambiado por la inserción de las mujeres, caracterizado por su disputa para adentrarse y permanecer en la esfera pública. De esta manera, el objetivo principal de ésta investigación fue estudiar la presencia de las crónicas en la prensa paraibana, más específicamente las crónicas producidas por mujeres en los periódicos *A União* y *O Contraponto*. Para eso, tenemos como objetivos específicos: reflexionar sobre la actuación de estas mujeres en el periodismo local y la función de las crónicas en el proceso de construcción de sentidos, firmandose como un lugar de protagonismo y representación; percibir como las crónicas mantienen su relación con las temáticas que representan lo cotidiano de las crónicas y constituyen una institución del saber, de acuerdo con Certeau (1982), establecen conexiones con el lugar social que las mujeres ocuparon y consolidaron. Para eso, fue realizada una investigación exploratoria y descriptiva, para que sea posible la construcción del contexto de discusiones sobre la crónica y la presencia femenina en la prensa. Contamos con un trabajo bibliográfico y documental que ha posibilitado el levantamiento del corpus de la investigación, que comprende las publicaciones de Vitória Lima, Joana Belarmino y Ana Adelaide Peixoto en los dos periódicos ya mencionados, en un período que va desde enero a diciembre de 2017. Este recorte indica para la incorporación de las crónicas en ambientes digitales, que por el acceso de las cronistas a estas plataformas, permitió la inserción de las producciones textuales femeninas en la internet, y que de manera sistemática, son compartidas y comentadas. Además, una investigación de campo fue necesario, con la realización de entrevistas a profundidad con las mujeres cronistas, que de acuerdo con el guión estructurado, abordó temas de género, de rutinas de escritura y trayectoria en la prensa paraibana. Basamos en el concepto de la Hermenéutica de la Profundidad descrita por Thompson (2011) para un análisis cualitativo, considerando los datos frutos del cruce de las informaciones recopiladas con la investigación de campo y con las entrevistas a profundidad. Desde una interpretación de las discusiones simbólicas, lo que habla de la lectura de los sentidos en los textos, en un análisis formal y discursivo, acerca de los temas de género, de la vida cotidiana y de las escrituras de su trayectoria. Con este trabajo, buscamos evidenciar la historia de las mujeres en la prensa paraibana, que desde su formación, viene colaborando con nuevas interpretaciones de lo cotidiano, haciendo de la crónica una herramienta para la práctica de una *meta-memória*, que es tan importante para la inscripción femenina en la historia y el registro de sus vivencias y perspectivas.

Palavras chave: Crónica. Prensa femenina. Género. Periodismo paraibano.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO DA CRÔNICA NO JORNALISMO	14
2.1	IMPrensa BRASILEIRA E A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA CRÔNICA	20
2.2	A CRÔNICA NA IMPrensa PARAIBANA	29
2.3	METODOLOGIA DE PESQUISA	36
3	A PRESENÇA FEMININA NA IMPrensa PARAIBANA	40
3.1	A ESCRITA FEMININA NA IMPrensa	46
3.2	A ESCRITA ENQUANTO LUGAR DE FALA E REPRESENTAÇÃO.....	52
3.3	A CRÔNICA E A EXPRESSÃO SUBJETIVA DO FEMININO	58
4	MULHERES CRONISTAS: PERFIS E TRAJETÓRIAS	62
4.1	ANA ADELAIDE PEIXOTO E A SEMIÓTICA DOS ESPAÇOS	63
4.2	JORNALISMO, CIBERATIVISMO E LITERATURA: JOANA BELARMINO EM TRÂNSITO	85
4.3	VITÓRIA LIMA, A PALAVRA E OUTRAS ARTES.....	100
5	INTERPRETAÇÃO/REINTERPRETAÇÃO DO CAMPO-OBJETO.....	111
5.1	GÊNERO	124
5.2	COTIDIANO	131
5.3	ESCRITAS DE SI	137
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
	REFERÊNCIAS	147
	APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista Semiestruturada	152
	APÊNDICE B – Termo de Consentimento de Livre Esclarecimento.....	154

1 INTRODUÇÃO

Desde a sua fundação, a imprensa brasileira passou por muitas transformações, seja em relação a produção da notícia, modificações estruturais nos jornais ou reconfigurações nos agentes produtores da opinião. A inserção da mulher nesse espaço foi mais uma etapa dessas mudanças que aconteceram no jornalismo, e que foi modificando toda uma lógica social sobre a presença feminina nesse espaço público.

O ingresso da mulher na imprensa se deu através do acesso à educação e a inserção nos espaços públicos e suas publicações, a princípio, refletiram as inquietações e questionamentos relacionados à sua condição social no âmbito particular. Seus textos inscreveram sua própria história dentro de um determinado espaço e tempo, mostrando a trajetória e sua experiência de mundo no contexto de lutas e vivências, ao passo dos acontecimentos.

A crônica se configurou como uma ferramenta importantíssima para o registro dos fatos ao longo dos séculos, principalmente por uma visão que enquadra a perspectiva feminina. Enquanto narradoras de sua própria história, as mulheres passaram a publicar nos jornais e compartilhar suas questões para o público, mesmo que no início isso tenha acontecido de forma inibida, a partir de pseudônimos.

O avanço das mulheres no uso do espaço jornalístico para difundir sua opinião e discussões pertinentes ao âmbito social é incontestável, apesar de não ser suficiente quando comparamos com a quantidade de homens que exercem a mesma função. Constituído historicamente como um espaço majoritariamente masculino, a opinião no jornalismo brasileiro teve uma grande participação feminina ao longo dos séculos, mas isso acaba por ser esquecido na história oficial, transformando a mulher em mito na imprensa (BUTONI, 1986, p.5).

Os estudos de gênero, mídia e escrita feminina, que posteriormente ganharam força a partir da organização e atuação das mulheres em uma imprensa alternativa, possibilitou a elucidação dessa participação massiva na construção de narrativas nos jornais. E é justamente a partir desse campo de pesquisa que pretendemos estudar a participação feminina na imprensa paraibana, mais especificamente as cronistas atuantes no jornalismo impresso do século XXI.

A crônica como um gênero que nasce no jornalismo impresso e se expande para além dos seus limites, possibilita a criação de uma linha do tempo, que narrando em pedaços

fragmentados, constitui o tecido histórico, político e social do cotidiano das mulheres escritoras. Por suas características próprias, favorece a emissão da opinião a partir do imaginário particular, mas que graças a técnicas linguísticas transforma as narrativas em experiências comuns aos leitores.

Este estudo surgiu a partir de uma pesquisa anterior, sobre a participação das mulheres nas colunas de opinião do jornalismo impresso paraibano, onde observamos os aspectos discursivos, os gêneros jornalísticos em destaque e o conteúdo da produção opinativa feminina nos jornais. As colunas de opinião escritas por mulheres na imprensa local apresentam uma diversidade de gêneros textuais, de identidade (estilo) e de temáticas que abordam temas sociais, com questionamentos sobre gênero, política, acessibilidade, midiativismo e sobre a cidade. Em relação aos gêneros jornalísticos, consolidam a opinião feminina na Paraíba a partir da crítica literária, **da crônica**, do artigo, do coluna social e política e da crítica de arte.

Questionamos a presença feminina na imprensa paraibana, tendo em vista a pouca visibilidade relacionada com a prática da escrita feminina nos periódicos, e especificamente as cronistas. Nos séculos XIX e XX, podemos analisar resultados de pesquisas como a do Pequeno Dicionário dos Escritores/Jornalistas da Paraíba do século XIX, que resgatou a presença de algumas mulheres a partir dos primeiros registros jornalísticos no estado e a de Bernardo (2013) que evidenciou o trabalho das professoras e escritoras paraibanas no início do século XX; e também a pesquisa de Machado (2005), que estudou a prática da escrita de mulheres sertanejas do estado da Paraíba.

O fato é que existe grande participação feminina nos jornais paraibanos do século XXI, estejam elas diplomadas ou não. Porém, o que não se tem consolidado é a constituição de um cenário de discussões sobre a atuação dessas mulheres na imprensa local. A partir dessa pesquisa, queremos refletir justamente sobre essa presença, dialogando como esse espaço de opinião é formado e o papel da crônica na ação dessa escrita feminina. Além disso, perceber como é feita a articulação de temas importantes socialmente, a partir de um recorte do cotidiano que pode influenciar a visão dos acontecimentos.

Também é de nosso interesse observar, de maneira simplificada, como essa prática jornalística migra do analógico para o digital, através das mudanças causadas pelo desenvolvimento do jornalismo pós-industrial. Neste processo, percebemos como se dá a inserção das crônicas em *blogs* e redes sociais, que vem modificando a lógica tradicional de veiculação, compartilhamento e interação dos leitores com as cronistas. Isso é a visualização

prática de que a crônica ocupa diferentes espaços, podendo se apresentar no meio impresso (jornal, revistas e livros), no meio televisivo e no meio digital.

Este trabalho está dividido em seis capítulos que buscam analisar e refletir sobre a presença das crônicas femininas na imprensa paraibana, discutindo a relevância da crônica como narrativa feminina sobre o cotidiano gerando sentidos sociais, e consolidando a presença das escritoras na imprensa paraibana. Problematicamos como as crônicas são pensadas e produzidas, enquanto pautam questões de gênero, trazidas pelo olhar das cronistas sobre o cotidiano das mulheres e da própria inscrição de si, valorando suas trajetórias de vida na imprensa.

No primeiro capítulo, apresentamos o conteúdo deste trabalho, as questões que perpassam pelo tema desta pesquisa, as discussões teóricas pertinentes para a compreensão do nosso objeto de estudo, mostrando previamente o nosso campo de pesquisa, suas contradições e pontos importantes que foram discutidos. No capítulo posterior, percorremos uma abordagem teórico-metodológica para discorrer sobre a crônica. Abordamos desde o sentido etimológico até a sua *práxis*, visualizando as diferentes compreensões teóricas e o seu desenvolvimento dentro do jornalismo impresso, passando pelo modelo europeu, português até chegar no Brasil, com a consolidação da imprensa brasileira.

Tratamos também de expor sua relação com o cotidiano, de como inicialmente estava intrinsecamente ligado à história oficial, em uma prática coloquial valorizada. Em um outro momento, se refaz e se fragmenta a partir do entendimento das múltiplas interpretações possíveis de um mesmo fato, relatado de forma não ordenada cronologicamente. Graças ao seu uso disseminado, a crônica se torna uma prática valorada e sua expansão vai além, se consolidando também na literatura.

Observando a história da crônica no Brasil, abordamos os principais pensadores do tema, em uma maneira de mostrar como a crônica brasileira se tornou única, comparada ao modelo europeu. Além disso, elencamos as principais cronistas brasileiras como uma forma de elucidar o seu trabalho e contextualizar a história da crônica no jornalismo paraibano. Em busca de constituir esse cenário local, procuramos fazer um parâmetro com o trabalho desenvolvido desde a literatura, por sua forte ligação com o jornalismo local, uma vez que esse vínculo vem, ao longo da história, possibilitando a inclusão de narrativas femininas na imprensa da Paraíba.

Apresentamos o caminho metodológico desse trabalho, inicialmente composto por uma pesquisa bibliográfica e documental, de caráter exploratória e descritiva, que caracterizou o campo de estudo e o *corpus* da pesquisa, composto pelas publicações de cronistas como

Ana Adelaide Peixoto, Joana Belarmino e Vitória Lima, visualizadas nos Jornais *A União* e *O Contraponto*, no ano de 2017.

Baseados na metodologia Hermenêutica da Profundidade (Thompson, 2011), interpretamos essa cartografia produzida, cruzando as informações com entrevistas em profundidade realizadas com as cronistas estudadas. Além disso, observamos as publicações nos *blogs* e redes sociais, com o intuito de pensar essa presença da crônica feminina paraibana e refletir sobre as questões que são levantadas pelas mulheres nos textos.

No terceiro capítulo, nos voltamos para o entendimento do lugar da mulher na imprensa paraibana, abordando a sua presença a partir de pesquisas e trabalhos históricos, valorizando também a sua atuação no espaço de opinião de grande visibilidade e disputas, questões discutidas por Arruda (2002). Além disso, discutimos a importância de seu trabalho para inscrição de sua trajetória na imprensa, possibilitando representações sociais em um lugar de fala, e como a linguagem possibilita a formação de um lugar social na história, tema que é discutido por Certeau (1982).

O cenário de atuação feminino paraibano, influenciado pelas transformações sociais, vem se tornando um espaço diverso e segmentado, com mulheres que publicam crônicas, artigo de opinião, crítica literária e coluna social. Outro aspecto a ser observado são as relações de trabalho das mulheres colaboradoras dos veículos de comunicação, tendo em vista que todas as cronistas estudadas publicam de forma voluntária nos jornais.

Entendemos que por meio da crônica, a escrita feminina é capaz de alcançar uma interpretação específica dos acontecimentos e, dessa forma, consolidar não apenas uma crônica feminina, mas também uma visão feminina do cotidiano, a partir de um determinado espaço-tempo na história. Isso viabiliza, graças as características da crônica, a disseminação da opinião das mulheres, não só dos fatos recorrentes do presente, mas levantam questões do passado e põe à prova a sua memória em busca de respostas em relação a sua posição como mulheres perante a sociedade.

Refletimos ainda sobre a subjetividade nas crônicas, que tem relações com as autoras, possibilitando a inscrição de experiências, questionamentos, expectativas e aspirações nos textos publicados. Explorando os conceitos de Foucault (2002) e Gomes (Org., 2004), abordamos a expressão da subjetividade das crônicas, discutindo as dimensões e limites discursivos entre a prática da escrita.

No quarto capítulo, partimos para a análise do *corpus* da pesquisa, a partir do reconhecimento das trajetórias das cronistas estudadas: Joana Belarmino, Ana Adelaide Peixoto e Vitória Lima; além de analisarmos as crônicas e o estilo narrativo de cada escritora,

refletirmos sobre o percurso individual na imprensa paraibana, suas rotinas de escrita e a organização do espaço-tempo dentro do contexto do seu próprio cotidiano. Também nos interessou abordar sobre a exploração do recurso da memória que narra seu presente, mas principalmente o seu passado, discutindo a caracterização da mulher cronista paraibana do século XXI.

No quinto capítulo, analisamos as crônicas e as entrevistas em profundidade realizadas, relacionando-as com a discussão das categorias qualitativas, que abordam temáticas de gênero, as rotinas de escrita do cotidiano e, finalmente, as escritas de si na produção textual das crônicas, refletidos sob o olhar de cada cronista. Neste quinto capítulo, exploramos as crônicas publicadas nos Jornais *A União* e *O Contraponto*, entre os meses de janeiro a dezembro de 2017, ano de início dessa pesquisa. Escolhemos o ano em questão pela necessidade de um recorte específico, que evidenciou o fechamento e posterior reabertura do Jornal *O Contraponto*, e nos permitiu observar a inserção das crônicas no universo digital.

Apresentando os resultados quantitativos, tivemos 98 publicações identificadas nos jornais: 5 de Ana Adelaide Peixoto, 41 de Joana Belarmino e 52 de Vitória Lima, ambas comentando diversos temas de seu cotidiano. Baseado na leitura e interpretação dessas crônicas, junto às entrevistas realizadas, fizemos uma análise percorrendo os três eixos de discussão: gênero, cotidiano das mulheres e suas representações nas crônicas e as inscrições de si no exercício da escrita. Na sexta seção, refletimos as nossas conclusões sobre tudo o que observamos neste trabalho. Dessa forma, podemos visualizar de que forma a crônica é usada para debater temáticas pertinente do âmbito feminino, em que medida tece uma narrativa do cotidiano das mulheres, formando uma cartografia da participação delas na crônica paraibana.

2 SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO DA CRÔNICA NO JORNALISMO

Neste capítulo, iniciamos a discussão em relação ao surgimento da crônica que perpassa as dimensões dos primeiros periódicos europeus e se consolida como um gênero jornalístico, se desenvolvendo mais adiante na literatura. Esse gênero híbrido possibilitou aos jornais uma nova visão sobre os acontecimentos, a partir de um referencial particular do cronista, que transformou as narrativas do cotidiano no jornalismo focando nos fatos corriqueiros e complexos do dia a dia.

Visualizamos aqui o percurso da crônica desde o seu aparecimento nos periódicos até o seu fortalecimento, como recurso indispensável para a descrição histórica dos acontecimentos que, desde então, passou a ser explorada também pela literatura com o uso do lirismo e da poética nas narrativas. Essa ambivalência demonstra uma das principais características da crônica, que é a sua hibridez, que transpõe os limites espaciais e técnicos pré-estabelecidos nos jornais e livros e alcança sua independência ao longo dos séculos.

Também refletimos sobre a sua força narrativa, que não se restringe ao texto jornalístico nem ao literário, mas sim na linguagem e suas múltiplas possibilidades, fazendo com que a produção da crônica tenha uma significação, não apenas no sentido denotativo, mas também conotativo, mantendo uma relação de diálogos entre o escritor e o receptor, onde suas experiências e seu imaginário refletem nas suas produções publicadas.

Etimologicamente, a palavra crônica, do latim *chronica* e do grego *khronos*, tem ligação com o tempo e com os acontecimentos narrados em uma ordem cronológica específica. Nesse sentido, o gênero se configurou, inicialmente, como um meio de relatar os fatos sob uma sequência lógica, que tem origem nas definições do início da era Cristã. Dessa maneira, a crônica se mostrou eficaz na exposição da história das sociedades, servindo como anunciante dos acontecimentos de uma determinada época temporal, constituindo as narrativas históricas. Mais à frente, se desenvolve e passa a valorar práticas de interpretação do cotidiano, modificando a forma de relato dos fatos.

No entanto, conceituar a crônica apenas a partir destes aspectos é limitá-la em sua forma de atuação, já que no seu avanço ao longo da história, passa não somente a descrever os fatos do cotidiano nos jornais como também a narrar a “temática do eu”, dando a ela uma perspectiva particular (GOTTARDI, 2007). Dessa forma, a partir do século XIV a crônica começou a ser usada para recriar os cenários e fatos na história e na literatura. Diferente do seu conceito primordial, põe o sujeito diante da responsabilidade de manusear o tempo,

possibilitando conduzir as narrativas e usar a crônica como ferramenta para sugerir uma nova visão do tempo e espaço.

O período medieval europeu foi marcado por essas transformações e o cronista desse tempo passou a ser um historiador e as crônicas começam a ser entendidas como crônicas. Essa mudança foi definida pela presença da interpretação do cotidiano e de sua leitura, que passou do “registro dos fatos ao discurso histórico” (MEDEIROS, 2004, p. 98).

Depois do período Renascentista (sec. XIV a XVI), a crônica se consolidou na Europa, transformando-se em uma ferramenta constantemente usada por escritores da época para contar suas histórias. O gênero se desenvolveu a partir do jornalismo, aparecendo inicialmente em periódicos europeus para comentar os fatos que aconteciam durante o dia. Levando em consideração sua procedência opinativa, a crônica não tem a intenção de aprofundar as notícias, já que possui uma maneira diferenciada de linguagem dentro do jornal, com técnicas e processos distintos de produção narrativa.

No século XIX, a característica estética da crônica passa a ter visibilidade, possibilitando novas formas de escrita, que ultrapassam os limites da literatura. Dessa maneira, a crônica acompanhou a lógica da modernidade no jornalismo, deixando para trás o seu rigor cronológico, buscando uma nova forma de revelar os fatos sociais. Em relação ao processo de narrativa dos acontecimentos, os cronistas passaram a focar em outros métodos para garantir resultados diferentes, como um meio de organizar melhor a construção das narrativas cotidianas.

Focavam na produção social do enunciado, resgatando elementos da literatura para trazer, com riqueza de detalhes, as memórias e os fatos ocorridos, tendo em vista uma nova percepção de que não é possível narrar toda a história de uma maneira ordenada cronologicamente. Levando em conta as questões físicas dos jornais, no que diz respeito ao tamanho da crônica, ao dia de publicação, ao espaço disponibilizado nos periódicos, essa produção foi se adaptando, deixando para trás um rigor temporal, mas trazendo uma subjetividade como marca de uma “fabulação real do cotidiano” (NASCIMENTO, 2013).

Nesse sentido, a literatura passou a dar a crônica uma classificação de gênero, possibilitando novas alternativas de expressão dentro do mesmo espaço-tempo. Com ênfase na linguagem literária, a construção verbal se tornou o elemento principal para a descrição de cenários e situações, quebrando a linha do tempo das narrativas em pedaços fragmentados. De acordo com Pereira (1994), a estética, por sua vez, “empresta valores conotativos aos eventos sociais”, dando à crônica alternativas de elucidar “fatos não determinados, e formalmente não pré-concebidos”.

Essas definições refletem a funcionalidade da crônica, não somente a partir da linguagem, que possibilita novos enunciados tanto na literatura, quanto no jornalismo, o que lhe permite uma liberdade em relação aos moldes técnicos e espaciais do jornalismo impresso. Assim, a crônica não obedece a esses limites estabelecidos dentro das práticas jornalísticas e também não necessariamente segue as exigências literárias, relacionado à estética e à ficção, tal é a variedade de formas que ela pode se apresentar, como complementa Pereira:

Se a crônica consegue ultrapassar os limites impostos pela denotação e pela conotação, estará colocando a crônica além das exigências referenciais no texto jornalístico e do grau de literalidade de algumas formas narrativas. Portanto, a crônica não se define pela natureza referencial das matérias jornalísticas nem tampouco estabelece a partir de modelos literários (PEREIRA, 1994, p. 26).

Sendo assim, a crônica pode ser vista como um ponto de tensão no discurso jornalístico, irrompendo o processo da compreensão da narrativa jornalística a partir de “uma falha no *ritual*” (MEDEIROS, 2004, p. 94). De acordo com a autora, esse ritual¹ caracteriza a definição de um controle do discurso e seus mecanismos, como “uma prática estruturante do dizer de diferentes discursos”.

O jornalismo como um sistema estruturado mantém o seu discurso como um meio de manutenção de poder, dentro de uma realidade ideológica e/ou posicionamento político. O processo de construção da informação, baseados na influência ideológica do sistema jornalístico, que tem como base uma comunicação “objetiva”, é chamado de ritual e a crônica vem como uma “falha” desse ritual, quebrando a lógica com uma nova forma de narrar e refletir o cotidiano a partir da subjetividade.

O discurso jornalístico, à semelhança do discurso histórico, mascara a função-autor e o gesto interpretativo, não através da presença de uma metodologia e/ou de referências, como faz o discurso histórico, mas através de uma suposta autonomia dos fatos e dos acontecimentos. Já a crônica constrói um sítio de significação em que se traz a marca do autor assumindo através dela um gesto de interpretação. Autor é no espaço cronístico tomado como presença subjetiva. Ou melhor, funciona como “marca” de subjetividade (MEDEIROS, 2004, p 109)

A partir dessa ruptura, a crônica deixa de manter relação com outros gêneros jornalísticos, interagindo somente com o fato noticioso e compartilhando dos princípios

¹ Discutido por Foucault (1998), Althusser (1985) e Pêcheux (1990), o ritual seria a aplicação de mecanismos de controle dos discursos jornalísticos.

literários em busca de ir além de informar e opinar: fazer com que a articulação com as muitas linguagens disponíveis possibilite para o cronista representar sua percepção de mundo dentro de uma realidade jornalística.

Daí se concebe a ideia de que a crônica é um gênero independente, cujos atributos não estão ligados a outros gêneros, nem onde ela se insere, mas sim a maneira como o cronista se utiliza de um fato social e lhe dá um sentido, discutindo não apenas o que está posto, mas trazendo à tona devidos acontecimentos que ainda não foram ainda revelados. Dessa vez, o narrador se concentra em fazer da crônica um exercício textual plural, causando rupturas no seu próprio discurso, deixando de lado a preocupação em reorganizar os fatos em uma ordem específica.

No século XIX, a crônica passou a ser confundida com os folhetins, devido ao espaço que ocupavam dentro dos jornais, nas notas de rodapé. A questão de diferenciar a crônica entre outros gêneros jornalísticos, tais quais o conto, o romance e a novela, que eram também publicados no mesmo espaço que a crônica, é a sua relação com o espaço jornalístico, além da questão semântica. Por não seguir as regras impostas pelos modelos jornalísticos, a crônica evoluiu, enquanto o folhetim e os outros gêneros continuaram vinculados a um modelo textual jornalístico mais rígido.

Dessa maneira, os cronistas conseguiram uma aproximação maior com o leitor, dando a eles uma dimensão mais detalhada, sem perder a estética que é própria da crônica, transpondo os limites “lítero-jornalísticos” dentro do seu espaço veiculado. Isso não acontece com os folhetins, devido a sua relação com a linguagem jornalística.

De acordo com Afrânio Coutinho (1967, p. 97), “a crônica, a partir do romantismo alcançou [...] um desenvolvimento e uma categoria que fazem dela uma forma literária de requintado valor estético, um gênero específico e autônomo”. E apesar das diferenças em relação aos demais gêneros jornalísticos e as questões referentes aos padrões do jornal impresso, esse período foi considerado como o ápice da literatura, o que possibilitou que a crônica assumisse uma função nas relações da sociedade, fazendo com que esse modelo se tornasse popular.

Assim, a crônica se constitui em um exercício literário dentro do jornal, apesar de não ser fácil conceituá-la dentro dessa perspectiva, por apresentar elementos da literatura. Mas ela vai aos poucos assumindo o papel de produtora de significados dentro de uma matriz de reprodução de eventos sociais, se definindo apenas aos limites da cotidianidade, dos ruídos e burburinhos de um determinado tempo e espaço (GOTTARDI, 2007).

Dessa forma, além de comentar o cotidiano, a crônica o interpreta, conforme o olhar do cronista e sua relação com o mundo. Para Medeiros (2004), a interpretação também vai influir no impacto da crônica no social, tendo em vista que “dizer é significar”. Em seu estudo sobre o discurso da crônica, a autora explora as teorias da análise de discurso em uma tentativa de uma nova visão conceitual sobre a crônica, onde “não há dizer sem injunção à interpretação”.

No século XIX na Europa, afirma Pereira (1994, p. 39), houve um fortalecimento do movimento literário e o aumento da participação de escritores nas páginas dos jornais, o que levou a um reconhecimento dos cronistas pela evolução da crônica dentro dessa perspectiva de narrar e interpretar o cotidiano. Por se anteciparem a uma percepção em relação aos processos de construção dos discursos jornalísticos, os cronistas passaram a desenvolver um movimento de aproximação dentro das narrativas, que desde o século XVII, preservou uma independência em detrimento aos jornais diários, mantendo com eles uma certa relação de ambiguidade.

O desenvolvimento dos jornais no século XX esteve intrinsecamente ligado às mudanças proporcionadas pela inserção do modelo capitalista no processo jornalístico. A opinião passou a ser produto, que junto à informação, empenhou valor material às narrativas. Isso despertou uma discussão sobre a dualidade de interpretar o cotidiano e opinar, enquanto atende aos interesses de mercado dentro dessa nova conjuntura.

Nesse cenário, a objetividade passa a ser uma prioridade, pois é ela a moeda de troca dos periódicos da nova era, reposicionando o espaço da opinião dentro do jornalismo europeu, principalmente o português, que tinha a opinião como marca forte do seu trabalho narrador (NASCIMENTO, 2013). A partir dessa relação, algumas conceituações teóricas foram feitas para melhor refletir essas práticas discursivas, muito presentes desde então.

Do ponto de vista dos gêneros jornalísticos, foi nesse momento que o jornalismo europeu passou a repensar suas categorias textuais, dividindo-as em informação e opinião, para alcançar essa “objetividade” proposta pelos periódicos. Isso proporcionou uma fragmentação nesse espaço jornalístico, mas deu brecha para novas conceituações sobre essa nova prática discursiva. Chaparro (2008), leva em conta duas premissas importantes para uma compreensão desse campo de estudo, que são:

- a) A enunciação histórica em que se apagam os índices formais de qualquer manifestação do sujeito e o efeito de sentido buscando com essa estratégia a objetividade dos fatos que se apresentam como “se narrassem por si mesmos”; b) A enunciação discursiva em que índices formais da língua (de

peessoa, de ostensão, de temporalidade, espacialidade...) de que o locutor se apropria por meio dos quais anuncia sua posição e desvela sua objetividade (CHAPARRO, 2008, p. 10).

Esses dois tópicos passam a ser considerados como ponto de partida para pensar uma reconfiguração dos jornais europeus e brasileiros - que recebe influência dos modelos de Portugal. Neles estão impressos o reconhecimento da linguagem como ponte para uma valoração de ideologias, considerando que “não há linguagem neutra, pois não há ideologia sem sujeito e por extensão, não há discurso sem uma perspectiva, sem um ponto de vista, um recorte real assumido por um sujeito” (2008, p. 11).

Essa lógica da formulação dos gêneros jornalísticos serviu para nortear as informações e valorá-las dentro do jornalismo impresso, em uma perspectiva capitalista, não se desenvolveu no sentido de contemplar as narrativas jornalísticas alguns princípios diferenciados, além do informar. Mas a crônica se destacou dentro desse contexto e esse processo é exclusividade do jornalismo brasileiro.

Assim, mesmo que o novo modelo foque em uma linguagem objetiva da realidade, enfatiza a inserção de um enunciador dentro de uma perspectiva de tempo e espaço, fazendo do jornalismo uma “crônica da atualidade”, focado num discurso de sujeitos. Mas ao mesmo tempo em que os gêneros jornalísticos vêm dividir as narrativas em informativas e opinativas, isso não pode e nem afeta diretamente a ação discursiva dentro do jornal, pois as fronteiras entre a informação e a opinião não podem ser definidas na prática.

A informação e opinião estão inevitavelmente associados em qualquer texto jornalístico, até porque não existe texto dissociado da ação de pensar. E assim como, nas artes do narrar, são os critérios subjetivos (ou seja, as ideias) que determinam escolhas e hierarquias dos fatos, nos textos da argumentação o que dá clareza às ideias é a contundência dos fatos (CHAPARRO, 2008, p. 162).

Dessa forma, a opinião e a informação não estão desvinculadas, sendo cada vez mais exigido na prática jornalística uma compreensão de que ao narrar e interpretar o cotidiano, o posicionamento do cronista é inevitável e isso qualifica cada vez mais o seu trabalho como mediador social, diferentemente de outros gêneros jornalísticos.

Apesar de ser originária do jornal, a crônica não acompanha as formas temporais e espaciais estabelecidas, sendo definida como um gênero textual que se alimenta do instante, do momento e se constrói em sua própria rotina, ora seguindo o ritmo da atualidade jornalística, ora acompanhando apenas o seu próprio tempo narrativo. A partir do sujeito que

a escreve, representa sua visão particular dos fatos que, através dela, levanta questões pertinentes e constrói um leque de discussões no âmbito social.

A crônica mantém um papel importante em inscrever a história, em relatar um fato cotidiano, tendo ele acontecido na atualidade ou não, representando uma perspectiva particular do sujeito e suas experiências dentro de um contexto, inserido inicialmente no jornalismo, depois na literatura, mas sem se limitar a esses dois segmentos. Ela constitui em lugar de fala para porta-vozes narrarem suas vivências, suas inquietações em relação ao mundo e concedeu um espaço na imprensa para disseminação dos ideais publicados, que no Brasil se tornou um ambiente plural e bem consolidado.

2.1 IMPRENSA BRASILEIRA E A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA CRÔNICA

O surgimento da imprensa no Brasil se deu no século XIX, quando o império português financiou e implementou dois jornais na cidade do Rio de Janeiro: o *Correio Brasiliense* e a *Gazeta do Rio de Janeiro* (PEREIRA, 1994, p. 43). A partir da produção e veiculação das notas oficiais, a nova imprensa trabalhava para reproduzir uma série de documentos oficiais do atual governo estabelecido no país.

No início desse século, tinha-se um sistema que ainda não se fixava na informação como produto, que baseado no modelo europeu, ainda não via o jornalismo como fruto de um mercado lucrativo. Dessa forma, o entendimento do que era informação, o quanto valia e o poder que tinha diante da sociedade não era claro, fazendo com que fosse considerado, em um momento inicial, o nascimento primeiro da imprensa, e a *posteriori*, do jornalismo. Mesmo nesse cenário, o trabalho literário se mantinha de maneira forte, que nos folhetins – onde a crônica pôde se estabelecer em um primeiro momento - se popularizou aos poucos e foi confundida com o trabalho jornalístico.

Nessa fase, os jornais eram considerados artesanais e o trabalho da imprensa – levando em conta que o jornal *Gazeta do Rio de Janeiro* possibilitou a impressão de seus exemplares – não tinha sua legitimação. Não tinham uma definição linguística e gráfica específicas, além de não possuírem liberdade de expressão. Isso se deu pela pouca valoração da informação e sua exploração como produção de enunciados, que só passou a ser diferente, a partir da organização e comercialização da informação.

As mudanças que ocorreram nesse período passaram a ter um forte impacto no modo em como o jornal era pensado, produzido e distribuído, a partir de então. Mesmo com alguns avanços, os jornais brasileiros ainda permaneciam muito distantes da realidade da imprensa

européia, que nesse mesmo período já vivia outra fase de produção. Na segunda metade do século XIX, uma forte característica dos jornais era a falta de uma “autonomia estética” que perdurou até o século seguinte.

A maioria dos jornais desse século se caracteriza pela proximidade que eles encerram como poder, além de uma existência – periódica ligada à autorização da Corte. Portanto, nessa fase da nossa história, não existia o jornalismo enquanto prática de produção de informações e codificação de eventos sociais para transformá-las em notícias. Uma prática só alcançada quando o desenvolvimento técnico da imprensa gerou a necessidade de melhor estruturar a atividade jornalística, o que não foi possível nos dias iniciais da imprensa brasileira, porque a imprensa e o jornalismo eram um hiato (PEREIRA, 1994, p. 51).

No século XX, ainda era perceptível alguns desses aspectos, como a ausência de uma linguagem jornalística mais evidente, mas foi nesse período que o código literário passou a se estabelecer dentro do jornal brasileiro. O seu uso se deu a partir da possibilidade de ampliar o leque de informações e, assim, seus efeitos no âmbito social. Mas essa valorização da literatura dentro dos jornais não colaborava para o seu desenvolvimento, tendo em vista que os jornalistas que escreviam textos literários eram os que usavam da mesma técnica para informar.

Nessa perspectiva, pode-se considerar que o discurso literário dessa época tem “baixa literalidade”, tendo em vista a pouca atenção que dava à interpretação dos fatos cotidianos, focando apenas em uma identidade mais coloquial por parte dos jornalistas – técnica dos folhetins. Por isso, muitas vezes, o estilo literário foi confundido com a técnica jornalística, onde a opinião e a crônica não tinham um espaço especializado e as notícias eram narradas a partir de uma perspectiva particular do autor.

Dessa prática, repercutida por muitos anos, sucedeu a profissionalização dos literatos, pois tinham o jornal como um espaço para experimentação do discurso literário. Uma das consequências disso foi o desenvolvimento de um modelo estético no jornalismo brasileiro, que focava em uma constituição de uma representação social dentro dos textos, conquistando a sua parcela de leitores. Essa segmentação abriu oportunidades para que o jornalismo tivesse lucros com a produção de “bens culturais”.

No início do século XX, o cronista já entende que deve fugir dos moldes dos folhetins e tenta agregar habilidades jornalísticas com as literárias, em busca de um equilíbrio para conseguir um melhor resultado nas crônicas. Apesar disso, “o tom opinativo, a literalidade e o fato político” foram marcas fortes no jornalismo brasileiro (PEREIRA, 1994, p. 58). Mesmo

assim, a crônica consegue se legitimar dentro dos jornais e comparada ao folhetim, consegue transcender o discurso jornalístico em busca de uma compreensão melhor do mundo.

Para caracterizar a crônica, é mister ressaltar de um lado a sua natureza literária, e do outro a natureza ensaística. Pelo primeiro traço, ela se distingue do jornalismo, o que é importante porquanto a crônica é um gênero ligado ao jornal; mas, enquanto o jornalismo (artigos, editoriais, tópicos) tem no fato o seu objetivo, seja para informar divulgando-o, seja para comentá-lo dirigindo a opinião, para a crônica o fato só vale, nas vezes em que ela o utiliza, como meio ou pretexto, de que o artista retira o máximo partido, com as virtuosidades do seu estilo, de seu espírito, de sua graça, de suas faculdades inventivas. À crônica é na essência uma forma de arte, arte da palavra, a que se liga forte dose de lirismo. É um gênero altamente pessoal, uma relação individual, íntima, ante o espetáculo da vida, as coisas, os seres (COUTINHO, 1967, p. 97).

Desse modo, pode-se considerar que o cronista consegue compor uma linguagem própria para os jornais na medida que se consolida dentro do jornalismo. Isso acontece por meio do processo de constituição dos gêneros jornalísticos, considerado um momento de evolução estética no jornal, responsável pela sistematização das informações. Ao se utilizar de outros recursos linguísticos que vão além dos limites jornalísticos, os cronistas acabaram por refletir e definir seus espaços dentro dessa conjuntura mercadológica.

Por isso, a crônica é tão importante na evolução do jornalismo brasileiro, pois é a partir dela que é possível ampliar os “significados da informação jornalística”. Nessa perspectiva, a crônica brasileira do século XX é marcada pelo dever de informar, deixando de lado as narrativas complexas dos séculos passados. Nesse momento, o cronista abandona os efeitos estilísticos para que a crônica consiga se inserir em uma realidade mais aproximada do leitor.

A partir dessa visão de aproximação, a crônica se consolida como uma maneira muito específica de narrar o cotidiano, valorizando temáticas que aparentemente não teriam valor jornalístico. Essa mudança, ao mesmo tempo que pluraliza as visões de um acontecimento, se enquadra nas exigências da nova prática mercadológica, que é informar.

A evolução de uma imprensa de opinião inserida no jornal diário, deu a crônica a possibilidade de se firmar como gênero tanto na literatura, quanto no jornalismo, legitimada pela sua expansão dentro do espaço onde surgiu (NASCIMENTO, 2013). Seu desenvolvimento linear que transita pela fase documental, literária e jornalística, passou a retratar temáticas como política, cultura e a refletir sobre as práticas jornalísticas do seu próprio meio, como uma espécie de metalinguagem.

No entanto, muitas são as discussões sobre a classificação da crônica dentro de uma realidade jornalística segmentada. Esse processo gerou a consolidação dos gêneros jornalísticos e a “divisão” da opinião e informação no espaço do jornal. Nesse contexto, levamos em consideração os estudos de Beltrão (1980), de Marques de Melo (1985) e Chaparro (2008).

A crônica se revela como uma leitura do cotidiano que não se enquadra em apenas uma categoria, apesar de se apresentar sob um enfoque opinativo dentro das classificações existentes. Enquanto Beltrão (1980) classifica os gêneros jornalísticos sob uma perspectiva de localização espacial do texto dentro do jornal, e sua funcionalidade, tais quais o *Jornalismo Informativo* e o *Jornalismo Opinativo*, Marques de Melo (1985) aborda as características a partir do estilo textual e seus efeitos em “produzir o real” e “comentar o real”, sob a mesma classificação.

Chaparro (2008) sugere uma delimitação dos gêneros dentro de uma classificação de “esquemas narrativos” e “esquemas argumentativos”, focando, respectivamente, no relato dos fatos e na interpretação deles. Todo o estilo narrativo que na prática fuja desse modelo tradicional seria consequência de forças de expressão (2008, p. 16). Mas para além de definições estilísticas, é importante refletir sobre as implicações desses textos no social.

O problema em pensar os gêneros jornalísticos a partir do paradigma informação *versus* opinião está em não considerar que no jornalismo, o processo prático de construção de discursos esteja isento da presença de um posicionamento por parte do indivíduo. Sejam discursos narrativos ou argumentativos, haverá uma associação “dos fatos às ideias, os dados às emoções, os acontecimentos à reflexão, os sintomas ao diagnóstico, a observação à explicação” (CHAPARRO, 2008, p. 147).

De acordo com Pereira (1994, p. 120), essa categorização jornalística enquadra a crônica em uma esfera opinativa dentro do jornal, mas apesar disso, não limita o seu exercício dentro de uma necessidade de avaliação do relato jornalístico. Isso porque a crônica não mantém um vínculo cronológico, que no jornal “dá sentido à produção de opiniões”, nem se estabelece somente de acordo com a visão dos acontecimentos. Em relação ao espaço que ocupa dentro do jornal, consegue justificar mais o espaço do cronista do que da própria categoria como gênero jornalístico, causando um “desvio semântico”. E esclarece o porquê:

O que muda na relação entre o jornalismo opinativo e jornalismo interpretativo são os procedimentos técnicos utilizados pelo jornalista para definir o grau de alcance de sua mensagem, quer seja opinando, quer seja interpretando. No exercício dessas categorias, se desenvolve todo um

conjunto de mensagens, através de modalidades narrativas, nos quais prevalece a voz de um narrador. Este sintetiza as diferenças conceituais que perpassam pelo processo da informação. Torna-se imperativa a opinião do jornal ou dos grupos que o representam, também, na construção da interpretação [...] (PEREIRA, 1994, p. 115).

Dessa forma, a opinião e a informação não estão desvinculados, sendo cada vez mais exigido na prática jornalística uma compreensão de que ao opinar, o narrador deve estar consciente dos acontecimentos e da mesma forma, para interpretar o cotidiano, ele deve tomar um posicionamento com o intuito de qualificar cada vez mais o seu trabalho como mediador social.

Apesar de no Brasil os gêneros jornalísticos terem um espaço estabelecido, a crônica não pode ser enquadrada em apenas uma de suas categorias, devido as suas qualidades estruturais, linguísticas e narrativas. Além disso, as conexões da crônica com a literatura lhe permitem uma liberdade maior, tendo em vista sua fluidez com a “fabulação e o cotidiano” (NASCIMENTO, 2013), estando ela livre de classificações.

João do Rio é o cronista que tentou ultrapassar essa barreira “pelo ângulo subjetivo da interpretação e da recriação do real” em suas crônicas. Suas publicações indicam uma iniciativa do autor em não ser mais apenas observador, mas atuante dentro do âmbito social e no jornal, em um exercício de reflexão do cotidiano (SÁ, 1985, p. 9). Além dele, outros escritores como Machado de Assis, José de Alencar, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector também se utilizaram da crônica como ferramenta para expressar sua visão dos acontecimentos.

Enquanto na Europa a crônica permanece como uma maneira de relatar um fato histórico no século XX, no Brasil, o gênero foi se desenvolvendo a partir da atuação do cronista e seu envolvimento e apreciação com o acontecimento. O mergulho do escritor na cena social fortaleceu não somente a narrativa da crônica, como também o estilo que compõe o texto interpretativo. Dessa forma, quando a crônica foge dos enquadramentos estabelecidos pelos gêneros jornalísticos, possibilita ao cronista uma releitura dos enunciados, levando para os leitores um valor textual significativo que vai além do tempo e espaço e alcança um dialogismo (SÁ, 1985, p. 11).

Esse distanciamento da crônica brasileira em relação a narrativas de fatos históricos é uma das razões pela qual o gênero não se aproxima de uma narrativa circunstancial, como o texto jornalístico, que está intrinsecamente ligado com o fator temporal. Ao invés disso, contrasta com os métodos de construção do real nos jornais e avança para um novo conceito

de linguagem, onde a literatura e o jornalismo se unem para recriar as novas formas de expressão. E Sá afirma como:

Com o seu toque de lirismo reflexivo, o cronista capta esse instante brevíssimo *que também faz parte da condição humana* e lhe confere (ou lhe devolve) a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a simples *situação* no diálogo sobre a complexidade das nossas dores e alegrias (SÁ, 1985, p. 11, grifo do autor).

Mesmo com essa prevalente característica, a crônica ainda é usada como uma ferramenta muito importante para registro de acontecimentos e reflexões, corriqueiros ou não, que vem formulando uma linha do tempo e narrando o cotidiano de forma fragmentada, desde sua concepção nos periódicos europeus até os dias de hoje. Por poder ser usada como instrumento da historiografia para recontar fatos e pontos de vista diferentes da história oficial, foi essencial para a elucidação da trajetória feminina na imprensa.

Além do mais, a crônica brasileira, enquanto gênero híbrido que nasceu do jornalismo, mas tem seu viés literário, foi muito utilizada por mulheres como arma de batalha para se afirmarem em meio à sociedade, conquistando os espaços públicos, primeiro pelo acesso à educação e conseqüentemente à literatura, e posteriormente por meio da imprensa, através de seus próprios inscritos publicados.

É por meio dos estudos sobre escrita de autoria feminina que pode ser visualizado o dia a dia de lutas e reivindicações de direitos das mulheres durante os séculos. Assim como a imprensa brasileira, em seu processo de criação e consolidação passou por um período de mudanças, a rotina das mulheres brasileiras também se alterou, mas a partir de sua inserção nos espaços públicos. A obra organizada por Mary Del Priore (2004), sobre a “História das Mulheres no Brasil” fala sobre esse processo:

A cultura européia dava a licença ideológica para o imperialismo, mas sua influência avassaladora teve também o movimento inverso, isto é, provocou sempre em diferentes graus, resistências e desafios. Como nenhuma visão de mundo ou sistema social tem total hegemonia sobre seu domínio, assim também as formas culturais que coexistiram ou apoiaram o empreendimento imperial não a tiveram, discussões e contraposições estiveram sempre presentes, tanto nas metrópoles quanto no Ultramar. [...] Escrita e saber estiveram, em geral, ligados ao poder e funcionaram como forma de dominação ao descreverem modos de socialização, papéis sociais e até sentimentos esperados em determinadas situações (TELLES; PRIORE, 2004, p. 401).

Dessa maneira, a rotina de algumas mulheres se modificou a partir de sua mobilização para combater essa ideia hegemônica, que de modo bastante vertical, as represavam e as silenciavam. A partir do trabalho articulador, em compor movimentos sociais e estarem organizadas para combater essas ideologias, sua realidade começou a ser modificada e o seu papel social passou a ser repensado em uma perspectiva da sociabilidade. Com o apoio de várias entidades políticas criadas por mulheres, inicia-se um processo de desbravamento feminino nas diversas áreas de atuação na sociedade: educacional, política, artística e social, facilitando o surgimento de pioneiras em muitas áreas do conhecimento.

A imprensa foi canal para a constituição de uma “consciência feminista”², que se desenvolveu a partir do fortalecimento das mulheres neste lugar que é a literatura, onde narravam seu cotidiano, discutem sobre temáticas pertinentes à luta das mulheres ao espaço público. Em busca de uma nova concepção sobre a mulher na sociedade, as escritoras repensavam as escritas já formuladas sobre o feminino – a partir de uma visão masculina - e, ao passo que refletiam em seus textos sobre esses novos conceitos, propunham uma “formulação do eu”, diante dos literatos já publicados.

Contudo, esse ingresso na imprensa resultou de resistências por parte da sociedade, onde muitas mulheres passaram a se utilizar de pseudônimos para poder expressar sua opinião sobre a sociedade, o divórcio, o seu acesso à educação e sobre questões políticas (PEREIRA, 2010, p. 4). Além de muitas críticas, o aparecimento das mulheres como articuladoras na imprensa possibilitou a criação de jornais e revistas fundadas por grupos de mulheres que buscavam ressaltar um discurso mais direto e exaltado sobre a emancipação feminina, como destaca Pereira (2010):

Muitas escritoras utilizavam pseudônimos ou escreviam para pequenos jornais do interior, com público restrito e específico. O surgimento de periódicos dedicados ao sexo feminino e, posteriormente, produzidos por mulheres criam condições para o aparecimento dessas escritoras. O primeiro periódico brasileiro dedicado às mulheres, *O Espelho Diamantino – Periódico de Política, Literatura, Belas Artes, Teatro e Modas, dedicado às Senhoras Brasileiras*, surge em 1827, fundado por Pierre Plancher, responsável pelo *Jornal do Comércio*. De 1829 a 1832, circulou em São João del-Rei *O Mentor das Brasileiras*, que circulou de 1829 a 1832. Outros vão aparecendo, preocupados com questões do universo feminino. (PEREIRA, 2010, p. 3).

Entre as cronistas de destaque do Brasil no século XIX, de acordo com a pesquisa de Pereira (2010) sobre a crônica de autoria feminina, encontra-se Nísia Floresta Brasileira

² Discutida por Constância Lima Duarte (2010), se refere ao processo de entrada da mulher à crítica social a partir de seu acesso ao letramento, à leitura e à escrita.

Augusta (1810-1885), Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) e Carmem Dolores (1852-1910). Aqui, suas crônicas assumem uma utilidade de memória coletiva da história feminina, onde as mulheres atuantes nesse cenário lutaram, com suas produções opinativas, para a valorização da mulher no espaço público.

Nesse contexto, as mulheres escritoras que precedem o século XX foram cruciais para o fortalecimento de uma literatura feminina no Brasil, que veio se consolidar a partir das primeiras décadas do novo século. Suas produções textuais nos periódicos colaboraram para a inscrição de sua atuação frente ao cenário histórico que estavam construindo, que poderiam ser divulgadas tanto em jornais de terceiros quanto em periódicos produzidos por grupos de mulheres, que encontravam dificuldades em obter um espaço na imprensa.

O estudo sobre a imprensa das mulheres no século XIX, apresentado por Muzart (2013), evidencia a presença de outros destaques na crônica brasileira durante o início do século XX: Josefina Álvares de Azevedo, Corina Coaracy, Carmem Dolores, Gilka Machado e Maria Lacerda de Moura, que articuladas em um movimento de sororidade feminista e literária, puderam prosseguir para uma constituição de um periodismo feminino, que “embora segregadas da vida literária e da vida produtiva, refugiam-se nessas atividades “não respeitadas”, onde eram encaradas com um olhar condescendente” (MUZART, 2013, p. 231).

O uso das crônicas nesse processo possibilitou hoje o resgate da história e experiências femininas, através de um trabalho historiográfico que o gênero textual desempenhou. A partir disso, pode-se ter uma noção das diversas visões e realidades cotidianas da “experiência feminina” nos muitos âmbitos sociais (MATOS, 2013), focando na memória que as crônicas produzem sobre um determinado espaço e tempo. Também foi possível, a partir dos estudos da crítica feminista³, evidenciar o trabalho das mulheres ao longo dos séculos, em uma tentativa de equiparar à longa lista de cronistas homens atuantes no Brasil e fazer público as protagonistas mulheres do século XX, quando os estudos brasileiros sobre a crônica começaram. E aponta:

As críticas sinalizavam que não se tratava apenas de incorporar as mulheres no interior de uma narrativa pronta, quer mostrando que elas atuaram e atuam tanto quantos os homens, quer destacando as diferenças de uma “cultura feminina”, perdendo-se, assim, a multiplicidade do ser feminino e podendo cair numa perspectiva essencialista. Enfrentando a preocupação em desfazer noções abstratas de “mulher” enquanto identidades únicas (a-

³ Citados por Matos (2013), refere-se aos estudos sobre o papel da mulher na família, no casamento, na maternidade, na sexualidade, na educação, na literatura e na imprensa, debatidos por Dias (1984), Engel (1989), Esteves (1989), Leite (1984), Rago (1985), Samara (1989), Soihet (1989), Buitoni (2009), entre outros.

histórica e essencialista), buscou-se reconhecer a diferença dentro da diferença, apontando que mulheres não constituem simples aglomerados; elementos como cultura, classe, raça/etnia, nacionalidade, geração, crença religiosa e ocupação devem ser ponderados e entrecruzados num desafio de desvendamento que evitem tendências a generalizações (MATOS, 2013, p. 7).

Estes estudos vêm contribuindo, desde o seu início, para a pluralização das visões em relação ao cotidiano das mulheres no passado e no presente. Levantando questionamentos em relação à hegemonia, a partir de pesquisas em documentos oficiais e não oficiais e da história oral, busca evidenciar uma leitura crítica, apesar da fragmentação dos registros da atuação feminina, fomentando ainda mais a discussão sobre a participação feminina na sociedade.

A crônica é um desses documentos, que possibilitou, e possibilita até os dias de hoje, a visualização de um espelho do passado, se constituindo como um “lugar de memória” para estas pesquisas. De acordo com Pereira (2010, p. 6), essa memória pode ser considerada uma “memória coletiva”, tendo em vista que mesmo que fosse narrado a partir de uma só cronista, representava a condição de lutas diárias várias mulheres no âmbito social.

A segunda metade do século XX foi marcada pela consolidação da crônica brasileira nos diversos suportes de publicação, sejam eles jornais, livros e outros encartes literários, dada a sua forte expressão. Esse processo contribuiu para a formulação de um perfil feminino dentro das crônicas e colaborou para incrementar a discussão sobre a mulher na literatura, principalmente como produtoras de uma memória social.

O ponto importante dessas e de outras descobertas é outro papel que a crônica desempenhou durante esse processo de representação da mulher no espaço literário, sendo considerado o gênero que mais constantemente abordou temáticas do universo feminino, em um movimento de personificação e atuação da mulher dentro das narrativas (SIMON, 2006, p. 62).

Essa personificação demonstra a fase inicial da representação feminina a partir de cronistas homens, ao usar personagens mulheres e histórias femininas sob uma perspectiva masculina dos fatos. E, desse modo, essa atuação considerando a mulher protagonista das ações sociais e produtoras de suas narrativas dentro dos jornais, foi se revelando ao longo dos séculos, por suas lutas, reivindicações por direitos, pelas diversas questões levantadas nos textos e suas conquistas frente aos paradigmas sociais.

Posteriormente, ao passarem a atuar frente à escrita baseando-se em suas próprias histórias e gerando suas próprias representações, algumas mulheres desse século puderam democratizar os diferentes entendimentos sobre o feminino, suas reais experiências e

perspectivas acerca do cotidiano. A partir do estudo dos cronistas e as mulheres, Simon (2013) elencou Carmem Dolores, Júlia Lopes de Almeida, Clarice Lispector, Rachel de Queiroz, Eneida de Moraes e Cecília Meireles como as maiores cronistas brasileiras dessa época.

Na Paraíba, a crônica teve importante papel na instrução social, tendo em vista que as primeiras escritoras locais surgiram a partir de uma reconfiguração social, dada a atuação da mulher na educação das famílias. Essa mudança facilitou o acesso da mulher à literatura e a produção textual foi inevitável, apesar da publicização nos periódicos ter sido dificultada. Nos resta questionar quem foram essas mulheres e como se deu esse processo.

2.2 A CRÔNICA NA IMPRENSA PARAIBANA

De acordo com Souza (2011), a imprensa paraibana do século XIX foi constituída, em sua maioria, por uma elite intelectual que valorava a instrução e a usava como técnica para produção de textos culturais e políticos. Era uma imprensa que focava na disseminação de textos a respeito de diversos temas: política, leis, literatura e sociedade, de um modo geral. Essa instrução, diz o autor, foi responsável por trazer uma “civilização” cultural na imprensa, a tornando difusora desses discursos.

Devido à sua dependência em relação à Recife, a imprensa paraibana demorou a se desenvolver e a constituir uma cultura letrada e ativa. O elevado grau de analfabetismo local também era um fator relevante a ser considerado, mas foi a partir do trabalho de vários agentes importantes no cenário social, nos periódicos em circulação no século XIX, que houve a consolidação de uma “cultura escrita e letrada”.

Um dos aspectos da imprensa nesse período é a capacidade textual dos periódicos, a partir desses intelectuais, rememorarem “o passado instrucional da província, atuando como agentes históricos na produção e divulgação dessa cultura educacional” (SOUZA, 2011, p. 3), transformando os jornais em uma rica fonte de material para pesquisas historiográficas. Dentre esses textos está a crônica como forte aliada na construção de uma imprensa local.

Os agentes inseridos nesse contexto eram estudiosos, médicos, advogados, jornalistas, políticos e professores, personagens diretamente ligados à uma formação intelectual e cultural, características que ressaltam de forma muito clara nos textos que eram produzidos. Essa produção se pautava em um contexto político-social da época, que fomentava um discurso político partidário vivenciado pela sociedade.

O jornalismo paraibano tinha caracterizado em seus periódicos fortes embates políticos, com participação de leitores e partilhava da mesma realidade de desenvolvimento de outros jornais brasileiros. A ausência estética nos jornais e a falta de uma classificação da informação eram outras características presentes, que posteriormente evoluíram de forma mais lenta, se comparado à imprensa pernambucana. Esses inscitos, posteriormente, passaram a ser vinculados culturalmente devido à sua contribuição para o fortalecimento da literatura (VILAR, 2005).

Segundo o estudo de Vilar (2005) sobre a literatura e os periódicos paraibanos do século XIX, o jornalismo foi importante na evolução da literatura local, estando ela associada às atividades da imprensa, que até os séculos atuais perpetua essa relação. Esses escritos estão ligados ao universo do cotidiano paraibano e se tornaram importantes fontes de pesquisa para a compreensão de questões sociais do presente e do passado.

A inserção da crônica e de outros gêneros literários nos periódicos possibilitou uma pluralidade de distribuição, caracterizando o jornal como um arquivo dinâmico de conteúdos literários, que inicialmente vem apenas ser considerado pelos historiadores como “um repositório de práticas de produção e circulação de textos e autores” (VILAR, 2005, p. 3), onde só serviam para a publicação de algo que já havia sido conhecido nos livros, mas que depois concentra produções inéditas, que muitas vezes não são publicadas em outras plataformas impressas.

Em outras palavras, essa aproximação da história da literatura das práticas culturais paraibanas tenta evitar o que João Adolfo Hansen chama de “etnocentrismo espontâneo da leitura”, que consiste de interpretações anacrônicas – como a que fazemos quando utilizamos o termo literatura e a categoria estética a produções de todo o século XIX – porque ignoramos que o significado de uma obra subordina-se tanto a códigos e acordos específicos, como a uma comunidade de leitores, que a “organiza sincronicamente, de acordo com as categorias e os preceitos do seu presente. Essa organização também se faz diacronicamente, segundo suas apropriações, valores-deuso” e o seu repertório de leitura. Uma pesquisa em jornais evita, portanto, tomar a “obra” final – impressa em livro – como definitiva e a única passível de investigação. Assim, ao considerar as outras modalidades de apresentação de um mesmo texto, conhecemos as relações de (re)significação que podem ser estabelecidas a partir da sua leitura em um periódico, por leitores contemporâneos (VILAR, 2005, p. 4).

Os textos literários apresentados nos jornais do fim do século XIX seguiam seu “caráter didático”, englobando os fatos, a poesia, política e ciências, que até a década de 1970 se apresentava em uma página intitulada de literária, apresentando os diversos gêneros comumente publicados na imprensa paraibana, entre eles ensaios, cartas, resenhas, biografias,

poemas, contos e crônicas. Os textos anteriormente publicados sem um aviso de autoria, ou a partir de pseudônimos (que pode denotar a presença feminina na época), vão se apresentando de forma a evidenciar o trabalho do autor de uma maneira específica.

Os estudos sobre a crônica paraibana revelam o cenário histórico, político e social, que se inscreve nas produções textuais publicadas na imprensa do século XIX, temáticas relacionadas as condições em que vivia a Parahyba em um contexto de revoluções e reconfigurações políticas. A crônica nesse período ainda não tinha sua caracterização, sendo considerada “ensaios” publicados nos jornais.

Em seu trabalho, Silva (2009) evidenciou as condições das crônicas publicadas, que a partir de um referencial, foi e é instrumento para uma maior compreensão das práticas sociais descritas nos textos. Analisou ainda a relação dos agentes envolvidos nesse processo, como o cronista e o leitor, e a própria crônica como ferramenta de comunicação de uma realidade e lugar social. Em seu estudo sobre as crônicas do período acima citado, Silva buscou respostas para quatro questões gerais que circundam o gênero:

[...] a) a noção geral textual constituído naquele século XIX; b) a situação contextual diante da história social da Paraíba colocada nesse jornal, através da crônica; c) estrutura política e burocrática de uma “nova” era moderna; d) o fenômeno linguístico, como caráter próprio do gênero: a metáfora (SILVA, 2009, p. 2774).

A partir de sua leitura, foi possível ter uma concepção histórico-social relacionada aos cronistas e seu lugar dentro dos jornais e evidenciar a principal característica da crônica paraibana daquela época, que era a utilização da metáfora. A metáfora, nesse contexto, era o método utilizado pelo cronista como instrumento de experimentação de seu próprio imaginário, mostrando aos leitores sua capacidade articuladora de referenciar diferentes aspectos do seu conhecimento de mundo em sua expressão textual.

Essa referência a um universo externo ao presente possibilita o fortalecimento da memória social, a partir da utilização das metáforas. Os leitores, ao acompanharem o trabalho do cronista do século XIX e XX, seguem as narrativas e se identificam com a sua realidade, mesmo que as temáticas não sejam necessariamente sobre o que se está abordando. Isso gera no social um processo identificador comum, que traz à tona memórias e conexões linguísticas que já haviam sido abandonadas e transformam-na em novas. E funciona porque em um determinado contexto, existe uma memória cultural que está alinhada no processo de comunicação textual da crônica, que aproxima o cronista e o leitor. Assim, o cronista utiliza

os recursos linguísticos necessários para conectar suas ideias e convencer o leitor de suas conjecturas.

A imprensa paraibana do século XX, enfatiza Hildeberto Barbosa Filho⁴, jornalista, professor e crítico literário, teve uma grande abertura para a literatura e a cultura de um modo geral, pensando na perspectiva de que muitos escritores tiveram, e até hoje têm, acesso a um espaço nos jornais em busca de divulgar sua obra ou suas produções literárias.

Da mesma forma, o movimento oposto acontece, fazendo da imprensa porta de entrada para a descoberta de muitos escritores locais, além de se consolidar como um espaço legitimado onde atuam diferentes personalidades em uma tentativa de refletir a realidade através dos seus textos. Entre eles, José Edilberto Coutinho⁵, Carlos Augusto Romero, Gonzaga Rodrigues, Martinho Moreira Franco, Luiz Augusto Crispim, Hildeberto Barbosa Filho, Carlos Azevêdo e Wellington Pereira.

Aponta também, que as transformações no jornalismo afetaram a maneira como os literatos são apresentados:

Antigamente, o jornalismo era mais analítico, era mais reflexivo e apesar de ter dito que há esse espaço, o espaço era bem maior. Havia um espaço de criticidade maior. Hoje, o jornalismo, falando do impresso, perdeu muito essa capacidade reflexiva – analítica e se aliou muito a coisas, vamos dizer assim, meramente informativas, mais da notícia, e, com isso, ele perde muito, embora tenhamos, sim, alguns jornais, e cito *A União* e temos o semanário, como o *Contraponto*, que ainda mantém um mínimo de espaço para estabelecer uma discussão crítica, mas isso cada vez mais está desaparecendo. Quando tem a parte de coluna são espaços muito pequenos, pílulas, assim não dá nem para pessoa fazer uma reflexão mais densa, mais profunda, porque o espaço é muito limitado. Essa é a mudança básica (BARBOSA FILHO, 2018).

Assim, os espaços para veiculação de textos literários, inclusive das crônicas diminuiu ao longo dos séculos, tendo que “competir” com o fluxo de informações constantemente. Dessa forma, a veiculação de crônicas e outros textos literários em espaços especializados se tornou real, como por exemplo a formulação do *Correio das Artes*, antes um caderno especial tipicamente literário, que era publicado mensalmente pelo jornal *A União*; atualmente se consolidou como um suplemento literário do periódico.

Além disso, a relação dos cronistas com o tempo e a produção se diferencia a partir das mudanças da imprensa. Antes tinham mais espaço e dessa forma, mais produção textual

⁴ Entrevistas em profundidade concedidas à autora (18 jun 2018).

⁵ Alguns dos cronistas encontramos citados em FLORES, Rosali Cristofoli. **Acervo Memorial dos Acadêmicos da Academia Paraibana de Letras**: conhecimento para a preservação. João Pessoa: UFPB, 2010.

veiculados nos jornais. Nos séculos seguintes, esse cenário foi abrangendo publicações esporádicas, mesmo se mantendo de forma constante, muitas publicações deixaram de ser diárias e passaram a ser sazonais.

A percepção do autor também se modifica, passando a enxergar os fatos considerando um referencial noticioso, tendo em vista sua inserção nesse mercado da informação. O que era tido como um relato ou reflexão de uma visão particular, passa a ser exigido como um comentário da realidade que complemente os objetivos editoriais dos jornais. Sem contar com o quesito interação, que até o fim do século XX era feito a partir de cartas de leitores publicadas e hoje se dá de diversas maneiras, como por telefone, por *internet* e pessoalmente.

No século XXI, a crônica paraibana está marcada pelo estilo particular do autor (ou autora, nesse caso), onde a maior preocupação é imprimir uma ideia do cotidiano de forma muito pessoal, no sentido estilístico e conceitual. Assim, “o cronista faz do uso da palavra, se caracterizando, sobretudo, com um estilo específico que revela uma visão de mundo bem peculiar e varia de acordo com cada cronista” (BARBOSA, 2018).

Esse uso, no caso das mulheres, só veio a ser possível graças ao acesso à educação e à literatura, fruto de uma necessidade de expandir suas ideias a um patamar público, através de seu ingresso no meio intelectual. Essa inserção feminina na imprensa a partir do século XIX foi fruto justamente da sua inserção nesses espaços, sendo esses considerados os principais caminhos traçados por mulheres em todo o Brasil com destino à esfera pública (PAIVA; DUARTE, 2009).

Por enfrentar resistências em relação ao ingresso feminino ao âmbito público, mas principalmente na educação, as mulheres ingressaram na imprensa para manifestar sua insatisfação e lutar por direitos, como votar, trabalhar, divorciar-se. A escrita nesse caso, foi a ferramenta que possibilitou as mulheres romperem as barreiras em busca da quebra do silêncio e para participar mais ativamente da vida social.

A educação na Paraíba, como em todo o país, está diretamente relacionada com o movimento de emancipação feminina, que oportunizou às mulheres o acesso ao trabalho fora do âmbito privado, geralmente vinculado ao Magistério, mas também no Direito, na Medicina e outras profissões prestigiadas socialmente. A literatura veio para fortalecer ainda mais a sua participação nos espaços sociais, atuando em saraus e feiras culturais com publicações em livros, mas principalmente em jornais e revistas especializadas. E enfatiza as autoras:

[...] os jornais serviam à circulação e divulgação de textos literários também para as escritoras, uma forma de alcançar certa visibilidade intelectual, de

discutir, de participar da “conversa”. Nesse sentido, vale ressaltar a importância desse veículo como instrumento de inserção da mulher no campo das letras – quer pela criação dos jornais e das revistas femininos quer pela publicação na imprensa já estabelecida e dirigida pelos homens –, porta de acesso bastante estreita para as mulheres que almejavam serem reconhecidas como “mulheres de letras” (PAIVA; DUARTE, 2009, p. 14).

Justamente nesse ponto, a crônica feminina paraibana se desenvolve, a partir do surgimento de uma presença feminina nos periódicos da época, fomentado principalmente por professoras e, posteriormente, também por outras profissionais, além de mulheres que não tinham vínculo com atividades acadêmicas, mas desempenhavam uma atividade social na qual se destacavam.

O estudo de Bernardo (2013), aqui apresentado, também como o de Sales (2005), evidencia o rico trabalho literário que professoras locais desenvolveram, constituindo as primeiras escritoras paraibanas na imprensa. Os seus escritos geravam novidade, com um texto mais criativo e novas problematizações, formulando novas visões de mundo e reorganizando os espaços onde estavam inseridas (2013, p. 3). O uso da memória também é destaque como forma de resgatar as histórias e o passado. Entre elas estão Analice de Caldas Barros, Anayde Beiriz, Eudésia Vieira, Lylia Guedes, Maria Ignez Mariz, Olivina Carneiro da Cunha, Juanita Machado, Ezilda Barreto, entre outras protagonistas do século XX.

Este período precursor da história inicial da imprensa e literatura feminina paraibana foi marcado pelas particularidades de cada escrita, evidenciando um contexto social e o lugar das autoras. O que tinham em comum era um “fio condutor”, segundo Sales (2005), que fazia referência a interlocução feminina, relacionada a opressão social vivida pelas mulheres deste período.

Em seu estudo, a autora identifica que as mulheres escritoras se caracterizavam como moças ou senhoras de classe média, que emanciparam a sua educação e se tornaram autodidatas na instrução. Mas destaca: “se todas passam por essa feição, nem por isso têm a mesma voz e mesmas preocupações e os mesmos motivos. Na realidade, são vozes de polifonia, criando uma pequena rede de sentidos e temáticas diversas” (SALES, 2005, p. 43).

Para tal, as escritoras pioneiras seguiram uma direção contrária da história, sendo “desobedientes” à sociedade, que considerava um “escândalo” o fato da mulher ler, escrever, trabalhar fora do âmbito familiar, opinar e publicar textos, sendo “expostas”. A partir destas práticas, de maneira muito intuitiva e consistente, as escritoras foram rompendo o silêncio e conquistando um lugar no espaço público, seja ele na literatura e/ou na imprensa. A partir de sua escrita, relata Sales (2005), as escritoras socializaram “outras possibilidades para o Ser

Mulher”, destacando suas lutas políticas em um cenário de preconceitos e de resistências. Assim, as escritoras paraibanas, teceram, a partir do ato de escrever e educar, um cotidiano de resistências, construindo uma luta política e novas possibilidades de atuação para o público feminino.

Outro ponto crucial para o fortalecimento do discurso feminino neste período foi o posterior surgimento de uma imprensa feminista em todo o Brasil, afirma Teles e Leite (2013). Isso se deu, primeiro, pela importância das lutas e intervenções organizadas por mulheres em alguns países, como EUA, e a consolidação do Ano Internacional da Mulher, no início do século XX. Esse fato possibilitou um maior entendimento em relação aos movimentos sociais femininos, propiciando uma oportunidade de discussão e uma reorganização em favor da quebra de paradigmas em todos os espaços em que as mulheres estavam inseridas.

Algumas décadas após este marco, em um contexto pós-luta armada, que se refere à ditadura militar (1964-1985), as mulheres passaram a se organizar de forma mais incisiva e o movimento feminista obtém um crescimento consistente na imprensa. Uma iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU) culminou na consolidação do movimento feminista o Brasil, através de uma reunião na Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e a criação do Centro da Mulher Brasileira (TELES e LEITE, 2013, p. 52).

A partir de 1975, as escritoras fundaram jornais e revistas, produzidos para e por mulheres, para garantir a sua trajetória nos campos de disputa, na imprensa e no social. Os jornais de mais destaque, segundo o estudo sobre a construção do feminismo na imprensa do pós-luta armada, foram o *Brasil Mulher* (1975-1980) e o *Nós Mulheres* (1976-1978). Isso teve impacto em organizações feministas de todo o país, e reafirma a trajetória histórica e política do movimento no século XX, a partir da retomada pública do movimento feminista no Brasil e da explanação das lutas sociais das mulheres das mais diferentes realidades dentro do mesmo contexto histórico.

No século XXI, a escrita feminina ainda se mantém forte no jornalismo paraibano, caracterizado majoritariamente através da crônica. Esta destaca opiniões e pontos de vistas particulares, compromissada com o dia a dia e narra os acontecimentos de forma perspicaz, humorada, sarcástica ou metafórica, a depender do estilo da cronista. Se apresentam geralmente nas páginas de opinião, mas podem estar fixadas em outras páginas do jornal, sendo publicadas periodicamente assinadas pela autora.

Por estarem inseridas em um espaço gráfico com limitações, muitas vezes o tamanho da crônica tem que ser redefinido, assim como todas as publicações do jornal, mas em relação

à construção da narrativa permanece rica em detalhes, mantendo seu aspecto crítico e reflexivo. As limitações espaciais são supridas com uma segunda publicação, continuação do texto anterior, ou a partir do seu compartilhamento em outras plataformas, como livros, *blogs* e redes sociais.

Podemos destacar, a partir das observações de Barbosa (2018) outras mulheres que apareceram nesse cenário da imprensa paraibana: Belminda Vinagre, Mariana Cantalice Soares, Maria das Graças Santiago, Claudia Gondim, **Ana Adelaide Peixoto**, **Vitória Lima**, **Joana Belarmino**, Elizabeth Marinheiro, Clotilde Tavares, Molina Ribeiro, Lourdinha Luna e Neide Medeiros.

2.3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Com o objetivo de estudar a crônica feminina na imprensa paraibana, esta pesquisa se propõe a refletir sobre a participação das mulheres cronistas nos jornais impressos da Paraíba, discutindo o papel da crônica enquanto forma de narrar o cotidiano e de construir sentidos sociais, se constituindo como um lugar de fala e representação para as mulheres, a partir da discussão de autores como Pereira (1994), Medeiros (2004), Melo (1985), Chaparro (2008) e Sá (1985).

Em busca de contribuir para a formulação de uma cartografia sobre a atuação da mulher na imprensa paraibana, realizamos um levantamento das mulheres que aparecem no cenário do jornalismo impresso, pesquisando nos jornais *A União*, *O Contraponto*, *Correio da Paraíba*, *Jornal da Paraíba*, *O Norte* e *Correio das Artes*, no período entre os anos de 2011 a 2017. Com estas informações, produzimos uma tabela que menciona a participação de algumas mulheres nos jornais citados, descritas pela observação das publicações encontradas.

Através dessa cartografia, pudemos visualizar as mulheres cronistas atuantes na imprensa local, considerando a trajetória permanente e a regularidade de publicações nos jornais em circulação até o ano de 2017. Assim, elegemos três principais cronistas atuantes: **Ana Adelaide Peixoto**, **Joana Belarmino** e **Vitória Lima**, apresentadas nos jornais *A União* e *O Contraponto*. Além da assiduidade nas crônicas, estas mulheres configuram uma vasta participação na literatura paraibana, tendo em vista suas produções literárias.

Compondo o *corpus* do nosso estudo, elencamos uma amostra significativa das publicações dessas mulheres nos jornais. Assim, escolhemos o ano de 2017, o mais recente em relação a esta pesquisa e o que nos apresenta uma interrupção nas publicações do jornal *O Contraponto*, a partir de março de 2017, voltando a circular apenas em outubro do mesmo ano

(saiu de circulação definitivamente em junho de 2019). Isso nos chamou a atenção, pela possibilidade de observar a veiculação das crônicas em novos espaços, tendo em vista a escrita como um processo contínuo. Ao todo foram 98 crônicas colhidas para a análise.

A partir disso, nos interessa perceber como essas crônicas femininas, publicadas na imprensa paraibana, pautam questões pertinentes no que se refere às rotinas de escrita, à temática de gênero, discutida nos textos, e às escritas de si, relacionadas à representação dessas mulheres nas suas próprias crônicas. Ainda nos interessa ver como as mulheres cronistas usam dos espaços digitais, como interface para a divulgação, compartilhamento e interação com a crônica, ampliando o seu campo de discussão e ressignificando sua relação com os leitores e com o cotidiano dentro desses espaços alternativos.

Partindo para uma composição história, buscamos contextualizar a participação feminina na imprensa paraibana a partir dos estudos de Matos (2013), Simon (2006), Vilar (2005), Bernardo (2013), Duarte e Paiva (2009), Priore (2004), Perrot (2007) para discutir a inserção das mulheres nos espaços públicos desde o século XIX, com o seu acesso à educação, à literatura e aos periódicos.

Esse processo, marcado por lutas e embates ideológicos, possibilitou às mulheres se inscreverem na história, romperem o silêncio sobre o âmbito privado e se posicionarem em relação à sua condição na sociedade. O desenvolvimento de movimentos sociais fortaleceu o discurso das mulheres, o que viabilizou conquistas de direitos sociais no campo político, profissional e pessoal através da participação feminina na imprensa.

A partir dessa compreensão, questionamos a presença feminina na imprensa paraibana, problematizando a visibilidade da atuação das mulheres cronistas, que compõem um cenário especializado do jornalismo local. Também refletimos o papel da crônica no processo de representação do cotidiano, que se constitui como um dos gêneros que mais se destaca no campo de atuação feminino. As crônicas estudadas abordam temas sobre literatura, política, viagens, questões sociais e suas experiências cotidianas, que são publicadas semanalmente.

Entendemos que a escrita feminina na imprensa se tornou importante para o fortalecimento dos discursos feministas e para a construção de uma visão alternativa dos fatos, através da opinião das mulheres. Sendo assim, dividimos com Machado (2005), Azevêdo (2011), Casadei (2011) e Silveirinha (2012), o debate sobre esse espaço que a crônica concede, que se configura como um cenário de disputas e de visibilidade e que gera sentidos sociais a partir da escrita feminina.

A discussão sobre o lugar da crônica no jornalismo e o seu papel em conceder um espaço de fala e de representação para as mulheres cronistas na imprensa da Paraíba é

pertinente para esta pesquisa. Neste contexto, a crônica se constitui como um lugar social (CERTEAU, 1982), caracterizado pela relevância deste espaço na evolução dos discursos e práticas sociais em relação às mulheres. Além disso, refletimos como é constituída a representação feminina nas crônicas estudadas, baseada no debate sobre os estudos de Arruda (2002) sobre as teorias das representações sociais e de gênero.

Nos voltamos à crônica para perceber que relação ela tem com quem a escreve, focando na exposição de suas inquietações, experiências e opiniões nas publicações, que revela um caráter subjetivo. Discutido por Foucault (2002) e por Gomes (2004), refletimos sobre a subjetividade das crônicas de Ana Adelaide Peixoto, Vitória Lima e Joana Belarmino e na caracterização de uma visão particular do cotidiano a partir da crônica feminina e das escritas de si na história das mulheres.

No tocante à trajetória das mulheres, nos debruçamos na construção de um perfil, traçando sua história de vida, baseado na construção da história oral, suas experiências e pontos de vista em relação temas pertinentes a esta pesquisa, no que engloba **questões de gênero, do cotidiano e das escritas de si**. Assim, discutimos sobre a trajetória das mulheres cronistas no jornalismo local, focando na sua atuação dentro da contextualização dos acontecimentos a partir da interpretação das entrevistas em profundidade realizadas com as cronistas.

Os perfis foram pensados e produzimos baseados nos tópicos de gênero, cotidiano e escritas de si. As entrevistas em profundidade aconteceram em 2018, com cada uma das escritoras, na cidade de João Pessoa (PB). Neste trabalho, destacamos o material da descrição literal, fruto dos encontros promovidos entre a pesquisadora e as autoras. Esse material é importante para a compreensão da dimensão subjetiva da vida e trajetória das escritoras, bem como alguns aspectos da dimensão cultural e ideológica das mulheres em destaque.

O conteúdo que nele se expõe, constitui parte do *corpus* da pesquisa, fundamental para a interpretação das crônicas e para a contextualização sócio-histórica de seus personagens. Para nos ajudar a refletir sobre a crônica na Paraíba, também realizamos uma entrevista em profundidade com o escritor e professor universitário Hildeberto Barbosa Filho, e, desse material, produzimos uma discussão para o entendimento sobre o cenário local, a partir de outra visão, que não seja a das mulheres.

Essas categorias de análise, constituídas para abordar questões pertinentes dessa pesquisa, se desenvolvem também para nos guiar na análise do material, que segue fundamentada na metodologia da Hermenêutica da Profundidade de Thompson (2011). Esse método nos permite observar os dados, a partir da leitura das “formas simbólicas”, que busca

compreender a subjetividade, a partir da contextualização do autor em um lugar social, em uma construção histórica, cultural e ideológica. Assim, colocando as mulheres dentro desse cenário de atuação social, poderemos realizar uma “reinterpretação” do campo feminino, em detrimento aos acontecimentos. Para isso, cruzaremos as entrevistas em profundidade, com a interpretação das crônicas, em uma leitura crítica da inscrita feminina paraibana.

Em primeiro lugar abordamos como as crônicas, segundo uma experiência feminina do cotidiano, tratam as narrativas de gênero dentro dos jornais, a partir da concepção das autoras, de forma individual e inseridas em seu respectivo lugar na imprensa. Em segundo, como se dão as rotinas de escrita dessas mulheres, a partir do seu entendimento de mundo, considerando que são mulheres que desenvolvem outras atividades, são exigidas socialmente a exercerem outros papéis para além da escrita e nos interessa saber como funciona a relação delas com o seu próprio cotidiano e com a escrita.

Analizamos também como as mulheres se inscrevem na imprensa, possibilitando uma compreensão dos mecanismos da crônica em narrar a trajetória feminina no jornalismo paraibano, visualizando suas perspectivas de atuação, a partir do seu ponto de vista e representação no cotidiano. Além disso, observamos como as escritoras utilizam o espaço digital como campo alternativo de divulgação dos textos publicados. As discussões levantadas neste trabalho nos revelam uma tipificação da crônica feminina paraibana, que inseridas na imprensa, contribuem para a inscrição histórica das mulheres e o debate sobre o feminino e seu cotidiano, a partir da visão das mulheres cronistas.

3 A PRESENÇA FEMININA NA IMPRENSA PARAIBANA

O século XIX foi marcado pela inserção da mulher na imprensa, que a partir de uma visão masculina, começou a ser representada em revistas e periódicos criados especialmente para entreter o público feminino. Essas produções enfatizavam o discurso patriarcal onde a mulher ideal seria a que mantivesse sua atenção voltada ao lar, tecnicamente ao âmbito privado (PINHEIRO, 2010).

Os jornais eram pensados para orientar as mulheres em suas diversas atividades domésticas (corte e costura, beleza, saúde, casamento e maternidade), focando principalmente em atender as expectativas sociais em relação à imagem da mulher do lar, que na época era tido como padrão. Esse modelo se consolidou na sociedade, se especializando, como cita Pinheiro (2010), desenvolvendo cadernos para mulheres casadas e solteiras, e segmentando as páginas a partir do conteúdo que seria abordado.

Em sua pesquisa sobre as “Leitoras e interlocutoras da literatura oitocentista”, Pinheiro (2010) aponta *O Gabinete da Leitura – Serões das Famílias Brasileiras* (1837-1838), *O Jardim das Damas* (1852), *Revista Popular* (1863-1878), que depois passou a ser chamada de *Jornal das Famílias*⁶ e *O Sexo Feminino* (1873-1889) como as primeiras produções nesse período no Brasil, que logo se disseminou por outras províncias, inspirando a criação de vários periódicos femininos. Na história oficial, a mulher entra na imprensa nesse contexto, que posteriormente passa a escrever os textos e publicá-los, material esse totalmente controlado por um crivo masculino.

No entanto, grupos de mulheres iniciaram vários movimentos sociais na luta pelo seu ingresso nos espaços públicos e assim passaram a fundar jornais e revistas criados para discutir as questões urgentes do seu cotidiano, no que se refere ao âmbito dos direitos por uma equidade de gênero. Logo, grupos de mulheres se reuniram para inserir na imprensa uma série de textos que ia contra o ideal da época e que buscava o desenvolvimento de “um novo regime discursivo”, que, conforme Teles e Leite (2013, p. 14), valorizasse a mulher e garantisse os seus direitos e um lugar de fala.

Esse processo se consolidou a partir de denúncias publicadas por jornalistas mulheres de várias classes sociais, que evidenciavam o cotidiano feminino e refletiam sobre direitos humanos, sobre sua condição social inferior e sobre questões do âmbito privado. Assim, o

⁶ Circulava no Rio de Janeiro e em Paris no século XIX. Este periódico continha uma produção exclusiva para mulheres, com editoriais e seções separadas, divulgando cartas direcionadas ao público feminino, com conselhos e orientações comportamentais.

movimento feminista começou a ser desenhado, através da entrada massiva de mulheres no espaço público, que teve seu ponto de eclosão no acesso das mulheres à educação (TELES e LEITE, 2013).

Enquanto a “imprensa feminina” representava a mulher “do lar”, a imprensa feminista liderada por mulheres vinha a ser um contraponto, democratizando as visões e representações das mulheres na imprensa. A partir das produções de jornais e revistas alternativas no século XX, a imprensa foi um canal usado para disseminar a história da luta das mulheres da época. Seus textos enfrentaram muita censura e críticas, tendo a necessidade do uso de pseudônimos no início para que as produções fossem publicadas e mais aceitas socialmente.

Essa estratégia foi usada para garantir que os textos chegassem às outras mulheres com mais facilidade e fortalecesse a discussão sobre as lutas armadas sobre direitos trabalhistas, precarização nas condições de trabalho, violência doméstica, entre outros. As autoras citam os jornais *Brasil Mulher* (1975-1980) e o *Nós Mulheres* (1976-1978) como os principais periódicos do movimento da imprensa alternativa feminista no período pós-luta armada⁷ do Brasil (TELES e LEITE, 2013, p. 15).

Desse cenário, podemos compreender o envolvimento das mulheres em constituir uma imprensa pautada na opinião, com um caráter ideológico, que aborda seu cotidiano a partir do entendimento que uma imprensa feminina as representavam, em uma referencialidade temporal que as distanciavam de um jornalismo informativo (BUITONI, 1981). A representação das mulheres a partir da visão masculina, além de afastar a imprensa feminina da atualidade, fez com que, por muitos anos, acredita Buitoni, (1986) as mulheres fossem consideradas um “mito” na imprensa.

Justamente aí está a falha que desvincula a mulher de sua época e seu contexto, que a transforma num ser à parte, independente de circunstâncias concretas. A separação qualidades ideais/realidade, que já é um dado cultural, também está na imprensa feminina. Aliás, sem adiantar conclusões, essa imprensa tem colaborado para que a separação permaneça e aumente. Anteriormente, comentamos que o jornalismo informativo não é muito usado pela imprensa feminina: logo, o próprio tratamento da matéria não favorece a ligação mulher/mundo (BUITONI, 1986, p. 5).

De certo, o trabalho das mulheres na imprensa, desde sua inserção no século XIX contribuiu para a discussão sobre o seu papel na sociedade e para que a trajetória feminina fosse escrita na história. Devido a esse “lugar da mulher” estar relacionado ao âmbito privado,

⁷ Contexto da consolidação do movimento feminista durante a ditadura militar no Brasil, com a participação das mulheres na criação de uma imprensa feminina alternativa.

pouco se sabia historicamente sobre suas experiências e pertinências. As produções textuais publicadas em uma imprensa que repensavam o feminino, oportunizaram o ingresso permanente no espaço público e lhes concedeu o direito ao registro da sua própria jornada.

Assim como em todo o país, na Paraíba as mulheres seguiram este caminho. Primeiro veio a concessão ao direito à educação, que abriu as portas para o contato das mulheres às letras e, conseqüentemente, à literatura. A formação gerou “um senso crítico, lógico e artístico”, como cita Nascimento (2013), e isso foi essencial para modificar o papel da mulher na sociedade, transformando a realidade a sua volta. Depois, o interesse em discutir sobre questões pertinentes em seu cotidiano, questionando sua condição ainda inferior em relação aos homens e relatando suas experiências diárias.

Os espaços de escrita nos periódicos estavam sendo apropriados pelas mulheres para expressar suas inquietações, discursos nos quais as protagonistas se apropriaram da escrita, como forma de organizar o pensamento e problematizar o cotidiano, reescrevendo e construindo novas experiências. Nesse exercício de escrita de si, o sujeito se inscreve, e, constrói discursivamente suas subjetividades. Ao narrarem suas ações, motivações, inquietações e sonhos, vão se apropriando das possibilidades da escrita enquanto espaço de criação de novas compreensões sobre si e sobre o outro (NASCIMENTO, 2013, p. 7).

Em sua pesquisa sobre as “escritas de si” nos textos femininos da Paraíba da década de 1930, Nascimento (2013) evidenciou que os escritos das mulheres do final do século XIX e início do século XX abordavam temas voltados para o público feminino, como romances, contos, fotonovelas, receitas e etc. Alguns dessas produções reforçavam os valores patriarcais, representando a mulher no mesmo ambiente privado de onde estavam saindo.

Outras, questionadoras e pertinentes, quando publicadas, repercutiam negativamente nas revistas e periódicos, explica Nascimento (2013), devido a sua pouca aceitação, tendo em vista a autoria revelada. Isso mostra um movimento de silenciar as mulheres na imprensa desse período, que mesmo na ascensão de sua participação nos ambientes públicos e maior participação social, são repreendidas por opinarem publicamente.

Acredita-se que essa tendência de silenciamento feminino pode ter retirado as mulheres de “cena”, apagando muitas trajetórias na história oficial da escrita. As “mulheres de letras” existiram e atuaram no jornalismo paraibano, mas isso só veio a ser redescoberto a partir de pesquisas de gênero e escrita feminina, muitos anos depois. Tal é, que Nunes (2013) confirma a premissa, quando mostra os resultados de sua pesquisa onde apenas 1% dos escritos estudados na década de 1930 constavam como produzidos por mulheres.

Outro trabalho que discute a atuação das mulheres na escrita paraibana é o estudo de Bernardo (2013), onde pesquisou sobre a memória das professoras e escritoras do século XX e que revela, justamente, a mesma ausência de registros sobre essa presença feminina nos jornais e na literatura. Ela considera que esses resultados é a prova de que o processo de silenciamento aconteceu e afetou a sua inserção na história oficial.

Este silêncio pode ser constatado na lacuna existente sobre a presença da participação da mulher na literatura e na educação na Paraíba. Nossas escritoras e professoras foram excluídas da história oficial, sinalizando uma desvalorização de seus discursos, de modo geral, pela sua posição na hierarquia de gênero. Excluídas do processo de criação cultural, as mulheres estavam sujeitas à autoridade/autoria masculina. Para pode-se tornar criadora, a mulher teve que enfrentar muita censura e preconceito [...] (BERNARDO, 2013, p. 2).

Mesmo assim, a pesquisa historiográfica revelou a participação de mulheres, que datam do século XIX e XX, que são elas: Anayde Beiriz⁸, Analice Caldas Barros⁹, Eudésia Vieira¹⁰, Lylia Guedes¹¹, Olívia Carneiro da Cunha¹². Outras escritoras foram identificadas por Bernardo (2013) posteriormente, como Apolônia Amorim, Ambrosina Magalhães, Albertina Correia Lima, Alice Azevedo Monteiro, Catarina Moura, Francisca Rodrigues Chaves Moura, Francisca de Ascensão Cunha, Isabel Iracema Feijó da Silveira, Iracema Marinho e Juanita Machado.

Pesquisando também no Pequeno Dicionário dos Escritores/Jornalistas da Paraíba do século XIX (2009), pudemos detectar outras mulheres atuantes na imprensa paraibana desse século, tais quais Ezilda Milanez, Leonarda Merandolina e Beatriz Ribeiro. Maria Lúcia Nunes (2016), pesquisadora que também desenvolveu um projeto de pesquisa relacionado aos estudos dos escritos femininos nos jornais paraibanos entre os anos de 1920 a 1930, contribuiu para evidenciar a presença de outras mulheres com o seu estudo “Quando as mulheres escrevem: textos sobre a educação na imprensa paraibana” (2016). Mencionou em sua pesquisa Olivina Olívia, Julita Ribeiro, Tercia Bonavides, Carmita Coelho, Angelina Pereira Gomes e Dalva Santiago Rangel.

⁸ Professora e escritora da Revista *NOVA ERA*.

⁹ Professora e escritora.

¹⁰ Professora, jornalista, médica e poetisa. Atuou na Revista *NOVA ERA*, nos Jornais *O Norte*, *A União*, *A imprensa*, *A Gazeta do Recife*, e em *Novelar*, jornal da festa das Neves.

¹¹ Bacharel em ciências políticas e sociais, professora, escritora e sócia fundadora da Associação Paraibana pelo Progresso Feminino. Atuou na Página Feminina dos Jornais *A União* e *A Imprensa*.

¹² Pedagoga, escritora e cofundadora da Associação Paraibana pelo Progresso Feminino, colaborou na *NOVA ERA*, *A União*, *A Imprensa*, *Página Feminina* e *Manáira*.

Observamos poucos estudos voltados a traçar um cenário da escrita feminina paraibana no jornalismo no século XXI. Para tal, tivemos que buscar nos jornais a presença de mulheres escritoras/jornalistas para traçar uma cartografia dessa presença no período de 2011 a 2017, nos jornais *A União*, *O Contraponto*, *Jornal da Paraíba*, *Correio da Paraíba*, *O Norte* e *Correio das Artes* e chegamos a seguinte tabela:

Tabela 1 – Quadro de escritoras/jornalistas paraibanas identificadas entre os anos de 2011 a 2017

JORNALISTAS E ESCRITORAS	JORNAL	GÊNERO TEXTUAL - JORNALÍSTICO
Ana Adelaide Peixoto	O Norte, Correio das Artes, O Contraponto	Crônica
Ângela Bezerra de Castro	Correio das Artes	Crítica literária, Crônica
Elizabeth Marinheiro	Jornal da Paraíba	Crítica literária
Joana Belarmino	O Norte, A União, Correio das Artes	Crônica, Conto
Katarine Laroche	O Contraponto	Crítica de Arte
Lena Guimarães	Correio da Paraíba	Artigo (Colunista)
Lourdinha Luna	A União, Correio da Paraíba	Crônica
Luciellen Souza	A União	Artigo
Molina Ribeiro	A União, Correio da Paraíba	Crônica, Artigo
Neide Medeiros	O Contraponto	Crítica literária, Poesia
Sandra Moura	A União	Artigo
Sony Lacerda	Correio da Paraíba	Artigo (Colunista)
Vitória Lima	A União	Crônica, Crítica literária

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Para a formulação desse quadro consideramos os textos escritos por mulheres escritoras, que se apresentavam nos principais jornais impressos de João Pessoa em circulação nos anos em questão. As mulheres listadas, em sua maioria são professoras, mas também jornalistas, escritoras, historiadoras, advogadas e acadêmicas. Sua atuação não se restringe

apenas à imprensa, mas usa dessa como ferramenta de fomento à literatura local, compondo um vasto campo literário, que tem seu cenário plural, democrático e especializado.

Para a pesquisa sobre a crônica feminina na imprensa paraibana, elegemos as cronistas que mais se destacam no cenário local do período em questão, que por sua vez, mantém suas publicações fixas e de maneira sistemática publicam regularmente nos jornais. Assim, chegamos a escolha das três cronistas, tais quais estão destacadas no quadro, que são Ana Adelaide Peixoto, Joana Belarmino e Vitória Lima, estudadas mais adiante.

Para além deste levantamento, destacamos também a grande contribuição de Maria José Limeira, Violeta Formiga, Clotilde Tavares, Bemilda Vinagre, Mariana Cantalice Soares, Maria das Graças Santiago, Claudia Gondim, Elizabeth Marinheiro e Ângela Bezerra de Castro, para a escrita feminina paraibana.

O contexto da escrita feminina está mantido em uma produção majoritariamente opinativa, que considerando a trajetória dessas mulheres no jornalismo paraibano, pode-se afirmar que essa presença feminina é, antes de tudo, uma manifestação política de autonomia que, com muitas barreiras sociais, conseguiu avançar e conquistar espaços de poder e representação. Figueiras (2011) reflete sobre esse processo:

Mulheres e homens não partilham as mesmas hipóteses no acesso a posições de topo e exercício de poder. Quanto mais subimos na escala hierárquica, menor é a probabilidade de encontrarmos mulheres. Por outro lado, o acesso aos media e o perfil dos atores com protagonismo midiático, nomeadamente no espaço de comentário, são um reflexo da estrutura de poder social, econômico, político e cultural da sociedade onde se inserem (FIGUEIRAS, 2011, p. 81).

Essa presença feminina na imprensa constitui o acervo importante que conta toda a mobilização das “mulheres das letras” no jornalismo da Paraíba, e narram os acontecimentos denotando sentido a suas próprias representações. Além disso, o jornal como espaço de visibilidade se torna o seu lugar de significação dos fatos do cotidiano, a partir do seu posicionamento como agentes sociais, que individualmente, reproduzem o seu próprio imaginário, buscando comentar e interpretar o mundo a sua volta.

A participação da mulher na imprensa é marcada nas páginas de opinião, de modo especial, através crônicas que se apresentam em colunas fixas. Esta produção estabelece uma forte ligação, em vários níveis temporais, com o passado, nos indicando sua relação com a manutenção da memória local. Além disso, o valor ideológico dos textos faz das cronistas produtoras de sentidos, a partir da reconstrução do real, mas com a carga simbólica, cultural e imaginários individuais, revelando seu estilo e identidade.

Observamos a crescente presença feminina na imprensa paraibana, tendo em vista que outros nomes aparecem de maneira mais esporádica, em uma, duas ou três edições. Outras mulheres publicam durante meses e desaparecem, mas ainda conseguimos registrar as suas contribuições. A grande maioria das mulheres, elencadas no quadro, trabalham como colaboradoras, mas muitos outros nomes e escritos aparecem e logo desaparecem das páginas dos jornais. Isso demonstra na prática que o processo de ingresso feminino na imprensa ainda é difícil e desafiador.

Para este estudo, consideramos três mulheres que vem atuando regularmente na escrita da crônica na imprensa paraibana, que vem construindo sua trajetória e se tornando referência em seu campo de atuação. São elas: **Ana Adelaide Peixoto, Joana Belarmino e Vitória Lima**. Mais do que um espaço de representação, a sua participação na imprensa paraibana constitui um mecanismo de presença feminina em discussão, problematizando o social. Suas crônicas influem, para além de questões meramente interpretativas, que perpassam o seu cotidiano, englobando temáticas de gênero e de escritas de si, debatidas a partir de uma visão específica dos fatos.

3.1 A ESCRITA FEMININA NA IMPRENSA

Graças ao acesso à educação, uma crescente quantidade de mulheres passou a ter acesso à esfera pública através da participação na literatura e na imprensa, em meados do século XIX. A escrita foi parte importante nesse processo, tendo em vista a sua utilização como porta-voz de pensamentos e opiniões. Apesar disso, as mulheres enfrentaram desafios nesse percurso, ficando de fora da inscrição da história oficial.

A obra de Machado (2005) sobre a prática de escritas de mulheres, nos dá indicações de que, mesmo com esse processo de exclusão inicial, a inserção da mulher na escrita pode ser visualizada como uma prática cultural:

Partindo dessa compreensão da mulher como excluída da história, necessário se faz também enfatizar a importância da escrita como prática cultural, sobretudo a partir do século XIX, quando deixou de ser um domínio exclusivo dos papéis masculinos e se transformou no principal veículo de acesso feminino à esfera pública. Através da escrita, aos poucos, as mulheres apropriaram-se do mundo e múltiplos significados culturais lhes foram proporcionados, provocando deslocamentos entre as dicotômicas fronteiras do espaço público e privado, reconstruindo a imagem feminina na sociedade moderna (MACHADO, 2005, pág. 18).

Assim, em um primeiro momento, a escrita se torna o segundo degrau que a mulher sobe em direção à esfera pública. A partir dessa prática, puderam externar seus pensamentos, suas experiências e seu cotidiano, o que lhes abriu portas, tendo em vista que a escrita transforma a percepção do mundo e a percepção de si mesmas. A partir do andamento desse processo crítico dos acontecimentos, a mulher vai aos poucos questionando a realidade a sua volta, mediante a leitura dos textos de outras mulheres escritoras, que vão adentrando na imprensa e se tornam ferramenta importante para uma elucidação coletiva do feminino.

Magalhães e Alvarez (Org., 2014, p. 5) afirmam que os media se tornam um dispositivo essencial para o avanço das mulheres no âmbito público, se constituindo como um espaço legítimo para apresentação e debates de temas recorrentes do cotidiano. Segundo as autoras, por sua característica instrutiva, a mídia foi capaz de moldar o entendimento de mundo e direcionar ações no âmbito social, o que se tornou imprescindível para o crescimento e fortalecimento da mulher na imprensa, tendo em vista as reconfigurações sociais possibilitadas a partir da escrita feminina.

Porém, é importante lembrar que a escrita feminina ultrapassa a fronteira mulher/mídia, tendo em vista que não se pode contar os primeiros escritos a partir das primeiras publicações assinadas por mulheres. Antes que elas viessem à tona no espaço público, nesse caso na imprensa, ainda conservavam no âmbito privado os seus textos em uma ação de autopreservação, pela condição em que viviam. Isso foi constatado na pesquisa sobre as primeiras mulheres na imprensa portuguesa, que tiveram a sua emergência nas redações, após a reconfiguração do jornalismo industrial, séculos depois dos primeiros registros femininos nas páginas dos jornais.

A “escrita privada”, como cita Jinzenji (2012), refere-se a prática que poucas mulheres na sociedade do século XVIII puderam submeter-se, no que diz respeito a troca de correspondências entre familiares. Nesse período, a autoria feminina e o hábito da leitura ainda eram pouco disseminadas entre as mulheres (na concepção social), o que faz com que esse tema ainda tenha muitas lacunas historicamente. Mesmo assim, o exercício feminino avançou e passou a concentrar-se na esfera literária, sendo utilizada principalmente na educação, antes que chegasse à imprensa.

Magalhães e Alvarez (2014) levam em consideração a entrada definitiva da mulher na imprensa como ponto crucial para o desenvolvimento do jornal, o que trouxe mudanças para o cenário que já estava bastante modificado, tanto em relação ao seu *modus operandi* quando nas definições ideológicas, praticadas nos meios de comunicação de massa. Sendo assim, o ingresso e participação da mulher na imprensa pode ser considerado como uma renovação na

comunicação que faz parte de um processo social, político e econômico que não se deu de forma espontânea e, posteriormente, acontece também no Brasil (2014, p. 11).

As mulheres tiveram/têm uma grande importância ao exercer um papel de articuladoras, estabelecendo uma quebra de barreiras no que se refere à sua exclusão na narrativa oficial dos acontecimentos passados, preservando sua compreensão e interpretações do cotidiano nas páginas impressas. A presença da mulher na literatura e na imprensa foi comprovado graças às heranças materiais, provas escritas da resistência durante a atuação de mulheres na imprensa alternativa, que utilizaram dos mecanismos da comunicação para estimular mudanças no imaginário social e se auto afirmarem na esfera pública (CASADEI, 2011).

De acordo com Silveirinha (2012), o trabalho de maior destaque no período histórico das mulheres, no fim do século XIX e início do século XX, foi o entrave da produção sobre causas sociais e políticas, como escritoras anônimas. Mesmo transmitindo sua mensagem com estilo único, capaz de conquistar leitores, eram rechaçadas pelo grupo conhecido como *scribbling women*, ou simplesmente as “mulheres que escreviam”, grupo de escritoras conservadoras anteriormente mencionado (2012, p. 175).

Mas até para as mais conservadoras, a “marginalização” acontecia. Os espaços concedidos a elas nas redações para uma rotina de escrita eram diferentes dos demais jornalistas, o que reflete uma segmentação dessa atividade de escrita exercida pelo público feminino na imprensa. Isso influía nos temas que abordavam no jornal, fazendo com que a escrita feminina se tornasse uma “subatividade” em detrimento da masculina. Ventura (2014) esclarece esse movimento:

À separação dos espaços acresce ainda a delimitação (ou a sua tentativa) dos temas. Uma espécie de ‘censura interna’ a juntar à censura oficial que vigora nesta altura. Há esforços mais ou menos declarados para empurrar as jornalistas para a escrita dos assuntos considerados «especialidade» do feminino: gastronomia e culinária, cultura e educação, puericultura e assistência social. A especialização jornalística ainda não era muito comum nesta altura, mas sabemos que o ‘gueto feminino’, isto é, os temas do feminino são considerados menores e têm como consequência a descredibilização ou minorização de quem os produz (VENTURA, 2014, p. 13, grifo do autor).

Mas essa condição foi duramente rejeitada pelas mulheres, que travaram uma luta, a partir da imprensa, contra esse tipo de segregação, o que uniu as escritoras em busca de exigir um tratamento por igualdade, tanto em relação aos temas quanto ao tratamento ao gênero feminino na redação. Até as mulheres que escreviam em cadernos femininos, passaram a

contar histórias sobre pessoas que as inspiravam, com o objetivo de contornar essa imposição social, de que mulheres escritoras só pudessem escrever sobre moda, culinária e atividades domésticas, o que a sociedade acreditava ser um contexto exclusivamente “feminino”.

De acordo com a autora, as mulheres foram avançando na imprensa, ocupando “cada vez mais, posições dominantes nas regiões dominadas do campo de poder, quer dizer, no domínio da produção e da circulação de bens simbólicos (como a edição, o jornalismo, os meios de comunicação, o ensino e etc.)” (VENTURA, 2014, p. 14). Apesar do avanço na escrita, a desigualdade de gênero era cada vez mais evidente, principalmente porque o público feminino, e consequentemente a sua produção, ainda estava sujeito ao crivo masculino.

Podemos afirmar, então, que a escrita se torna “um lugar de legitimação e de domínio”, segundo Tedeschi (2016, p. 154), principalmente quando damos atenção ao processo de escrita da história. Os homens que detinham o letramento - geralmente os escritores e historiadores - puderam explorar de maneira hegemônica o uso dos símbolos e representações para legitimar o seu discurso diante de suas narrativas. Mas depois, as mulheres tomaram esse espaço trazendo um novo olhar e um conjunto de problematizações para essa prática, modificando a lógica de dominação e transcendendo o silenciamento feminino, a saber:

Durante muito tempo, a escrita e o saber estiveram – e ainda, talvez, continuem – relacionados ao poder e foram usados como formas de dominação e de exclusão de determinadas vozes que tentaram ecoar algum som em meio ao silêncio que era imposto para que se mantivesse a ordem social em uma sociedade de base falocêntrica, patriarcal, machista e sexista. Mesmo assim, o discurso hegemônico do patriarcalismo não conseguiu abafar determinadas vozes, principalmente de algumas mulheres insatisfeitas com o rótulo de o “segundo sexo” e que, por isso, não se submeteram à subordinação. Por causa, dentre outros fatores, das tentativas de subversão à ordem do pai, a integração de mulheres/escritoras no universo da escrita foi marcada por uma trajetória bastante dolorosa, principalmente porque escrita e saber, além de serem usados como forma de dominação (TEDESCHI, 2016, p. 155).

Assim, podemos compreender a escrita como um processo puramente social, em um movimento que legitimou a entrada das mulheres nos espaços públicos. Esse percurso está relacionado com algumas questões, mas principalmente por um desejo das mulheres em se expressarem, dada a sua condição de silenciamento; de questionarem seu papel diante do social, em detrimento ao papel do homem; e de participarem das discussões sociais como agentes relevantes.

Esse silenciamento custou as mulheres sua “autonomia e a subjetividade necessárias para à criação, consequência da manipulação, do controle da palavra e da escrita” (TEDESCHI, 2016, p. 155). E para além disso, fortaleceu a manutenção de poder sobre esse grupo, garantindo a permanência de um imaginário social estabelecido na história escrita por homens, que reproduziu uma “memória implacável, imóvel, endurecida e controladora” do conhecimento, dificultando que as mulheres tivessem acesso às ferramentas do pensar, escrever e narrar a sua própria história.

Segundo Sant’Anna (2006), o conceito de *écriture feminine*¹³ se relaciona com a prática da escrita que, a princípio, funcionou para que as mulheres subvertissem a cultura estabelecida na época. Em meio a uma “literatura homóloga e patriarcal”, as escritoras invertem “a tradição e sublinha sempre a ‘*obliquidade*’ em que se estrutura a relação que as mulheres mantêm com a linguagem, com a cultura e com o poder dominantes” (2006, p. 2, grifo do autor).

Isso quer dizer que a escrita feminina é por si só uma ferramenta de enfrentamento aos desígnios impostos pela sociedade oitocentista, que ao avançar dos séculos, passa a ter outro sentido social, o de luta e resistência. Essa escrita reconfigura a produção literária sobre o cotidiano, trazendo um senso crítico aos textos desde o princípio dessa prática, que se dava no âmbito privado. Também transpõe fronteiras, no que se refere às imposições ideológicas sobre questões de gênero, relacionadas aos temas abordados pelas mulheres e a sua representação em textos publicados por homens.

Além disso, afirma Sant’Anna (2006), a escrita feminina possibilitou o registro histórico de uma cultura literária feminina, sendo essa responsável por registrar ao longo dos séculos o avanço das mulheres no espaço público e as conquistas sociais que a prática da escrita proporcionou ao público feminino, diante de suas inscrições de si e do mundo. Sem contar que esse processo reelaborou os discursos masculinos em consequência de uma representação mais aproximada da realidade, impressas nos livros e publicadas na imprensa pelas mulheres.

Dessa forma, a escrita feminina se tornou indispensável para a constituição de uma história das mulheres, se consolidando uma ferramenta importante para estudos das ciências sociais, principalmente para os estudos de gênero, da literatura e da historiografia. Ademais, os estudos literários, no que se referem ao campo da linguagem e do discurso, perpassam sobre essa temática, não simplesmente como uma maneira de desvendar os fatos ocorridos no

¹³ Conceito fundamentado pela crítica feminista Francesa nos anos de 1970.

passado, mas o que esses acontecimentos implicavam dentro de um contexto social, fazendo da escrita uma prática de produção de sentidos.

Fontes de investigação “não-oficiais”, nesse caso a imprensa, serviram como material de pesquisas sobre a história das mulheres, resgatando o desempenho delas em seu percurso como escritoras e junto a isso, caracterizando a cultura feminina da escrita, tanto no âmbito privado quanto no público. Nesse caso, a imprensa se torna uma importante base de dados e é indicador de uma presença feminina não somente na questão de sua representação nas páginas dos jornais, mas principalmente de sua atuação como indivíduos igualmente capazes de narrar os acontecimentos, mesmo porque as fontes “oficiais” não contemplam uma visão democrática da história.

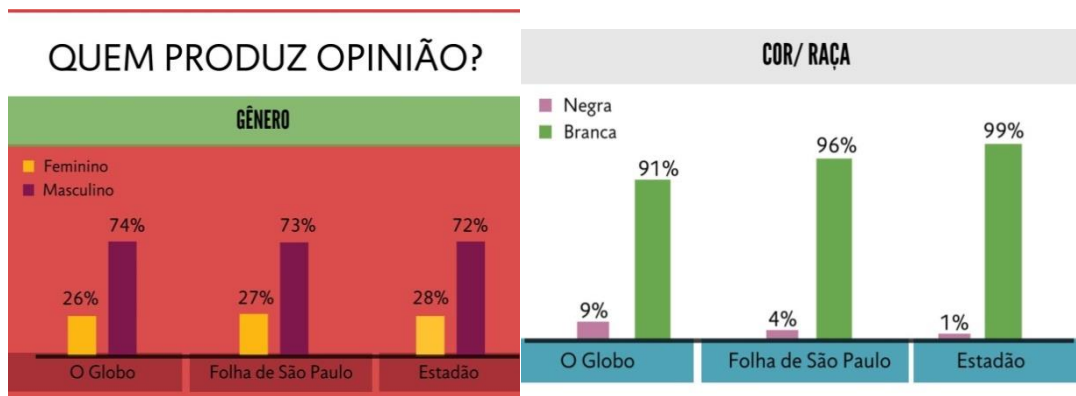
Então, os escritos femininos publicados na imprensa contribuíram para o fortalecimento da literatura feminina e para uma releitura das narrativas históricas, preenchendo as lacunas e desconstruindo o discurso da história oficial, que deixa em segundo plano a atuação do público feminino em momentos importantes no decorrer da linha do tempo.

No século XXI, as mulheres escritoras que atuam na imprensa ainda configuram um número em constante crescimento, se tornando maioria em diversas funções jornalísticas. Mas na categoria de opinião não aparecem com uma porcentagem expressiva, se comparado ao número de homens que escrevem nesse eixo. Esse espaço da escrita nos jornais corresponde a um ambiente majoritariamente masculino, onde as mulheres disputam um ambiente de discussões sobre o cotidiano.

O Grupo Gema (Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) realizou uma pesquisa sobre gênero e cor/raça das colunistas nos jornais *A Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *Estadão*. O estudo constatou que os números não chegam a 30% da quantidade de profissionais homens que ali atuam, e se considerado a cor da pele, não alcançam nem 10% de mulheres, em relação ao número total responsáveis pelos espaços de opinião. Isso revela o contraste com a quantidade crescente de mulheres que exercem a profissão de jornalistas, que gira em torno de dois terços da categoria, segundo o *Perfil do Jornalista Brasileiro*¹⁴, publicado por Nick e Lima (2013). Esses dados são preocupantes, o que evidencia a necessidade de debatermos esse tema.

¹⁴ MICK, Jacques. LIMA, Samuel. **O perfil do Jornalista Brasileiro**: Características demográficas, políticas, e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

Imagem 1: Gráficos dos resultados quantitativos da pesquisa sobre o gênero e cor/raça dos colunistas dos principais jornais brasileiros



Fonte: site de publicações do grupo Gema

<http://gema.iesp.uerj.br/publicacoes/infografico/infografico7.html> Acesso em: 07 de Jun de 2016.

A presença de mulheres na imprensa, ocupando espaços de opinião como cronistas e colunistas, expressa ainda um espaço de disputa simbólica dos atores sociais. Isso se caracteriza pela discrepância dos números em relação às profissionais femininas nos espaços de poder. A presença das mulheres no campo midiático evidencia uma tentativa de ocupar a esfera pública, consolidando sua legitimidade através da produção de sentidos sociais, gerando um capital social (AZEVEDO, 2011, p. 31).

Além disso, as mulheres se consolidam como formadoras de opinião na medida que debatem sobre temáticas pertinentes na sociedade. Além de falarem sobre o seu próprio cotidiano e contestando práticas sociais naturalizadas, geram um movimento na mídia de “formação dos discursos que produzem as representações de gênero enquanto experiência dinâmica capaz de produzir mudanças na percepção de determinados fatos sociais” (AZEVEDO, 2011, p. 47). Assim, tanto o jornalismo, quanto a crônica e até a própria escrita feminina se tornam um lugar de fala e representação.

3.2 A ESCRITA ENQUANTO LUGAR DE FALA E REPRESENTAÇÃO

Hoje, podemos considerar que a escrita feminina representa um lugar de fala onde as mulheres podem expressar seus discursos e questionamentos. Assim como escrevem sua visão em relação a determinados temas e acontecimentos, espelham a si mesmas nesse processo de autoinscrição, na medida em que expõem suas considerações. Mas, assim como no passado e

na história oficial, as mulheres ficaram de fora das narrativas divulgadas, configurando um movimento de silenciamento e afastamento dos espaços públicos.

Esse silenciamento é importante para compreendermos como a presença feminina se dava antes mesmo do processo da entrada das mulheres na literatura e na imprensa, que ao longo do tempo foi transformando o propósito da escrita, em um embate pelo dizer e significar. Isso atribui à prática uma função não meramente denotativa, mas de sentidos, que nos remete à discursos possíveis dessa omissão. Nesse caso, a lacuna deixada na história oficial e o silêncio falam.

De acordo com Certeau (1982, p. 14), a construção de uma linha historiográfica perpassa por uma relação do saber e do dizer, onde os agentes se modificam, evoluem ou desaparecem na medida em que um fala e o outro silencia. Esse vínculo problematiza as interpretações possíveis da história, onde o lado silenciado se torna um objeto a ser visto, descoberto e analisado, segundo um espaço linguístico e temporal.

Os discursos sobre o passado estão em função dos novos discursos escritos no “presente”, tornando-se objetos em detrimento às decisões do outro, demarcando suas rupturas e reorganizando as informações a serem interpretadas. Assim, a escrita feminina se mostra essencial para gerar novas representações da realidade, que posteriormente vão preencher as lacunas deixadas na história oficial.

Essa linguagem em movimento, segundo o autor, tem a ver com as transformações a partir dos vazios constantes, que interferiram e ainda interferem no processo de interpretação da história. A escrita aqui vem representar um lugar no tempo (e um dizer), que mesmo que não seja completamente compreendida (para a interpretação dominante), existe e resiste em função de preencher e fortalecer os discursos das mulheres, que ainda é muito negligenciado dentro desse contexto.

Este procedimento paradoxal se simboliza e se efetua num gesto que tem ao mesmo tempo valor de mito e de rito, a escrita. Efetivamente, a escrita substitui as representações tradicionais que autorizavam o presente por um trabalho representativo que articula num mesmo espaço a ausência e a produção. Na sua forma mais elementar, escrever é construir uma frase percorrendo um lugar supostamente em branco, a página (CERTEAU, 1982, p. 17).

Podemos considerar então que a escrita se torna um lugar, onde os discursos se estabelecem e se transformam ao longo do tempo, simbolizando que, quem a detém, é capaz de modificar seu ambiente em função de um desejo pela mudança, pelo saber e pelo dominar.

Ela é uma ferramenta para “instauração de campos próprios” de novos cenários e significados. Quando as mulheres tomam posse dessa prática e a consolidam, passam a existir nesse “lugar”.

Antes, porém, da institucionalização da escrita para o público feminino, as mulheres detinham o silêncio, onde nos bastidores e nas sombras tentavam emergir à luz do saber e das palavras. Esse processo mostra o condicionamento delas a uma cultura patriarcal, onde pouco podiam expressar e quando o fazia, estavam sob a permissão masculina. Assim também foi na escrita, na cultura e na vida e isso influenciou diretamente a interpretação da história das mulheres.

Mas quando se trata de história oficial, queremos dizer que é a história escrita por homens, uma “história científica”, onde só há um tipo de interpretação dos fatos, não tendo espaço para um discurso de “perdedores” ou “oprimidos”. Esses discursos foram descritos em um contexto próprio em que o fazer história estava diretamente relacionado ao “objeto produzido” e a um “ato produtor”, evidenciando a visão dos sujeitos produtores da história, em detrimento a uma realidade analisada.

Dessa forma, a escrita da história no passado, e seus consequentes discursos, foram comprometidos a uma melhor leitura dos acontecimentos, que só foram possíveis anos depois, no caso da história das mulheres. Mas considerando os estudos de Certeau (1982), podemos dizer que essa prática não está relacionada entre dois polos discursivos (entre o bem e o mal), mas está pautado na própria escrita e nos discursos produzidos, que nos remete a uma realidade em específico, e a produção de uma linha discursiva, que conecta o saber e o dizer a uma prática social.

O espaço do discurso remete a uma temporalidade diferente daquela que organiza as significações de acordo com as regras classificatórias da conjugação. A atividade que produz sentido e que instaura uma inteligibilidade do passado é, também, o sintoma de uma atividade sofrida, o resultado de acontecimentos e de estruturas que ela transforma em objetos pensáveis, a representação de uma gênese organizadora que lhe escapa (CERTEAU, 1982, p. 54).

Assim, a escrita da história está marcada por algumas questões pertinentes, que conferem ao passado, apesar do silenciamento e das lacunas nos discursos, pode ser reconhecida a partir da identificação das ideologias no contexto em que se passa; ao movimento que conecta a prática da interpretação da história à prática da escrita; e pelo

processo de compreensão social que reconhece à história, como uma ferramenta a ser utilizada em um lugar para uma prática social, que gera discursos.

Relacionando essas questões à escrita feminina, compreendemos que apesar das mulheres estarem sujeitas ao movimento de silenciamento, que pode acontecer de diversas formas, – no passado com proibições e regras rígidas sob a aproximação do feminino à essa prática, no presente com repreensões, demissões, questões de gênero já reconhecidas como maternidade e dupla jornada de trabalho – os discursos dominantes não puderam impedir a redescoberta de posições “dominadas” na sociedade. E isso se deu graças à prática da escrita, que ao modo que oportuniza e democratiza as formas do pensar e do dizer, concede novas visões sobre os acontecimentos, de forma contextualizada e reconfigurando as interpretações.

A questão do discurso nessa perspectiva traduz o que Certeau chama de “*processo de significação*” (1982, grifo do autor, p. 51), que vai preenchendo o “sentido da história” e caracterizando o historiador como um interceptor dos fatos a serem notados. Considerando que o discurso faz parte de uma estrutura, que perpassa um imaginário e uma ideologia, as interpretações são de maneira modificadas dentro da historiografia, caracterizando um “efeito do real”.

Essa produção de sentidos dá as mulheres a oportunidade de rescreverem a sua história a partir do mesmo processo social, que é a escrita. Com base nessa determinação, que aponta uma resistência aos discursos dominantes, o público feminino passa a usar da escrita para modificar as representações de si mesmas e utilizam a história como uma ferramenta de reconfiguração de efeitos, dentro de um lugar que se autodetermina.

[...] a produção do sentido, é indissociável, em história, do seu lugar e de um objeto: o lugar é, através dos procedimentos, o ato presente desta produção e a situação que hoje o torna possível, determinando-o; o objeto, são as condições nas quais tal ou qual sociedade deu a si mesma um sentido através de um trabalho que é também ele, determinado. A história não é uma crítica epistemológica. Ela permanece um relato. Conta seu próprio trabalho e, simultaneamente, o trabalho legível num passado. Não o compreende, no entanto, a não ser elucidando sua própria atividade produtiva e, reciprocamente, compreende-se a si mesma no conjunto e na sucessão de produções das quais ela própria é um efeito (CERTEAU, 1982 p. 52).

Esses efeitos se dão em um contexto entre “o dizer e o fazer”, onde os discursos concernentes à escrita das mulheres se encontram com essa práxis social que é pertencente aos sujeitos envolvidos, mas que são influenciados por um grupo sócio cultural dominante, que determina o seu lugar na história. Por sua vez, as sociedades dão prioridade a uma história que privilegia “continuidades” e perpetuam “uma ordem já estabelecida”, desfavorecendo os

discursos que provém da produção crescente e contínua da mulher na literatura. Aqui, a escrita feminina atua como uma ruptura, fruto de uma ação coletiva, que tem o objetivo de intervir, direta ou indiretamente, no processo de uma nova “inteligibilidade histórica”.

Simbolicamente, as mulheres perpassaram esses discursos dominantes, fazendo da sua própria produção de sentidos um “fazer pelo dizer”, quebrando o silenciamento histórico e invertendo a ordem estabelecida, onde seu discurso depende de sua interpretação em uma visão específica dos acontecimentos. Transformam também a práxis social, que agora destaca o sujeito e a sua posição no “lugar” histórico, em detrimento dos discursos que pairam o passado, conectando o “ato produtor” e o “objeto produzido” em uma única e exclusiva prática, sendo sua “testemunha frágil”, mas também sua “crítica necessária”.

Agora saem de um “não-lugar” para um “lugar”, cuja produção sociocultural, política e econômica perpassa por uma organização própria, um código interno que regulamenta esse novo “posto de observação”, ainda que sujeita a imposições sociais. Ultrapassam o “não-dito” pelo “dizer e significar”, subjetivando a história objetiva, em um movimento de “dissolução do objeto”, como cita Certeau (1982, p. 67), que remete a uma “relatividade histórica” e sugere novas interpretações.

Nesse ponto de vista, teremos algumas mudanças sociais visíveis tanto em questões ideológicas, discursivas e práticas na sociedade. A mulher passa a promover a sua própria liberdade, fazendo da escrita uma “quebra” dos discursos dominantes. O “lugar” da mulher agora incorpora, junto à ordem social, uma nova forma de produção, veiculação e interpretação da história, caracterizado pela sua linguagem e estilos próprios.

Uma mudança social é, deste ponto de vista, comparável a uma modificação biológica do corpo humano: constitui, como ela, uma linguagem, mas adequada a outros tipos de linguagem (verbal, por exemplo). O isolamento “médico” do corpo resulta de um corte interpretativo que não dá conta das passagens da somatização à simbolização. Inversamente, um discurso ideológico se ajusta a uma ordem social, da mesma forma como cada enunciado individual se produz em função das silenciosas organizações do corpo. Que o discurso como tal, obedeça a regras próprias, isto não o impede de articular-se com aquilo que não diz – com o corpo, que fala à sua maneira (CERTEAU, 1982, p. 70).

As mulheres encontram na escrita uma oportunidade para alcançar um lugar de fala e de representação diante do contexto inicial de sua jornada na literatura e na imprensa. Atualmente, a escrita feminina alcançou lugares importantes a partir de sua consolidação na esfera pública, que tornou possível transformar essa produção em uma inscrição social, capaz de conectá-las com outros indivíduos, construindo sua própria realidade.

Essa construção do real gera uma nova interpretação sobre o cotidiano e sobre as demandas de gênero levantadas, muitas vezes, nos textos das mulheres, oportunizando a incorporação de novos conceitos a serem creditados socialmente. As transformações passaram a acontecer a partir da organização de ações sociais, que traduzem uma busca por uma voz e um objetivo em comum: uma representação positiva, que possibilite melhorias em todos os setores onde a mulher se encontra em desigualdade.

A dinâmica e a diversidade desse pensamento social coletivo nos remete ao conceito da Teoria das Representações Sociais, apresentado por Arruda (2002), que esclarece como essa organização de códigos se dá dentro de uma estrutura científica e consensual de produção de sentidos. Essa prática está inserida em uma linguagem científica, mas também habita no senso comum, quebrando paradigmas em busca de novos entendimentos desse campo do saber tão vasto.

Na medida em que as mulheres escrevem e passam a publicar os textos, se tornam parte de um “processo” e, ao mesmo tempo, se transformam em “produto” de sua própria representação. Todos os códigos, linguagens e discursos estão impressos nessa escrita feminina, caracterizando um “dizer coletivo”. Esse dizer procura evidenciar e reconstruir conceitos desse público, considerados “objetos subvalorizados” pelo discurso científico, discurso esse que descontextualiza o “sujeito social”, no caso das mulheres escritoras, de sua realidade atual – assim como foi para a história oral – interpondo extremos entre o “bem *versus* o mal”, o “objetivo *versus* o subjetivo”, o “científico *versus* o senso comum”, mas ambas as dimensões se fazem importantes para a produção do conhecimento e o fazer científico (ARRUDA, 2002, p. 133).

Essa produção de sentidos, que tem ligação com o simbólico e com a memória, disputa espaços de poder com os discursos dominantes. Esses espaços são conquistados pelas mulheres ao longo do tempo e cada vez mais se utilizam dele para reconfigurar suas representações, através de uma nova inscrição do real. A mulher nesse contexto é ao mesmo tempo “sujeito” e “objeto” de uma representação, modificando a si mesma nesse processo de produção de sentidos (sentidos esses que podem ser traduzidos como resultantes das ações e transformações sociais).

As condições de produção da representação afirmam com veemência a marca social das representações, assim como seu estatuto epistemológico marca a sua função simbólica, e os processos e estados, o seu caráter prático. Vemos dessa forma como a representação social encadeia ação, pensamento e linguagem nas suas funções primordiais de tornar o não-familiar conhecido, possibilitar a comunicação e obter controle sobre o meio em que

se vive, compreender o mundo e as relações que nele se estabelecem (ARRUDA, 2002, p. 142).

Então, é a partir da escrita que as mulheres pluralizam as visões sobre os acontecimentos e se consolidaram como protagonistas de suas próprias histórias, narrando sob seus códigos e linguagens, os contextos que estão circunscritas e vendo, a partir desse trabalho, resultados que elevam e consolidam a atuação e representação do feminino nos espaços públicos. Seu olhar, que parte de uma perspectiva mais subjetiva, tem conexão com sua condição social e nos revela uma abertura crítica, que é baseada em experiências que, por questões de desigualdade de gênero, se torna totalmente diferente da dos homens.

É justamente nesse contexto que se encontra a pertinência, entre outras muitas razões, da importância dessa pluralidade, que expõe uma “cultura específica” relacionada a um “saber local” e localiza a ação feminina dentro de um contexto de discursos dominantes. Essa prática social perpassa por categorias subjetivas, através dos filtros próprios, da experiência de vida e percepção de mundo. Dessa forma, a escrita feminina passa a ser considerada como um discurso do “senso comum” e posteriormente, como fonte de um saber que reconfigura as formas de olhar para o mundo.

3.3 A CRÔNICA E A EXPRESSÃO SUBJETIVA DO FEMININO

Aqui, retomaremos o debate da crônica e sua capacidade de representação de um cotidiano das mulheres, a partir de suas produções narrativas no contexto paraibano. A crônica se mantém como forte aliado para a construção de uma visão específica dos fatos, que no caso da escrita feminina, abarca as questões e experiências pertinentes ao universo das mulheres cronistas, se tornando uma rica fonte de estudos historiográficos e de gênero, para a elucidação da trajetória feminina na imprensa local.

A exposição de suas inquietações, gostos e vivências na escrita permite que fatos do âmbito particular e subjetivos se tornem públicos, valorizando seus discursos perante suas próprias representações. A presença dessa subjetividade e das escritas de si nas crônicas reflete a relação das autoras com essa prática social, mas será que podemos atribuir a crônica – ou a própria escrita - uma categoria de gênero?

De acordo com Corde (2013), a experiência subjetiva relacionada à escrita projeta um saber e constrói um espaço para as mulheres, ao tempo de elaborarem um novo tipo de conhecimento, onde se tornam presentes dentro dos enunciados. Essa “literatura” é um

recurso importante para analisar o lugar do sujeito na produção do conhecimento específico, já que as experiências, percepções e questionamentos dos indivíduos estão impressas nesse processo de construção.

A subjetividade, nesse caso, se torna um lugar onde as escritoras passam a interpretar “realidades sociais”, de forma a produzir enunciados no meio sociocultural estando elas dentro desse mesmo contexto. A produção das narrativas das crônicas facilita esse processo, já que para a construção de uma realidade interpretada requer uma sentinela, que observa e tece suas considerações no decorrer dos acontecimentos. As mulheres se transformam em testemunhas vivas e participantes dessa realidade, e disputam com outros discursos um “poder simbólico” sobre a leitura de seu próprio cotidiano.

Esse processo vai de encontro direto com o discurso científico (sociológico, antropológico, historiográfico), que discute a dicotomia entre a subjetividade e a objetividade social, que se divide em campos epistemológicos distantes. Mas ao refletir esses enunciados na escrita, a subjetividade pode ser usada como um “estilo objetivo” de um determinado discurso, contanto que essas tendências enunciativas “permitam deixar índices para explicitar as condições da produção dos saberes desenvolvidos” (CORDE, 2013, p. 20).

Essas características perpassam no âmbito da linguagem, onde as escritoras vão utilizar elementos como pronomes pessoais, nítidas “operações enunciativas” como avaliações e reflexões críticas do real, emissão de uma “opinião” (no contexto jornalístico), para construir a sua subjetividade no texto. Para além das questões puramente “sensoriais”, no campo simbólico, a subjetividade aparece em elementos discursivos, pertinentes ao âmbito das relações de gênero e do cotidiano, debatidos nas crônicas.

Para esse gênero jornalístico, os acontecimentos não são contados por si só, mas são relatados conforme sua representação simbólica, ressaltando os detalhes, as banalidades do cotidiano e os fatos sociais, transformando-os em uma visão diferente, como algo visto de um outro ponto de vista, como uma novidade de algo já recorrente ou corriqueiro. As cronistas mantêm sua escrita conectada a um olhar depurado, descrevendo e ampliando suas dimensões discursivas, extraindo daí toda uma concepção de um tempo e espaço.

Dessa forma, não se pode conceber a ideia de uma linguagem neutra, mas sim uma ferramenta de expressão, uma tecnologia usada pelas mulheres para debater temas, que convertem em uma “reflexão poética da vida social”. Essa tarefa de captar as sutilezas, as emoções e a vivacidade do cotidiano transformam a crônica (assim como todo texto literário) em uma ação puramente antropológica de analisar, explicar e teorizar os fatos recorrentes, que são publicados na imprensa.

Considerando que a expressão da linguagem é precedente do pensamento - já disse Foucault (1969) - a prática da escrita se torna um ato de “ensaiar e ensaiar-se”, fazendo referência à obra, mas também ao autor. Marca, a partir desse pressuposto, que a narrativa valida a inserção da escritora em uma subjetividade pela experiência, que posteriormente se comprova pelas ações da escrita.

Pode-se dizer, inicialmente, que a escrita de hoje se libertou do tema da expressão: ela se basta a si mesma, e, por consequência, não está obrigada à forma da interioridade; ela se identifica com sua própria exterioridade desdobrada. O que quer dizer que ela é um jogo de signos comandado menos por seu conteúdo significado do que pela própria natureza do significante; e também que essa regularidade da escrita é sempre experimentada no sentido de seus limites; ela está sempre em vias de transgredir e de inverter a regularidade que ela aceita e com a qual se movimenta; a escrita se desenrola como um jogo que vai infalivelmente além de suas regras, e passa assim para fora. Na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever; não se trata da amarração de um sujeito em uma linguagem; trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer (FOUCAULT, 1969, p. 79).

No entanto, a linguagem é moldada por normas “redacionais” e “organizacionais”, como explica Pereira (2009, p. 5), “que exigem uma coerência para falar das contradições semânticas da vida cotidiana”. Dessa forma, ao enquadrar o cotidiano social a partir de um modelo de linguagem, que se caracteriza de modo funcional e argumentativo, a depender do referencial, podemos obter um engessamento das ações e dos atores sociais perante a representação da vida cotidiana nas páginas do jornal.

Porém, na crônica isso pode ser quebrado, através do uso de elementos que garantam uma “flexibilidade discursiva” e evitam o erro de um “discurso objetivo” (ou o discurso neutro). Esses procedimentos são aplicados para quebrar a formalidade do texto e transpor limites do discurso literário e jornalístico, trazendo marcas de uma subjetividade, que acaba se tornando um diferencial nesse estilo textual. Algumas etapas dessas ações descreveremos a seguir:

- 1) as construções de enunciados jornalísticos sobre o cotidiano não devem ser regidas apenas por descrições do mundo referencial, ou seja: se faz necessário demonstrar como o sensível determina a forma como são traduzidas em informação as ações dos sujeitos; 2) a vida cotidiana está para a mimese, assim como a vida jornalística está para a imitação. A primeira se renova a cada movimento dos atores sociais; a segunda é a extensão de tipos sociologicamente idealizados; 3) a vida cotidiana não pode ser retratada, no jornalismo impresso, considerando-se apenas as técnicas estruturantes de apreensão do real: é preciso evidenciar o caráter ilógico da vida mundana através de recursos como a utilização da metáfora; 4) na construção da pauta,

o jornalista deve empreender esforços para estabelecer uma “cartografia dos sentidos”, estabelecendo vínculos entre as culturas subjetivas e objetivas; 5) é preciso demonstrar, através dos gêneros jornalísticos, que os fragmentos da vida cotidiana, os intervalos intersticiais, são campos simbólicos produzidos por atores sociais. (PEREIRA, 2009, p. 5).

Essa subjetividade revelada nos discursos jornalísticos, nesse caso da crônica, possibilita uma constituição do sujeito para uma “concepção do eu”, como discute Foucault (1993, p. 207). Essa análise, que não é pautada apenas nos eventos sociais e sim em um estudo do sujeito e sua história, a partir dos seus discursos, efetua-se na constituição de uma genealogia. Esse sistema permite o conhecer e o reconhecer a si mesmo, através de uma “organização científica do conhecimento” e de uma conexão com a “verdade” sobre si mesmo e sobre o outro.

Assim, a crônica, a partir de um estudo sobre a escrita feminina, baseado em uma busca pelo reconhecimento da história das mulheres, acaba por instaurar um “perfil”, por assim dizer, que reconta as práticas, os discursos e as escritas de si, aqui tratado por Foucault como “o autor” e sua relação com a sua “obra”. Por isso, consideramos que a escrita é puramente feminina, pois vai partir de uma perspectiva particular, que se dá através das experiências de vida de cada escritora, imprimindo sua identidade individual nas formas de interpretar o mundo.

Para melhor visualizar essas características intrínsecas, coube a nós a realização da produção de perfis biográficos com Ana Adelaide Peixoto, Joana Belarmino e Vitória Lima. Essa pesquisa de campo teve o objetivo de mostrar os elementos individuais e caracterizar a crônica feminina na imprensa paraibana, mostrando esta formulação do eu, aparente nas crônicas aqui estudadas. A partir da categorização de três pontos principais, que se referem a **questões de gênero, ao cotidiano e as escritas de si**, pudemos produzir perfis que recontam a trajetória destas mulheres na vida e na imprensa, explorando alguns elementos culturais, sociais e ideológicos, para melhor entender o contexto sócio histórico onde estão inseridas.

4 MULHERES CRONISTAS: PERFIS E TRAJETÓRIAS

Neste capítulo, abordaremos a trajetória das cronistas estudadas, Ana Adelaide Peixoto, Joana Belarmino e Vitória Lima, mulheres que consolidam, há muitos anos, uma *práxis* literária nos jornais paraibanos. Para além de um movimento, a crônica mantém seu ritmo, perpassando inicialmente na imprensa até chegar à literatura, que na Paraíba constitui como uma forte bandeira para a escrita feminina, dado o número crescente de mulheres atuantes nessa área.

A partir de um levantamento biográfico, aqui traçamos o perfil de cada uma das três escritoras, suas histórias de vida, formação, contexto profissional e ingresso na imprensa paraibana, além de abordar a atuação em outros espaços de visibilidade, como, por exemplo, o magistério e a literatura, principalmente. A partir de entrevistas em profundidade, nos voltamos para a sua trajetória na imprensa paraibana.

Entendendo o contexto das crônicas e sua relação com o cotidiano, visualizamos também as características individuais das crônicas, os temas mais abordados e o estilo de escrita de cada cronista, destacando os seus diferenciais e abordando as semelhanças entre elas. Reunindo os dados de análise, a partir das transcrições de entrevistas gravadas em vários momentos da pesquisa, pudemos interpretá-los através dos três pontos de discussões principais: a perspectiva de gênero, o cotidiano e as inscrições de si.

Cada debate, mesmo que definido o ponto de partida, perpassa por diferentes âmbitos da vida particular e pública das escritoras, que recontam suas experiências de vida, subjetividades e percepções sobre esses temas tão importantes, inseridos nas crônicas publicadas. Elas percorrem a partir de uma mesma concepção de mulher cronista, atuante em um mesmo espaço (a escrita) e tempo (o presente), e transpassam os seus limites em direção a novos patamares, que excedem os discursos já pré-estabelecidos.

Usam da linguagem em seu favor como arma de luta, como remédio para suas dores, como consolo para as memórias vividas e contadas apenas através da escrita, mas acima de tudo, como um lugar de renascimento e de atuação, protagonizando a sua própria história. Aqui, apresento a história de mulheres reais, que tem uma trajetória de vida que é de extrema importância conhecer e estudar e que escrevem crônicas que permitem nos deslocar para outros lugares no mundo e outros tempos no passado.

4.1 ANA ADELAIDE PEIXOTO E A SEMIÓTICA DOS ESPAÇOS

“Eu não tenho a pretensão de fazer uma revolução no mundo, mas se consigo afetar um quarteirão, já está de bom tamanho. Então, se quiser falar do mundo, fale da sua casa, já dizia Tolstói”.

Em 22 de janeiro de 1954, a capital do Ceará ganhava uma nova habitante, nascia a pequena Ana. Seus pais, recém-chegados na cidade, iniciavam uma vida de casados quando a convite de um parente, Romero Peixoto (*in memoriam*) partiu de João Pessoa, levando sua esposa, carinhosamente chamada de Terezinha Peixoto. Devido às circunstâncias, poucos meses depois seu pai decidiu se mudar novamente, agora para o Rio de Janeiro, paixão antiga que herdou nos anos que morou lá quando ainda era solteiro.

Em uma tentativa de se consolidar na cidade maravilhosa, seu Romero apenas buscava dar o melhor para a recém-chegada filha, a sua primogênita de outras três filhas. Sua mãe, que sempre estava por perto aos cuidados da bebezinha, não parava um minuto entre os trabalhos domésticos e as responsabilidades que tinha para com a sua família. Passaram-se um ano e meio e Ana cresceu como toda criança saudável, até que, mais uma vez, a família Peixoto arrumava as malas rumo a uma outra cidade.

Dessa vez, João Pessoa foi o seu destino, lugar onde Ana cresceu e tem memórias vívidas. Por ser bastante pequena na época, não guardou nenhuma lembrança afetiva dos outros lugares por onde passou, apenas da capital paraibana, onde viveu experiências ao longo de seus anos. Mesmo assim, trouxe consigo uma habilidade, uma sensibilidade para com os espaços por onde habitou.

Eu passei a vida ouvindo meu pai falar do Rio de Janeiro e acho que por isso sou uma carioca de coração. Sou louca pelo Rio também e herdei isso de ouvir ele falar. Também morei um ano e pouco no Rio, quando tinha um ano de idade, mas não tenho lembrança nenhuma. A minha lembrança começa na rua Visconde de Pelotas, ali na frente do Palácio do Bispo, que foi a casa que morei depois disso. Ainda tenho lembranças muito vívidas de quando eu tinha três anos de idade, acho uma coisa prodigiosa da memória, porque normalmente as pessoas não se lembram. Mas eu lembro da linha do bonde, lembro indo para catedral com a minha mãe. Uma vida bem no centro familiar, aquela vida em João Pessoa nos anos 50. Final dos anos 50. Em 1957, 1956, por aí (PEIXOTO, 2018).

Em sua infância Ana Adelaide lembra ter se mudado várias vezes de casa, entre os bairros pessoenses, espaços esses que explorou nas brincadeiras de rua que participava com outras crianças, fato que narra em *Se essas casas fossem minhas!!!*, crônica publicada no seu

livro de crônicas *Brincos, para que te quero?*. Era uma pessoa impetuosa, que gostava das aventuras da brincadeira de esconde-esconde, se arriscava com a bola em uma partida de voleibol, com os miniteatros e escolinhas improvisadas nas ruas de suas muitas residências. Não gostava de brincar de bonecas nem de casinha, como a maioria das meninas de sua idade, nunca teve afeição por elas. Mas como uma observadora nata, passava parte de seu tempo contemplando as roupas das bonecas, vestidos que recriavam a moda da época.

Moda foi uma das coisas que Ana Adelaide passou a gostar desde a infância, fato que afirma ter puxado da sua mãe. Até hoje, diz ser apaixonada por esse tema, o que lhe rende algumas lembranças de quando sua mãe a levava para as casas de tecidos. Nessa época, *shopping center* e não existia em João Pessoa e dado a paixão de dona Terezinha por tecidos, fazia as roupas das filhas sob medida. Para Ana, ir nos estabelecimentos para escolher tecidos era uma grande diversão e as cores e texturas sempre a encantaram.

O vestir para mim é uma forma de expressão. Sempre me vesti de uma forma que eu consegui me expressar. Mas também não era uma coisa assim: vou botar essa camisa preta porque eu vou querer dizer algo. Não era assim. Eu gostava de vestir roupas não convencionais, porque o que era convencional não me agradava. Eu não gostava de andar como todo mundo. Se está na moda sapato alto, todo mundo estava de sapato alto e eu estava com sandália de dedo, porque além de não gostar, eu não sabia andar de sapato alto. Então, nunca gostei de ir atrás de todo mundo. Gosto de expressar a minha personalidade, de ser diferente; eu tenho essa necessidade (PEIXOTO, 2018).

O ballet veio aos dez anos. Tinha até permissão para ir às aulas sozinha, quando entusiasmada, pegava o ônibus rumo ao Teatro Santa Roza para as práticas, nas tardes quentes de João Pessoa. Além disso, estudou música no Conservatório da cidade. As artes fazem parte da vida de Ana Adelaide desde cedo, incentivada pelos anos de estudo na Escola Nossa Senhora de Lourdes (Lourdinas). Os recreios eram repletos de atividades. Danças e declamação de poemas enchiam o pátio da escola cada vez que um evento ou data comemorativa era anunciado. Havia diversas festas, ocasiões em que Ana Adelaide era muito requisitada para fazer números, assim como toda criança o é.

A música, a dança...sempre adorei dançar! E a dança para mim não é só mexer, a dança é uma atividade transcendental, enlouquecedora. Desde menina, quando ia dançar, eu entrava em êxtase, parecia que eu tinha tomado uma droga e é assim até hoje. Eu não sei ir para um carnaval só para olhar, ir para um forró ou para uma festa ficar sentada. Eu não sei olhar nada, eu sei dançar. E o que acontece? Vou dançar e danço muito e quando vejo estou exausta, com dor de cabeça porque fiz mais do que meu corpo aguenta. Não

sou uma atleta, mas a música realmente me deixa fora de razão, fora de órbita (PEIXOTO, 2018).

A cidade era uma cidade provinciana, então estudando em colégio de freira, a gente tinha eventos esportivos no *Ástrea*, depois eventos juninos. Eu dancei quadrilha muitos anos em *Boi Só*. Então frequentei a sociedade muitos anos no sentido de clube, meu pai era sócio, então frequentava assustado, manhã do Cabo Branco tinha matinal para gente dançar, tinha matinê para gente dançar, porque a cidade não tinha nada (PEIXOTO, 2018).

Seu interesse pela leitura surgiu também na infância, depois que Ana teve acesso a jornais, revistas e histórias em quadrinhos, que seu pai comprava para casa. Mas uma atividade inesquecível na infância, conta, era andar de bicicleta. Amava a liberdade que aquela “brincadeira” proporcionava. Costumava passar por vários lugares conhecidos atualmente na cidade. Se tornou exploradora à duas rodas, sob a luz do sol ou das sombras das árvores e casas, ao som de pássaros e chacoalhar das folhas, na brisa fresca da tarde. Assim, frequentava os espaços, guardava em si as imagens que via, em uma espécie de memória fotográfica.

Eu morava na Praça da Independência, então me largar naquela praça com dez anos de idade, então...você imagina uma menina com nove anos de idade desaparecia na rua de bicicleta, na praça, né? Mas, imagina se hoje você pode fazer isso? Nós éramos criados muito livres, mesmo antes. Depois da praça, na Camilo de Holanda, eu adorava rodear o quarteirão, como a gente dizia, nas calçadas quebradas. Então a bicicleta para mim foi uma brincadeira muito importante porque era uma liberdade estúpida e o meio de locomoção para você sair de casa (PEIXOTO, 2018).

Cada etapa de sua vida, Ana Adelaide Peixoto vive e revive por conta de sua escrita. As crônicas que publica rememoram esses acontecimentos como uma retrospectiva, que a faz voltar no tempo ou em outras dimensões. Lançou dois livros de crônicas em 2016: “*Brincos, para que te quero?*” e “*De paisagens e de outras tardes*” são as duas obras de estima, onde narra suas principais e marcantes histórias. A sua capacidade em descrever os cenários que já passou, e até aqueles nos quais nunca visitou, é impressionante. Sua sensibilidade e habilidade advém de uma vida vivida intensamente, onde aproveitou nos mínimos detalhes. Suas crônicas destacam isso, pois valorizam as referências artísticas, culturais, geográficas e sensoriais em cada linha, em cada palavra.

Era uma criança circunspecta, como descreve, mas isso nunca atrapalhou a sua vida. Na infância, apesar de ser espontânea, tinha seus momentos. Gostava de tê-los. Característica que trouxe para sua vida adulta. Quem não a conhece, acha que é tímida, mas quem pensa

assim pode se surpreender. A espontaneidade não mudou também, então quando se sente à vontade, entrega quem de fato é, se mostra como em uma vitrine. Mas na maioria do tempo sente preguiça de “abrir as cortinas”. Isso mudou um pouco na adolescência, quando entrou na universidade e quando passou a viajar o mundo. Ainda assim, guarda em si um jeito “matuto”, afirma.

No começo, quando eu era adolescente, o fato de ser mulher na sociedade me inquietava muito pelas dificuldades que enfrentávamos. Eu ficava muito injuriada, porque o namorado podia tudo e eu não podia nada. Embora eu rompesse tudo o que eu podia, mas era aquela história de ficar em casa dia de sábado, depois das dez da noite e o namorado saía e fazia o que queria. Isso me deixava indignada e dizia: quando eu nascer quero ser homem, não quero nascer mais mulher. Realmente, eu ficava muito horrorizada com a pouquíssima liberdade, a repressão que tinha no final da década de 60 e década de 70, que foi quando eu fui viver todas essas coisas, então eu ficava muito mal com tudo isso. Claro que, depois quando fui tomando consciência do que era ser mulher e isso se deu depois que comecei a fazer parte do movimento feminista, comecei a ficar atenta à vida das mulheres, aos estudos, eu comecei a me orgulhar muito dessa trajetória, com essa complexidade, com toda essa trajetória histórica da invisibilidade, da opressão, então me sinto muito feliz em fazer parte desse grupo (PEIXOTO, 2018).

Sentada na sala de casa, não perdia um minuto com outra coisa que não fosse com a sua radiola, como carinhosamente chamava o seu aparelho de som, onde ouvia músicas diversas. Em plena adolescência, nada a interessava mais do que os clássicos como Rollings Stones, Beatles, mas também Roberto Carlos e Caetano Veloso. Levava horas a fio nessa atividade, o que fazia com que dona Terezinha reclamasse por ver que a filha “perdia tempo” com a radiola.

Dessa atividade nasceu uma das maiores paixões de Ana Adelaide, o que no futuro, mudaria sua vida e seria o seu propósito, a língua inglesa. A partir das canções que ouvia diariamente no rádio, surgiu o interesse pelo inglês. Aos doze anos passou a estudar em uma escola de idiomas. Sempre foi muito boa nisso. Ao mesmo tempo, passou a acompanhar a televisão e o cinema, o que complementou a sua visão artística.

Eu era uma criança mais quieta e adorava ouvir rádio. A minha mãe reclamava porque eu me sentava junto do rádio e ficava lá. Cheguei a ver televisão quando tinha doze anos de idade; até hoje sou encantada por televisão, alucinada por TV. Todo mundo critica, todo mundo fala, e eu fico muda para não ser apedrejada (risos), porque eu acompanho novela. Lembro do dia que apareceu a TV Tupi, os grandes festivais de música, os movimentos políticos, as novelas, enfim. Às vezes, quando eu vejo os artigos e reportagens de quem fez TV, eu penso: eu acompanhei aquilo tudo, então

sou uma história ambulante da TV brasileira, porque eu assistia. E antes da TV era o rádio, mas não era rádio para ouvir notícia, era rádio para ouvir música, então eu vivia no pé do rádio (PEIXOTO, 2018).

Essas experiências formaram em Ana uma visão globalizada. Mantinha um sonho de conhecer o mundo, mas quem nunca sonhou com isso? Acontece que ela agora estava a um passo adiante de realizar os sonhos. A língua não seria uma barreira. Mas enquanto isso não se concretizava, a adolescente percorria os espaços, explorava os diferentes lugares. Ana não deixava nenhum detalhe passar. Nas férias escolares, costumava visitar suas primas, que moravam em engenhos no interior da Paraíba.

Passava um mês sem comunicação com a família. Era um tempo das cartas, que demoravam a chegar. A confiança que os pais depositavam nela foi importante. Uma liberdade que Ana Adelaide tinha que administrar sozinha. Mas não pensava muito sobre isso, pois com belos rios e passeios a cavalo, quem iria se preocupar? Era um destino perfeito para descansar o seu ímpeto pela cidade grande, se desconectar do burburinho urbano.

Mas isso nunca aconteceu completamente. Os momentos na natureza eram apenas um período que Ana considerava breve. As férias escolares passavam em um piscar de olhos. Jamais pensou em ficar no engenho, mesmo com tanta beleza e diversão proporcionadas por suas primas mais velhas. Era o paraíso na terra, mas a jovem era apaixonada pela cidade. Pelas praias, pelo barulho, pela agitação. Uma caminhada à tarde por entre os casarões antigos e ruelas estreitas ou nas grandes avenidas, nas praias, não importava. Sempre sentia saudades de casa. Casa que adotou desde os seus primeiros anos de vida.

Tive uma infância desse modelo. Éramos quatro irmãs e ‘arengávamos’ muito, mas também tínhamos essa coisa de arrumar amiguinhos na rua e vai para casa de um, vai para casa de outro. Eu era muito ‘bandoleira’, tinha umas primas um pouco mais velhas, mas que tinham engenho, usina, então eu adorava passar férias lá. E ia, passava um mês e naquele tempo não tinha comunicação. Naquele tempo passava um mês longe da família e me dava muito bem, andando a cavalo, tomando banho de rio. Essas férias bucólicas eu gostava muito. Mas hoje sou uma pessoa urbana, não tenho ligação nenhuma com o mato; adoro natureza, mas para passear; parques, praças e tal, mas assim, o interior eu adoro, se eu puder passear um fim de semana, mas aquela relação muito forte não tenho. Adoro cidade, adoro barulho, gente, asfalto, bar, praia, enfim. É a vida de cidade que eu gosto (PEIXOTO, 2018).

Naquela época, ir à praia tinha outro significado. Mesmo morando relativamente perto do mar, Ana afirma que havia toda uma preparação. Não era tão simples o processo, merecia toda a atenção possível. Era um verdadeiro evento familiar. As adolescentes de olho na moda

praiana sentiam na pele as primeiras dores por ser mulher. “Não podia usar biquíni de lacinho”, afirma Ana. A preocupação entre as amigas e irmãs sobre as proibições e imposições sociais constantes as uniam contra essas ideias postuladas.

Ir para Tambaú, ir à praia era um acontecimento. Eu veraneava, minhas tias veraneavam, depois meu pai veraneou. A gente ia de ônibus, nas férias, com a toalha amarrada na cintura e ia tomar banho de mar. Então, não tinha essa... a lógica da praia de hoje é muito diferente. Não achava problema nenhum fazer certas coisas, usar minissaia, usar biquíni de lacinho, porque isso no meu tempo muitas amigas não usaram. Os pais não deixavam e eu não entendia isso. Meu pai foi pai de quatro mulheres e no começo ele chiou. Quando viu, estavam as quatro de biquíni de lacinho. Então, ele perdeu para maioria e nós o conquistamos. Eu gostava muito de praia e isso vem comigo até hoje, embora a praia hoje ocupe um lugar diferente; não sou mais de ir para praia para ficar deitada, mas gosto da praia, de saber que está ali. Adoro contemplar o mar, amo ver lua cheia, caminhar na praia, esse tipo de coisa trago até hoje (PEIXOTO, 2018).

Em questão do corpo, por exemplo, eu era muito magra, não tinha peito, isso tudo me deixava mal, e eu não gostava, eu queria ter peito com 13 anos de idade, as amigas tudo usando 44 e eu usando 38; então, era magrelinha. Não se usava aquela história de ser magrelinha, mas comecei a ver as vantagens de ser magra, de ter pouco peito, aí depois você cresce e vem gravidez, amamentação, tudo isso dá uma felicidade, mas é uma felicidade conquistada a duras penas. Aos poucos você vai descobrindo o que o mundo diz, que é sublime, que é santidade, é santidade ser virgem, é santidade ser mãe, é santidade ser casta, e eu fui desconstruindo isso tijolo por tijolo ao longo da minha vida, e uma vez que você descontrói, você encontra o preconceito e a rejeição (PEIXOTO, 2018).

Da fase escolar, o que tem mais saudade é de suas amigas. Das brincadeiras e cochichos durante o recreio, das festas e danças nas quais participou. Ana estudou no Lourdinas, um colégio de freiras. Mas isso não a impediu de transgredir às imposições e ser uma jovem a frente de seu tempo. Moderna, intensa e comunicativa, pelo menos com suas amigas, Ana Adelaide se tornou uma mulher com traços finos, olhos marcantes e com desejo de liberdade.

Ah, a escola! Eu estudei no Lourdinas a vida toda, e o que marcou foi a amizade juvenil feminina de uma escola de freiras. A gente tem um grupo de *WhatsApp* até hoje, que é o ‘quarta A’, como chamamos. Somos amigas, umas mais próximas, umas menos. Essa coisa do feminino eu acho que foi muito forte, durante os dez anos estudando numa escola de freiras e, claro, as repressões, as opressões e tudo o que isso significa também e o que isso traz para vida da gente. Claro que sempre rompi, tentei romper com muitas coisas, porque era rebelde. Hoje quando olho para trás, quando olho para minha turma, vejo que talvez tenha sido uma das poucas de um grupo que tenha rompido mais, né? Me casei mais de uma vez, quis ter vida sexual logo

cedo, quis viajar sozinha, quis sair com o namorado sozinha... (PEIXOTO, 2018).

Nesse estilo de vida Ana viveu sua adolescência com suas irmãs e seus pais, que as apoiavam, ainda com restrições. De certa forma, se sentiam livres para poder viver o que muitas garotas da sua idade não tinham permissão. Tempos difíceis, tempos de repressões, de exigências, que Ana Adelaide e as irmãs lutavam para romper. Seu Romero, dona Terezinha e as quatro filhas seguiam sua jornada como uma família que enfrenta muitos desafios, mas que era feliz. “Eu abri caminhos para minhas irmãs, assim, elas encontraram um mundo mais afável. Meu pai era um homem moderno, mas era um homem da geração dele; mas escutava muito a gente, confiava muito nas filhas” (PEIXOTO, 2018).

Por iniciar um relacionamento amoroso aos 15 anos, com o Flávio Tavares, com quem casou posteriormente, Ana Adelaide passou a frequentar ambientes artísticos e ter uma experiência no mundo das artes. Naquela época, não havia muitos dos centros culturais na cidade, mas os poucos que tinha, recebia a presença de muitas pessoas influentes socialmente, entre eles pintores renomados, jornalistas e literatos. Seria o primeiro contato de Ana com a imprensa e a sociedade artística. Futuramente, isso facilitaria a sua entrada na imprensa como cronista.

Até os seus dezessete anos, Ana Adelaide estudou inglês em uma escola de idiomas. Era apaixonada pela língua, estimulada pelas músicas internacionais que ouvia na radiola. Nessa época, passou a ler os clássicos da literatura inglesa e brasileira, a ver fotonovelas e assistir aos programas de TV. E entre tantas coisas a explorar, surge a oportunidade do primeiro intercâmbio internacional. Ana Adelaide morou por sete meses na cidade de Columbus, em Ohio, nos EUA. Uma mudança sonhada que encarou sem pensar duas vezes.

Movida pela sede de explorar os espaços, as ruas, os lugares desconhecidos, desde a infância sonhava em conhecer o mundo. “Esse mundo eu não sabia se era os Estados Unidos ou se era a China”, menciona. Mas desde o primeiro contato com o inglês, passou a ter vontade de conhecer um país que falasse o idioma. Isso conta em crônicas nos livros que já publicou.

Eu queria ir para um país de língua inglesa e foi esse país que apareceu. Então eu fui para um estado de nome Ohio e fiquei em Columbus, que era uma cidade grande e tinha um comércio maravilhoso, com as melhores universidades, com pessoal de jeans rasgado, cabelo grande, fumando maconha no meio da rua. Então imagina, você saindo da Lagoa, de uma cidade provinciana, em plena época da Ditadura, em 1971, e cair de paraquedas em um lugar desse, com -15°C de temperatura no inverno e neve por todo canto. Naquela época eu só conhecia uma pessoa que tinha ido para

o outro lado do mundo, então aquilo me seduzia e eu arregalava os olhos. Me lembro do filme ‘Razão e sensibilidade’, do romance de Jane Austen: a irmã mais nova tinha uma casa construída na árvore e ela adorava desenhar mapas porque ela queria conhecer os mundos. Eu ouvia aquelas músicas árabes no rádio e aquilo tinha uma sensação de mundo, de viajar, de conhecer (PEIXOTO, 2018).

Seguindo os seus sonhos, Ana Adelaide se mudou temporariamente para os EUA. Viajou com uma agência na época conhecida como *Youth For Understanding Brasil*, em um grupo com pessoas que nunca haviam saído do país. O medo do desconhecido, a solidão por ficar sete meses longe da família e de suas referências culturais, não a fez desistir da viagem, que, posteriormente, mudaria a sua vida para sempre. Mudaria também a sua visão de mundo e toda a sua experiência sensorial com os espaços. Ana se mudara para um país completamente diferente do qual nasceu.

Apesar de não ter muitas lembranças das cidades por onde passou na infância antes de chegar em João Pessoa e ter como ponto de partida essa capital pequena, quente e ensolarada, o seu destino internacional era muito diferente do que estava acostumada. Isso gerou um impacto muito grande em sua vida, o que de fato aumentou sua sensibilidade para perceber outras atmosferas, descrever outros climas e sentimentos nas cartas que escrevia para a família, sendo as primeiras experiências com a escrita.

Naquela época, eu fui na primeira turma que foi para os Estados Unidos e era como ir para Lua, já contei isso em crônica também, no livro *Brincos, para que te quero?* e para mim eu era maluca porque uma pessoa com dezessete anos, que não conhecia ninguém que tivesse saído do país e quando percebi fui sozinha com um grupo. Então, assim, do outro lado do mundo, com dois aninhos de Cultura Inglesa, só sabia dizer aquele inglês básico de Cultura e não tive medo, não tive nada. Era em plena época da Ditadura, isso em 1971, na época dos *Hippies*, na época do *Woodstock*, de toda essa loucura das drogas e tal, e fui para os Estados Unidos sem nenhum medo (PEIXOTO, 2018).

Foi uma experiência que mudou minha vida. Tive a oportunidade de viajar para Washington, para o Canadá, para o Niágara Falls, conhecer gente, estudar, né? Foi uma experiência muito rica, mas muito sofrida pois não tinha comunicação. Passei sete meses me comunicando com a família e com o namorado que eu tinha, que chegou a ser meu marido, que foi o Flávio Tavares. Você com saudade dessas pessoas e as cartas levavam vinte dias para ir e vinte dias para voltar, então era um sofrimento, mas eu vivi essa experiência de morar fora (PEIXOTO, 2018).

O Cinema é outra paixão que demonstra ter em suas várias crônicas, onde narra seus momentos por entre os cinemas da cidade desde a sua infância. Esse interesse, que veio também graças às suas experiências com as artes e o primeiro contato com a TV na

adolescência, transcende e acaba sendo uma das muitas formas de expressão do seu ímpeto de ocupar os espaços e de conhecê-los, explorá-los. Espaços esses que narra nos dias atuais nos livros ou nos jornais, na forma também de uma crítica cinematográfica.

A princípio o rádio, depois a TV e o cinema, trazem à Ana Adelaide Peixoto um conjunto de referências de diversos países, de diretores e produtores que expõem suas impressões do mundo nas telas e nas ondas sonoras. Os jovens daquela época consumiam arduamente esses conteúdos, com a esperança de que assim a sua rotina fosse um pouco mais globalizada e o fizessem mais inserido no “mundo”, mesmo estando em uma cidade provinciana, no extremo leste do continente americano.

A gente não tinha acesso a nada. O que chegava no Rio demorava um ano para chegar aqui. Eu assistia os filmes do Óscar um ano depois, então era tudo muito depois. Hoje, você não precisa ir aos Estados Unidos, nem para a Rússia para ver a Copa do Mundo. Você senta em casa, liga a TV e está a Rússia no seu colo. Então, talvez hoje a necessidade seja menor, o mundo ficou global. Eu sei que é diferente você estar na Rússia e ver a Rússia na TV, mas a necessidade, a urgência de ver outras pessoas, outras músicas e outras línguas era grande naqueles tempos (PEIXOTO, 2018).

Por essa paixão pelo mundo, no período do ingresso para a faculdade, ainda pensou em fazer geografia. A jovem passava horas estudando alguns conteúdos da matéria escolar com o intuito de conhecer mais sobre a globalização. Odiava a geografia física, mas os temas sociais e políticos eram os que mais chamavam a atenção. Mas no final das contas, não decidiu seguir esse caminho, dado a realidade de professoras do primeiro e segundo grau, sua desvalorização, baixos salários e condição de trabalho.

Ana Adelaide sabia que apesar de seus desejos de explorar cada parte do planeta, precisava se concentrar em algo que amasse, para então trabalhar com isso. Assim tem sido desde a sua escolha de entrar no curso de graduação em Letras, com habilitação em inglês. “Tem sido o inglês desde o início da adolescência”, afirmou. E foi assim que no ano de 1973 a escritora deu mais um passo grandioso rumo a sua realização profissional.

A formação na graduação foi muito importante para que Ana se aproximasse não somente da língua, dada a profissionalização de sua experiência com o inglês, mas também da literatura, onde, por influência de professores que teve contato, passou a se interessar. A sua intenção de escrita, a partir de disso, se transforma e se revela por esse interesse pela literatura. O que o curso de letras-inglês não abordava, gerou nela algumas decepções e, em outros momentos, um desejo por outro curso, o de jornalismo.

Fui para Letras não foi nem por uma questão de escolha. Tive que ir, gostava de inglês e foi o que me restou. O curso de Português, na minha opinião, era muito limitado, mas depois se tornou um curso maravilhoso, que acho até hoje, mas na minha época não era. Já o curso de inglês era maravilhoso, tive professores excelentes, de Literatura, inclusive. Foi quando vim despertar para a Literatura. Lia quando era menina, mas lia fotonovela, um romance aqui outro acolá, Jorge Amado, José Lins do Rego, aquelas coisas de escola. Tive professores muito bons na área de inglês, de literatura e de linguística, mas sofro até hoje, sinto falta do estudo da minha língua que não pude recuperar depois; da língua, da literatura brasileira, da literatura portuguesa, da literatura paraibana, enfim [...] (PEIXOTO, 2018).

É um buraco que eu sinto na vida acadêmica. Mas, a gente fez o que foi possível na época, aí você vai se especializando, se casa, tem filhos... A vida vai tomando certos rumos e não dá para você voltar. Mas, eu não fiz Letras porque queria ser professora, não fiz letras porque era aquela coisa. Tanto é que eu passei a vida para descobrir coisas importantes no curso e na minha vida acadêmica, que eu cumpri com muita satisfação. Mas eu acho que se pudesse voltar atrás, eu teria feito Jornalismo. Eu acho que sou mais para essa área das artes e do jornalismo do que propriamente para as Letras (PEIXOTO, 2018).

Sua experiência acadêmica foi limitada, conta. Naquela época, a repressão de uma Ditadura havia afetado o cotidiano de todos os cidadãos brasileiros. As universidades não avançavam em pesquisa e extensão. O ensino já se tornara precário com a perseguição de professores e alunos. Era uma época difícil para prosperar qualquer que seja a atuação, cultural, artística ou literária. Como aluna, Ana achou que sua vivência como acadêmica não foi suficientemente boa devido a essas circunstâncias.

Sem opções de formação complementares, a estudante de Letras se resumia a ir de casa para a universidade e da universidade para casa, quando se tratava de sua formação educacional. Nada a seduzia suficientemente para que a fizesse mudar o percurso diário que fazia. Sentia falta das atividades complementares, sentia falta dos movimentos estudantis, sentia falta de eventos culturais, que garantissem a ela uma formação completa.

Como toda jovem, Ana tinha suas características pessoais, seu caráter e sua pertinência. Não se considerava uma pessoa agitada, e foi por isso que sua caminhada tem sido longa em relação a mudanças drásticas. Isso custa muito a ela. Não costumava fazer grandes planos, nem seguir roteiros. Também não queria abrir mão das pessoas que amava. Procurava viver uma vida sem muitas expectativas do futuro, se preocupando apenas com o presente diante dos seus olhos. “Nunca fui uma pessoa tempestiva, de dizer: ah, não quero mais não, vou tentar acolá. Porque na vida as coisas sempre foram muito difíceis, então não dava para largar tudo”, afirma.

Mas mesmo assim, soube aproveitar as oportunidades que apareceram em sua vida. Após a conclusão da graduação, fez uma especialização em língua inglesa e literatura norte-americana. Dez anos depois, em 1983, ingressou no mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde conseguiu uma bolsa sanduíche para estudar na Inglaterra, mais um sonho que guardava consigo. Estudou por nove meses na *University of Warwick* (UK), entre os anos de 1986 a 1987.

Eu sempre tive um pé no mundo, mas nada foi muito fácil não. Foi difícil, porque me casei muito jovem e a gente não escolhe. O ideal era você começar a estudar, depois você se apaixona, depois se casa, depois você tem filho. Mas na vida nada é organizado assim e quando as coisas me surgiam foram fora de hora, vamos dizer assim. As coisas vinham fora de hora e eu tinha que escolher. A escolha é um problema na vida das mulheres, a gente sempre tem que está escolhendo algo em detrimento de outras coisas e tudo torna as coisas difíceis: maternidade, casamento e realização profissional (PEIXOTO, 2018).

Esse processo foi bastante difícil, devido a brusca mudança que essa condição acarretaria em sua vida. Agora com seu companheiro e com um filho pequeno, Ana Adelaide teve que tomar uma decisão: organizar a sua vida e realizar seu sonho. Em detrimento a uma relação difícil, ela deixa o seu primeiro filho com o pai e os familiares em apoio secundário e sai em busca do seu tão desejado mestrado sanduíche no seu país dos sonhos.

Essa decisão lhe custou muito caro, como conta. Devido à falta de comunicação e à saudade do filho, Ana Adelaide teve depressão. Uma experiência profunda e solitária no velho continente lhe rendeu muita dor e autoconhecimento. Enquanto tinha que administrar os horários dos estudos, lidava com o sofrimento que era estar longe da pessoa que mais amava. Ela teve que procurar ajuda especializada para conseguir superar esse momento difícil.

Na verdade, a bolsa era para o mestrado, mas eu já fazia mestrado aqui, e recusei a bolsa do mestrado porque não tive coragem de passar um ano longe do meu filho. Mas aí fui e aceitei passar seis meses, e depois prorroguei por mais três. No fim das contas passei nove meses longe do meu filho, sem internet, sem nada. Isso foi em 1987. De lá acompanhei essa coisa de computador, pois já tinham na universidade essa coisa de *Word processor* e depois, as pessoas foram comprando seus próprios computadores. Então, fui para Inglaterra, passei esse período lá, que foi transformador na minha vida, porque além de fazer a pesquisa, viajei para todos os lugares que eu queria. Mas era uma saudade que eu adoeci e tive depressão. Precisei procurar ajuda, já que sofri muito por deixar o filho com dois anos e dez meses para passar nove meses fora, sem comunicação, só com telefone uma vez por mês que custava uma fortuna (PEIXOTO, 2018).

Então, as coisas para mim sempre foram muito difíceis emocionalmente e subjetivamente falando. Nada foi fácil, mas o sonho de estudar numa universidade inglesa era muito maior que qualquer outra coisa. E eu já estava me separando do pai do meu filho e assim foi uma oportunidade que eu vi de estudar e resolver minha vida. Mas é aquela história: ‘você não faz uma limonada sem cortar os limões’, então, para isso, eu comprometi minha saúde. Não fui irresponsável, pelo contrário, sempre fui excessivamente responsável e por isso adoeci. Mas o pai cuidou muito bem dele, eu tinha uma estrutura familiar dentro de casa, uma secretária que já estava a um tempo, minha irmã morava do lado, minha mãe que era jovem ficou dando assistência e minha sogra (PEIXOTO, 2018).

Foi uma experiência transformadora na minha vida, que também foi muito custosa, mas todas as minhas viagens foram muito transcendentais e mudaram a minha vida, tanto na língua, no meu status acadêmico e no meu conhecimento. Eu pude trazer livros da área que me especializei, que é a área das mulheres e que futuramente terminei minha dissertação e somente muitos anos depois, fui fazer meu doutorado, mas aí já estava envolvida nessa área (PEIXOTO, 2018).

Assim como a mudança de perspectiva em relação a sua vida, ao espaço onde estava inserida e ao mundo como um todo, essa viagem também rendeu a Ana Adelaide Peixoto outros sonhos complementares, mas foi em sua capacitação acadêmica que vislumbrou uma realização sem precedentes. Sua jornada apenas começara, mas já estava sonhando em morar em Paris e aprender francês na prática, conversando com o padeiro, com as pessoas da estação de trem, respirando novos ares e absorvendo a cultura direto da fonte.

Para Ana, os espaços e o cotidiano sempre foram motivo de inspiração. É tão verdade que tira desses elementos o substrato denso, e ao mesmo tempo rico de detalhes, que formam seus textos desde que começou a escrevê-los. Dos acontecimentos ao seu redor tira toda a narrativa, onde ela própria é a personagem principal. É uma observadora nata, tanto do mundo externo quanto do seu mundo interno.

De volta ao Brasil, já tendo uma vida acadêmica ativa, participando de congressos e capacitações, Ana Adelaide, obtém seu título de mestre em 1988 e ingressa como professora de Letras na Universidade Federal da Paraíba, no ano de 1992. Sua ascensão na carreira acadêmica foi gradativa e ano após ano atestou para seus alunos e colegas sua habilidade com as palavras e com a educação. Sua maior dificuldade era justamente a questão da disciplina profissional, do quanto ela precisava estar atualizada, ter e saber passar o conhecimento, organizar horários e ter constância naquilo que fazia.

Eu tive que aprender a ir pro olho do furacão, porque dar aula é você estar no olho do furacão todos os dias e para isso você tem que ter disciplina, que é coisa que eu não tenho. O trabalho de professor exigiu de mim o triplo: ter

que estar no olho do furacão, lidar com pessoas diferentes, com conhecimento sempre estar atualizada e estudando, trabalhar sábado, domingo, feriado, férias, ter cronogramas e ter prazos. E eu sou muito desorganizada, então, o trabalho da academia me deu rumo e compasso (PEIXOTO, 2018).

O trabalho de professor exige de você e você não quer ser um professor tido como desleixado, que não sabe das coisas. Você quer mostrar o que tem de melhor e é cobrado pelo aluno, pelo Departamento, pelo Lattes, e principalmente por você próprio. Fiz parte de um Departamento que admiro muito, que era combativo e eu participei de algumas mudanças que ocorreram quando o Governo começou a inserir mecanismos de controle. O Ministério da Educação fazia avaliações constantes e isso me colocou no canto da parede, exigindo produção, mas eu sempre encontrava espaço para driblar ou para esquecer as coisas que para mim eram mais difíceis e me concentrava em colocar o meu subjetivo dentro das minhas aulas, dentro das minhas avaliações. Você tem que aprender a exercer o seu poder de professor junto aos alunos. É uma carreira muito linda e eu aplaudo, apesar de ser difícil e que é mal paga e mal vista. Mas eu fui feliz e acho que foi uma experiência transformadora na minha vida. Em 25 anos eu aprendi muito mais do que a minha vida inteira (PEIXOTO, 2018).

Ana Adelaide Peixoto trabalhou por mais de 25 anos como professora de Letras com habilitação em inglês, atuando em áreas como literatura inglesa, subjetividade feminina, literatura e cinema e ficção moderna, a partir da obra de Virginia Woolf. Soube aproveitar muito a sua vivência internacional para incrementar as suas aulas uma visão diferenciada dos conteúdos programáticos das disciplinas que lecionou.

Mas antes de ser professora, trabalhou na Secretaria de Educação, no órgão de cultura e comunicação, entre os anos de 1977 a 1980, organizando festivais artísticos como o Festival de Artes de Areia. A partir desse trabalho, também pode aprofundar seu conhecimento sobre essa área, atuando profissionalmente frente à uma temática que ela já gostava desde a adolescência. Assim, desenvolveu uma leitura crítica sobre diferentes assuntos que concerne às artes, como cinema, música, artes plásticas e arquitetura. Posteriormente, se tornou funcionária pública, atuando na reitoria da Universidade Federal da Paraíba, onde trabalhou desde 1980, até ser convocada para ser professora do Departamento de Letras da UFPB.

Relembra que, no decorrer desses anos, a escrita para ela sempre foi um escape, uma solução para expressar sua opinião, mesmo quando esse processo não era tão evidente. Na escola, sempre teve muita facilidade em escrever redações nas atividades e provas que fazia e até mesmo nos momentos de lazer se dedicava a escrever sobre algum tema que lhe chamara a atenção. De maneira muito orgânica, Ana Adelaide desenvolveu sua escrita sem imaginar que no futuro isso seria algo muito importante para a escrita da sua própria história.

Esse futuro veio à tona de forma espontânea e inicialmente ligada a um fator da vida pessoal, que mais tarde, por sua formação em Literatura, veio florescer. Descobriu nessa área a sua paixão, que não somente se restringia à língua inglesa, mas também aos temas do feminino, dos feminismos e tantas outras histórias de mulheres pelo mundo afora. Percebeu que a identificação de si mesma nessa escrita literária era inevitável.

Mas foi em 1993 que Ana Adelaide estreou na imprensa paraibana com a sua primeira crônica publicada no jornal *O Norte*. Seu pai, Romero Peixoto havia partido e ela escreveu uma homenagem a ele, que consta como “*Romero, meu pai*” no seu livro de crônicas “*Brincos, pra que te quero?*”. Palavras cheias de lembranças e muita saudade. Quis publicamente demonstrar seus sentimentos para uma das pessoas mais importantes da sua vida, pessoa essa que fora exemplo de caráter e confiança para ela e suas irmãs. Assim, nasceu a crônica de Ana Adelaide Peixoto.

Conhecia muitos jornalistas. Então chamei o editor e disse: “olha, será que se poderia publicar isso? É uma homenagem. Você veja se dá certo.” E ele publicou. Depois fiz o segundo, mas era assim: botava num disquete, depois era num CD, depois em um *pendrive* e assim levava no jornal *O Norte*. A jornalista Gorete Zenaide, que faleceu no ano passado [2017], tinha um Caderno chamado *Caderno Mulher*. Ela também publicava outras coisas, pois tinha interesse de fazer desse Caderno um pouco mais além da crônica social, então ela me pedia textos: “Ana, vai chegar o Dia das Mães, me dá um texto pro Dia das Mães!” Era nesse modelo. No Dia Internacional da Mulher, era certeza! E as vezes eu mandava. “Gorete, fiz esse texto, tem espaço no Caderno das Mulheres?” Nessa época o diálogo já era por *e-mail*. Mas antes eu pegava meu carrinho do Bessa e ia até *O Norte* lá no centro da cidade, parava o carro lá não sei onde e ia entregar, com o disquetezinho na mão (PEIXOTO, 2018).

Então, foi uma iniciativa minha e assim foi durante muito tempo. Depois, quando chegou a internet ficou mais fácil. Eu mandava para o editor e perguntava: tem espaço? Às vezes, não tinha naquela semana, mas ia ter um mês depois. O texto já estava até fora de hora, mas às vezes eu mandava e dizia: “olha, tem que ser publicado essa semana, senão não faz sentido!”. Era uma coisa muito doméstica, muito amadora (PEIXOTO, 2018).

Muito antes de ingressar na imprensa, Ana Adelaide já exercia a escrita graças às cartas que trocava com a família quando estava fora de casa. Em diversos momentos de sua vida, fossem eles durante suas férias, seu intercâmbio ou seu mestrado, além da área acadêmica, escrevendo o trabalho de conclusão de curso, dissertação, tese e muitos artigos sobre o seu tema de atuação, não imaginou que a sua escrita perpassasse também pelo âmbito literário. A sua crônica surgiu dessa forma, como tudo em sua vida, sem grande planejamento,

resultando no florescer de todas as suas experiências vividas. “Eu tinha 39 anos quando meu pai morreu, e até então nunca soube que eu sabia escrever para publicar”, admite.

Esse processo aconteceu de maneira espontânea, desconsiderando o fato de que Ana já estava trabalhando com literatura. Escrever seria uma consequência dessa vivência, mas ela nunca imaginaria que isso fosse acontecer. Levando em conta sua experiência como professora universitária, então, sempre em contato com obras e textos peculiares que aguçavam seus sentidos líricos e uma visão mais abrangente e crítica sobre esse campo do saber e com suas técnicas, novos horizontes se abriram para uma história na literatura e na imprensa paraibana.

Então, foi uma coisa muito orgânica; não foi uma coisa assim: vou escrever crônica! Descobri que estava escrevendo crônica muito tempo depois, e hoje minha crônica já é muito ambígua, ela é híbrida. Tem horas que escrevo artigo de opinião, tem horas de escrevo resenhas críticas de filmes, tem horas que começo falando de um filme como uma resenha aí me coloco dentro, cito um exemplo. Hoje, eu vou por aqui, por ali e antes não tinha consciência disso e foi indo. E claro, chega uma hora que a Universidade e também o trabalho de professor me abriu muitos caminhos para uma história na literatura, né? Eu estava preparando uma aula e lia um conto e aquilo me remetia à outra coisa, e quando eu me via já estava escrevendo (PEIXOTO, 2018).

Os anos se passaram e Ana Adelaide Peixoto está perto de fazer trinta anos de crônicas publicadas na imprensa paraibana, começando no jornal *O Norte*, passando rapidamente pelo *Correio da Paraíba* e *A União*, publicando no suplemento literário *Correio das Artes*. Posteriormente, com a entrada do jornalismo digital passou a atuar no *WScom* e *Jornal O Contraponto*. Periodicamente, a cronista passou a lançar seus textos nos jornais da cidade como colaboradora, semanalmente ou por duas vezes ao mês, atividade que tinha que conciliar com outros trabalhos que desenvolvia, inclusive com o seu doutorado, que passou a fazer a partir do ano de 2004 na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

A sua rotina de escrita (especificamente para os textos publicados na imprensa) se mantém reservada para os finais da semana, o sábado ou domingo. Geralmente pela manhã, Ana Adelaide senta em sua mesa e faz consigo uma espécie de retrospectiva, recapitulando todos os fatos e acontecimentos vividos. Geralmente, não deixa a crônica pronta no mesmo dia, mas faz um rascunho para lembrar dos temas que vem a sua cabeça para não perder de vista. Costuma escrever sobre sua rotina (de professora, de mãe, de filha, de mulher), o cotidiano da sua casa, da cidade, do seu bairro, sobre os espaços que frequenta como o cinema, a praia e sobre os livros que lê.

Comecei a escrever naturalmente como quem escreve uma carta, um bilhete, e quando me dei conta que aquilo era parte da minha vida já fazia muito tempo, e eu não me dava conta que aquilo era uma atividade profissional. Então, o fato de eu trabalhar com mulheres, escrita feminina, de frequentar os seminários ‘Mulher e Literatura’, de trabalhar com Literatura, foi me dando consciência de quem eu era, do que eu escrevia, da importância do que eu escrevia, nem que aquilo que eu escreva nunca seja publicado, mas acho legal porque recebo muito retorno das mulheres e dos homens, então fico muito feliz por conseguir me comunicar (PEIXOTO, 2018).

E a partir daí, foi se consolidando a crônica de Ana Adelaide Peixoto na imprensa paraibana, em um movimento que se inicia nos jornais e depois se fixa no campo da literatura como um corpo textual que percorre em todos os âmbitos de sua experiência de vida. Como se observa nos estudos sobre a crônica, antes muito disputadas nas páginas jornalísticas, hoje passa por transformações e toma uma posição hierarquicamente abaixo de outros gêneros literários conhecidos, como o conto e o romance, mas ganha flexibilidade em suas técnicas e escritores adeptos nacionalmente conhecidos. A sua crônica passa por uma linguagem “ordinária”, capaz de descrever o cotidiano de uma maneira detalhada e simples, ao mesmo tempo que não se prende ao fator temporal, mas o descreve sem perder sua importância e beleza.

Suas temáticas decorrem de suas experiências particulares, sendo ela protagonista de sua vida e de sua escrita ao mesmo tempo, se autoanalizando e analisando o mundo ao seu redor. O seu olhar crítico decorre a partir de sua vivência de mundo e impacta diretamente o valor inferido nos textos publicados. As lembranças também são matéria prima para a crônica de Ana Adelaide Peixoto, que consegue mesclar seu olhar espacial nas dimensões do presente e do passado, sem fazer com que isso se torne obsoleto em sua obra.

Você faz uma crônica sobre assédio lembrando que a vida toda sofreu nos cinemas. Então, você está querendo falar de você, dentro de uma experiência global ou nacional e você está contando uma experiência sua, dialogando com o movimento nacional das mulheres. Quando eu falo da minha primeira menstruação eu estou falando de uma experiência de uma menina, do que aquilo provocou em mim, o tabu que era e querendo falar de algo que até hoje não se fala muito. Eu estou inserindo uma experiência pessoal, me mostrando para que aquilo venha ao povo, para que seja lido. Às vezes falo de mim no almoço de Páscoa, que não vai ter interesses maiores, mas que eu estou relatando com certo humor, aí entro na área gastronômica, de repente falo que fiz um feijão de coco, que fiz um peixe não sei das quantas. Realmente, sem nenhuma pretensão de dialogar com nada, é um diário, uma forma de me colocar num gênero cotidiano; é mais um retrato, de um determinado tempo, de uma determinada data, de uma determinada casa;

aquela coisa que vai afunilando, afunilando, que sou eu. É por isso que falo e me expresso, me colocando nesses escritos (PEIXOTO, 2018).

Por ser ativamente participantes dos espaços que descreve, como a cidade, a sua casa, os bairros onde morou (Tambaú, Bessa, Miramar, Centro), o Colégio das Lourdinhas, as praias, o cinema, os blocos carnavalescos, Ana Adelaide formou em si uma semiótica desses lugares, muito característicos em suas crônicas. O feminino aqui também se compõe como um lugar, e assim vai descrevendo toda a sua vivência dentro desse “espaço”, que é o corpo da mulher.

Dessa forma, conversa com o público que está habituado com esses “ambientes”, geralmente contextualizados a partir de uma cultura e tempo em comum. “Acho que consigo dialogar, que tenho um caminho, uma voz. Eu me posiciono e consigo ter esse trânsito com uma determinada camada. Tenho essa voz com a classe média, com a mulher branca, universitária, da sociedade, não a *high society*, mas da vida cultural” (PEIXOTO, 2018).

A produção da crônica em questão se dá a partir da descrição de acontecimentos ou sentimentos, que se passam em um determinado lugar. Ana Adelaide Peixoto tem ao seu alcance um caderno de anotações e uma caneta para escrever tudo de mais curioso que percebe do mundo, seja um fala, um gesto, uma cor vibrante, a natureza, os astros, o clima, etc. Ela dá forma as palavras, descrevendo com precisão os cenários onde esses fatos vão acontecendo. Assim, vai anotando os tópicos do que se caracterizariam como uma prévia escolha do que poderá escrever, que afirma não ter nenhum critério a não ser o despertar intrínseco sobre o tema. Mas é só quando ela senta em sua mesa nos fins de semana que o texto se desenvolve.

Já escrevi crônicas de quando eu estava num supermercado e o caixa vira para o companheiro e faz uma observação: um disse que tinha levado um chifre, o outro disse não sei o que. Daí anotei aquilo e escrevi uma crônica para o Dia dos Namorados. Então, às vezes eu estou aqui e uma pessoa diz uma coisa que me horroriza, ou então que me encanta. Ou vou passando em algum lugar e vejo uma paisagem que enlouqueço, então anoto: “escrever sobre mais tarde”. De vez em quando tenho três tópicos anotados, que tenho material, mas uma coisa me chamou mais atenção ontem e escrevo sobre aquilo, e os outros vão ficando no banco de dados, entendeu? Então, é assim, muito volátil, volúvel, até. Porque depende do momento. Às vezes quero escrever algo sob encomenda, por exemplo, São João. Quero escrever sobre o São João, então eu sento e escrevo, mas não escrevo sobre o São João de hoje, escrevo sobre o São João que vivi, que está na minha memória, sobre quadrilha, sobre minhas lembranças de vestido de matuta, sobre os ensaios de quadrilha, sobre aquele par que eu não queria dançar, sobre minha mão suando frio com aquele par que eu queria dançar, sobre como foi ser noiva de improviso (PEIXOTO, 2018).

A crônica nesse caso, como considera Ana Adelaide, seria uma “foto do dia”, um retrato do seu cotidiano que reflete a sua visão sobre determinado ângulo dos acontecimentos, “lançando um olhar em direção as circunstâncias” da vida, da cultura, dos fatos corriqueiros. Essa produção permeia os instantes percebidos e contextualizados a partir dos próprios referenciais da escritora, onde se dá a significação, de onde retira o extrato substancial para a produção de sentidos, a partir de seu *insight* cotidiano.

A depender da rotina de escrita, as inspirações se findam, mas até da falta de ideias Ana Adelaide extrai uma crônica e faz disso matéria prima para sua reflexão literária. “São dois momentos: um quando o assunto cai, que é aquele momento do espanto, ou do reconhecimento, e aí dá um texto; ou você não tem isso, eu me sento e digo: meu Deus do céu! Vou escrever sobre o que hoje?” (PEIXOTO, 2018).

Nesse meio tempo, além de se fixar os detalhes da vida cotidiana, a cronista também lê outros autores em jornais e livros. De um modo mais específico, Ana Adelaide tenta acompanhar a produção literária e jornalística da imprensa paraibana, como uma maneira de se inteirar sobre os temas discutidos entre seus colegas de escrita. “Eu leio os cronistas Gonzaga Rodrigues, Martinho Moreira Franco, leio Vitória Lima, leio Hildeberto Barbosa e João Batista Brito, com as resenhas de cinema, então eu gosto de ler jornal, principalmente os autores paraibanos, leio tudo” (PEIXOTO, 2018).

Você tem o assunto, às vezes não tem. E, às vezes, você relaciona o que acontece muito consigo. Uma amiga uma vez me disse assim: Mas Ana, como é que você se lembra de tudo isso? Eu digo: menina, são 25 anos em uma sala de aula! Então, estou escrevendo sobre um assunto extremamente corriqueiro e me lembro de um conto, aí fica lindo quando acontece. Lindo no sentido que fica rico, porque estou falando de algo bem doméstico, bem corriqueiro e me lembro de um conto, introduzo a escritora, falo que conto é, como é aquela história, como é a personagem e como me senti. Isso foi o trabalho acadêmico que me deu, esse trânsito da literatura com a crônica, de me botar no personagem e trazer para minha “conversa de abobrinha” (PEIXOTO, 2018).

Existem também espaços que a inspiram, e que para Ana Adelaide Peixoto seria uma fonte rica de ideias para textos, como supermercados, salão de beleza, fotos antigas, imagens, sons e cheiros que remetem ao passado. Como ótima e perspicaz observadora consegue absorver esses movimentos curiosos do âmbito social e assim produzir a sua obra. “Eu sou muito antenada, mas é uma antenada calma, não sou hiperativa. Então, pode ser uma cena, uma palavra... acho que esse é o mesmo processo de alguns poetas, porque já vi muitos poetas falando que o poema surge assim. A crônica também. Surge de uma imagem, de uma foto, de

um som, de uma determinada situação” (PEIXOTO, 2018). Assim, podemos considerar que a sua crônica resulta em uma tradução da percepção semiótica da experiência da escritora, que se desenha como uma teia, onde um ponto liga a outro, formando um fio condutor das memórias e do seu imaginário.

Mas algumas vezes não consegue terminar os textos que se propôs a escrever. Os motivos são diversos, afirma, mas dois deles se destacam, um pela máxima aproximação com o tema e o outro pelo distanciamento. Esses tópicos são relatados pela experiência própria da rotina de escrita de Ana Adelaide, como, por exemplo, ter um envolvimento emocional grande ou não conseguir conectar o fato com uma referência, deixando o texto que a autora considera como “vazio”. Nesse processo, geralmente desiste da temática e inicia a busca de outros elementos para compor a sua nova crônica. Existem áreas sobre as quais não consegue transitar, como a política e economia, por ser um campo no qual a escritora afirma não ter autoridade, se colocando muitas vezes com um “olhar de cidadã”. “Os temas que transito são aqueles que me sinto mais conhecedora, como Literatura, cinema, culinária, cotidiano, as mulheres, as viagens; são temas realmente mais próximos de mim” (PEIXOTO, 2018).

Considera a sua crônica perfeitamente estruturada ou produzida quando consegue fazer das palavras algo mais inteligentemente bem-humorado. Assim, gosta de surpreender os leitores com textos que os “façam felizes”, sem perder de vista a consistência do seu olhar crítico e profundo sobre o cotidiano. Também costuma colocar títulos em seus textos, em sua grande maioria títulos que geram curiosidade. Quando cabe, põe um trecho de um texto literário que conversa com o que vai retratar mais adiante. É assim que costuma estruturar suas crônicas, mesmo que não tenha essa estrutura claramente definida, a depender de onde a crônica será publicada.

Atualmente, Ana Adelaide Peixoto está aposentada da profissão de professora do magistério superior, conciliando sua vida pessoal ao trabalho como escritora, atividade essa que não pretende parar de exercer. Sua rotina se transformou completamente daquela de outrora, quando estudava mestrado/doutorado, viajava para o exterior, tinha filhos pequenos e um casamento para conciliar. Agora, com o tempo para si, concentra-se em fazer disso uma chance de aproveitar a vida em sua própria companhia, realizar pequenas coisas, sair com amigos, ler, praticar pilates e ir ao cinema. Mas relembra que foi feliz na profissão que escolheu, pois foi onde conseguiu realizar grandes sonhos e viver momentos memoráveis, que hoje são escritos em suas crônicas publicadas na imprensa paraibana.

Estou há um ano aposentada e eu sei que não posso viver de pernas para o ar. Eu trabalho organizando livro, escrevo, mas me entreguei a essa coisa de não ter culpa de não estar trabalhando. Eu usufruo. Quero dormir a tarde toda, durmo; quero ir ao cinema domingo à tarde e vou; tomar uma cerveja terça-feira à tarde, bebo. Não tenho aquela preocupação: “ah, mas estou perdendo tempo!” Não estou perdendo tempo de nada! Eu nunca tive essa agonia de realizar coisas. Minha vida foi sempre assim: o que vai acontecendo eu vou fazendo. Claro que, planejo certas coisas, a médio, curtíssimo prazo, mas eu não consigo dizer: “eu preciso fazer isso para minha velhice, eu preciso fazer isso para um filho”... Eu não consigo. Não funciona assim. Tenho muita dificuldade com o plano de ação (PEIXOTO, 2018).

A escrita para ela se tornou algo norteador em sua vida, capaz de moldá-la a características das quais afirma não ter, mas necessárias para a prática como escritora, como, por exemplo, a disciplina. Escrever possibilitou a Ana Adelaide Peixoto o conhecer-se e o conhecer o mundo, trazendo-a uma sensibilidade ao captar as nuances da vida cotidiana e usar desses elementos como fonte de inspiração para a escrita de sua própria história na imprensa. A subjetividade presente nas crônicas é um reflexo desse processo, que se insere em suas narrativas, descrevendo não apenas a visão, o recorte e ângulo de um determinado tema, mas principalmente contextualizando todo o cenário e espaços que compõe essa sua fotografia literária. “Escrever me trouxe muita importância, além dessa parte prática, uma subjetividade, disciplina e o gostar de ler, de procurar outras crônicas, outros textos. Isso me possibilitou ter um canal de comunicação com o mundo” (PEIXOTO, 2018).

No caso da minha crônica, o que ela significa hoje? Agora como aposentada ela significa, mais do que nunca, meu fio com o mundo e essa obrigação, porque, você está aposentada, no primeiro ano, você fica “desbundada”, mas essa é uma liberdade que não tem preço, e escrever me dá uma certa disciplina, um olhar atento de continuar, porque eu não quero me aposentar para ficar deitada em uma rede. Eu quis me aposentar para não fazer mais o trabalho extenuante de professor, mas eu queria viver como uma cidadã do mundo, atenta às coisas do meu país, atenta às coisas da minha cidade, participando da vida da minha cidade, participando da minha vida pessoal, e, claro, tendo esse olhar cotidiano, mesmo. Isso é muito importante para mim hoje (PEIXOTO, 2018).

Apesar de ter iniciado “tarde” como escritora, como sempre afirma, viu aos poucos o reconhecimento chegar por causa da repercussão dos seus textos. “As pessoas me abordam na rua, nos lugares, lá no centro da cidade. Se vou a um show, ao cinema, em um evento cultural, no shopping” elogiando as crônicas e falando o quanto elas se identificam com as temáticas que são publicadas. Uma vez, foi a um congresso sobre “Mulher e Literatura” e relembra o dia em que foi assistir a uma palestra de uma estudiosa da escrita feminina e se surpreendeu

quando percebeu que um dos textos analisados era o seu. “Eu pensei: bem, aqui tem alguma coisa. Porque infelizmente você precisa do olhar do outro, principalmente nós mulheres, pois se a crônica já é um ‘gênero menor’ e se é mulher que escreve, aquilo vira ‘bobagem’. Eu nunca achei que fosse bobagem, mas a maioria acha” (PEIXOTO, 2018).

Antes de lançar meus livros eu tinha esse reconhecimento por abordagem. Inclusive, as pessoas ditas cronistas, os mais famosos da cidade, chegavam para dizer que gostavam muito do meu texto. Lembro que quando comecei a publicar, tive pessoas que me incentivaram muito, amigos e jornalistas. As mulheres muito mais, os meus alunos e minhas colegas acadêmicas. Depois, quando lancei os livros, eles foram muito bem repercutidos na imprensa. Muita gente escreveu comentários, os jornais me deram muito espaço e críticas muito positivas. Eu, apesar de ser uma mulher de 64 anos, sou uma estreante, não é? Não dá para ter ainda todos esses aplausos e reconhecimentos porque sou estreante. Estou começando com as publicações, porque é diferente quando você publica só no meio e quando você organiza um livro, porque ali você tem um arcabouço do seu trabalho de uma vida inteira (PEIXOTO, 2018).

Assim, Ana Adelaide Peixoto vai compondo a sua trajetória na imprensa paraibana, mas também na literatura. Para além de sua atividade como professora, a escritora detém em suas crônicas uma responsabilidade de dizer e comunicar, fazendo de sua história uma linha do tempo nas páginas dos jornais e livros. A escritora usa das suas crônicas como ferramenta para quebrar as barreiras que as mulheres enfrentam diariamente nesse e em outros contextos. E dentro desse cenário, apesar de tudo, observa que existe uma crescente presença feminina na imprensa paraibana, principalmente no que tange à escrita literária e às artes.

A literatura hoje é uma coisa pulsante e saiu do pedestal, pois antes você não fazia um poema com medo de Camões lhe criticar em alma, você não fazia uma crônica porque tinha que ser um Rubem Braga; você não fazia um romance porque tinha que ser uma Clarice Lispector; então, hoje as pessoas perderam esse medo, claro, ninguém escreve uma obra-prima todo dia nem começa sendo uma escritora de renome. Você começa porque sente uma determinada necessidade, porque acha que sabe falar de um determinado assunto, coloca sua cara à tapa. E, agora, você vai em uma feira literária, em uma livraria, são milhões de livros de escritoras mulheres de todos os cantos do mundo e isso eu acho fantástico (PEIXOTO, 2018).

Lembro que a crônica era um espaço muito masculino aqui; era Gonzaga Rodrigues, Martinho, Luiz Crispim, esses eram os três maiores cronistas paraibanos, e era um espaço bem masculino na crônica por si só. E, quando fui estudar com Ana Coutinho no doutorado, ela me vem com algumas mulheres escritoras, não cronistas, mas escritoras paraibanas. Para minha surpresa dona Eudésia foi vizinha da minha avó e nunca soube na vida que ela escrevia. Precisou Ana Coutinho ir fazer uma pesquisa de resgate histórico, e foi graças ao movimento feminista acadêmico que conseguimos

isso, fazer esse resgate histórico - literário. Dona Olivina Olivia foi professora da minha mãe e eu nunca soube também, e Anayde Beiriz, que eu vim conhecer já adulta, e tem mais duas que eu não estou conseguindo lembrar o nome agora. Quando comecei a escrever nos jornais, não me lembro de cronistas; tinha jornalista que fazia coluna social (PEIXOTO, 2018).

A partir de toda a sua experiência na imprensa, com textos publicados que datam quase 25 anos de crônicas na Paraíba, compõe duas obras importantes no cenário local: “*Brincos pra que te quero?*” e “*De paisagens e outras tardes*”, compilando o que considera como a melhor representação de toda a sua trajetória literária. Mas há planos para outras publicações, pois são diversos textos selecionados e categorizados, que pretende lançar como mais uma contribuição sua para a Literatura.

Tenho um monte de textos escritos que não estão em livro nenhum ainda e agora, estou organizando um só de crônicas feministas ou que pelo menos fale sobre mulheres. Tem outro que fala só de cinema, e tenho alguns textos na área de literatura, não necessariamente crônicas, mas coisas que eu escrevia sobre congressos, sobre eventos literários e sobre autores. Estou vendo como é que eu organizo, porque o livro é isso, é ver organizado aquilo que está perdido no computador, que está perdido na gaveta (PEIXOTO, 2018).

Se considera uma escritora das imagens, uma leitora orgânica e uma comentadora assídua. Os jornais têm grande importância para a sua vida, pois é através destes que se informa e também que comenta a sua perspectiva sobre o mundo. É a sua janela, onde observa e fala aos quatro cantos da cidade as suas impressões. É onde Ana Adelaide vê e se deixa ser vista. É o seu lugar de legitimidade, de voz e de conexão com o mundo.

Sempre me senti muito tranquila a respeito da minha trajetória, e eu hoje sou muito orgulhosa de ser mulher, de ter tido a vida que tive e tenho até hoje, mesmo com as dificuldades que ser mulher nesse mundo significa, porque a gente tem as barreiras todas ainda, as visíveis e as invisíveis, não é? (PEIXOTO 2018).

Recentemente, mais precisamente no mês de fevereiro, Ana Adelaide Peixoto passou a escrever no Jornal *A União*, no espaço que antes era reservado a Carlos Romero¹⁵, estreando como colunista com uma matéria sobre o seu trabalho e o texto de estreia “Começar de novo”, que reflete todo o seu processo com inícios de novos ciclos, dificuldades, expectativas e

¹⁵ Carlos Romero era advogado, escritor e professor universitário. Morreu em 7 de janeiro de 2019, em João Pessoa-PB.

reconhecimento pelo sua trajetória. Sua escrita bem-humorada e cheia de lembranças nos remete a uma crônica em movimento e renovação, que celebra a oportunidade que teve ao ser convidada para ser cronista do jornal ao lado de (e substituindo) grandes personalidades da imprensa e literatura paraibana.

4.2 JORNALISMO, CIBERATIVISMO E LITERATURA: JOANA BELARMINO EM TRÂNSITO

“Hoje, eu diria que a crônica, para mim, é mais um exercício jornalístico. Antes eu escrevia se eu tivesse uma tristeza, uma alegria, uma apreensão. Hoje, ela é mais do que isso [...]”

Por entre as zonas campestres do município de Itapetim, cidade mais setentrional do estado de Pernambuco, também conhecida como berço da poesia, nascia Joana Belarmino de Sousa. O primeiro choro ecoava nos campos, desde a sua casinha no sítio até os confins dos relevos e casas equidistantes. A população daquele vilarejo tomara conhecimento do nascimento, a partir da movimentação na casa em meio as plantações e açudes. Era dia 23 de junho de 1957.

Naquela época, a maioria das crianças da zona rural nasciam em suas casas, com a ajuda de parteiras e vizinhas próximas. Às vezes, era a própria família que tinha que exercer essa função, pois pela distância da cidade mais próxima e pela falta de comunicação, não dava tempo chamar alguém e a criança não espera por perfeitas condições. Joana Belarmino ganhara uma grande família e passou a dividir o espaço da casa com seus pais e mais doze irmãos. Sete filhos nasceram cegos, inclusive ela. Uma realidade difícil, que teve que se adequar ao longo dos seus primeiros anos de vida.

Tanto seus pais quanto seis de seus irmãos trabalhavam na roça, cultivando o sustento da casa, enquanto os demais estudavam. A família tomara essa medida pela deficiência dos filhos, crendo que a partir da cegueira, suas habilidades no campo não poderiam ser aproveitadas. Enquanto seguia o curso da vida, Joana conciliava seus estudos com momentos de exploração do ambiente a sua volta, no sítio onde vivia. Utilizava-se dos outros sentidos para conhecer a sua casa, o vilarejo, as pessoas, os ambientes onde frequentava, e assim pode desenvolver com facilidade e precisão um conhecimento espacial intrínseco e intransferível.

Houve um período, entre os três e seis anos, lembro-me que eu brincava muito sozinha nas cegas, porque meus irmãos tinham ido para a escola. E me lembro perfeitamente que tomava banho de riacho, em tanques, brincava nas

pedras altas, brincava com os gatos. Até com o vento e com a chuva eu brincava. Eu brincava muito com tudo que havia, pedras, pedaços de madeira, flores, absolutamente tudo (SOUSA, 2018).

Acreditava que quanto mais tinha contato com objetos e os elementos da natureza, mais ela conhecia o mundo. E as brincadeiras se tornaram uma das coisas que Joana passou a vivenciar com muita criatividade e emoção, partindo do princípio que foram através delas que a criança conquistou muitas habilidades sensoriais que são tão importantes nessa fase de vida. O clima, o vento, o sol, o calor, os açudes, a vegetação, os móveis da casa, os objetos da cozinha, os sons das pessoas conversando ao longe nas estradas de barro, absolutamente tudo era transformado em diversão, principalmente quando seus outros irmãos não estavam em casa.

Joana Belarmino aprendeu a descobrir o mundo por si só, estimulada pela sonoridade da vida do campo. Tudo o quanto observava virava um laboratório científico. Queria tocar, queria sentir, queria ouvir e experimentar. Os animais também eram importantes nessa fase de estímulos, e assim obteve muitas referências desse universo sertanejo. Aos sete anos, iniciava-se a vida escolar. Estava de certa forma ansiosa, pelo fato que antes vira seus outros irmãos saírem de casa em direção à escola, motivo esse que fez com que ela tivesse uma infância mais reservada, apesar de ter muitos irmãos.

Mas essa foi uma fase de mudanças para a família de Joana, pois estava indo em direção à João Pessoa para viver uma nova vida. A questão da educação foi um fator importante para a tomada de decisão, o que fez com que os seus pais se voltassem para um objetivo de fazer com que seus filhos tivessem acesso aos estudos. Na zona rural, a educação sempre era mais complicada, estando as escolas em uma localização menos favorecida, que geralmente é precária, sem estrutura para crianças cegas.

Dessa vez, Joana Belarmino se mudara para João Pessoa para morar e estudar no Instituto dos Cegos Adalgisa Cunha, onde seus outros irmãos já estudavam. Para ela, foi uma grande mudança de vida, pois sentiu todo o impacto da vivência na cidade, que difere muito do cotidiano no campo. Cada ambiente, cada espaço que passou a conviver era muito diferente do que estava habituada. A maneira de se vestir, de falar, de comer, o clima, tudo era diferente da sua realidade anterior, e isso de certa forma foi um acréscimo nas suas referências.

Foi uma mudança muito grande, porque eram costumes totalmente diferentes, o modo de falar, a alimentação. A nossa alimentação no campo era bem mais simples e aqui eles incorporavam outras coisas que a gente não

comia, por exemplo, chocolate. Eu vim comer chocolate aos sete anos porque no sítio não tinha. Estudávamos de manhã e à tarde e no outro horário fazíamos tarefas de casa, aulas de música, aula de datilografia, que foi muito importante para mim na época. Estudávamos e só íamos para casa nas férias. Depois, passei a brincar com as outras crianças. Brincava de roda, brincava de pega, de bola. Adorava brincar de bola. Tinha um pomar grande, com muitas árvores, e quando a gente tinha uma folguinha a gente ia brincar. Essas foram minhas referências de infância: meus pais, meus irmãos, os professores e colegas do internato (SOUSA, 2018).

O ingresso na escola expandiu as habilidades de Joana ainda mais. As atividades extraclasse que praticava, como datilografia, fizeram com que ela descobrisse paixões que jamais imaginara ter. Ler e escrever foram as primeiras descobertas. Nesse período, escrevia histórias do seu universo infantil e compartilhava entre os colegas e quando se deu conta, já havia criado muitas delas. Gostava disso e percebeu que os seus amigos também. Mas o seu grande sonho da infância era aprender a ler. Decodificar os signos da leitura em braille era a grande aspiração de Joana Belarmino, agora com nove anos.

O interesse pela literatura vem desde criança quando comecei a ler, o meu cérebro fez o clique e entendeu: isso é leitura! Aí comecei. Me lembro que um dos primeiros livros foram os livros de Monteiro Lobato: *Reinações de Narizinho e Sítio do Pica Pau Amarelo*. E assim foi rápido que consegui agilidade na leitura. Fiquei encantada com o mundo da Literatura, tanto que eu passei a brincar das coisas que eu lia nas histórias, que eu era Narizinho, e que Pedrinho era meu irmão e lá vai... Era uma brincadeira danada! (SOUSA, 2018).

Pela vida restrita que levava no internato, que tinham atividades que abrangiam o âmbito da aprendizagem, o ato da leitura não demorou a se tornar a principal atividade de Joana. Com muitos livros nas mãos, submergia na biblioteca do Instituto. Só saía de lá quando seu primo, vez ou outra, vinha buscá-la para passar os finais de semana em sua casa, para assistir televisão e ir à festa de Nossa Senhora das Neves, como recorda. Outra coisa marcante em sua infância foram as lendas que tinha relação ao Natal, como Papai Noel. Sempre colocava uma “sandália” na janela de seu quarto, no intuito que quando o velhinho passasse na madrugada, lhe deixasse um presente.

Ainda me lembro, foi no primeiro ano. Achava o braille difícil, e aí, não entendia, tudo completamente novo. Quando eu consegui, pronto! Foi uma felicidade muito grande. Tenho uma memória muito clara desse dia, porque não me lembro de muita coisa da infância, mas disso me lembro. Lembro que era um fim de tarde, estava no meu quarto, no dormitório, na minha cama, e estava com a cartilha da escola tentando e nesse dia entendi o processo de tocar letras, juntar e formar palavra. Meu cérebro entendeu, fez

um clique, aí pronto. Eu nunca mais parei de ler desse dia em diante (SOUSA, 2018).

De um modo geral, a infância de Joana Belarmino foi envolta de imaginários comuns para crianças de cidades pequenas. Não havia grandes sonhos, nem aspirações e luxos. Ganhar brinquedos era a coisa mais extraordinária que podia acontecer. Brincar no campo com os amigos e estar perto da família também fazia parte de suas atividades preferidas. Isso sempre foi uma coisa muito preciosa para ela. Depois que aprendeu a ler, a leitura também se tornou um universo de significados, pois foi a partir dos livros que Joana pode se abrir ainda mais para o mundo, principalmente em relação a sua percepção das coisas, do cotidiano.

Já na adolescência, por volta dos seus doze anos, passou a usar disso com mais criatividade, escrevendo fotonovelas e contos. Foi nessa época que a música entrou na sua vida e, a partir de então, inseriu esse elemento para conhecer e depois compartilhar com seus colegas as suas interpretações. Posteriormente, Joana viria a ser premiada em festivais musicais por suas composições. Era rotina da escola os alunos mostrarem suas leituras e textos para a turma, e isso a divertia muito. Assim, também surgiu a crônica de Joana Belarmino, onde os seus primeiros textos, inspirados nas leituras que já fazia, lhes rendeu boas histórias.

A gente gostava muito de música. Eu tinha um amigo que até hoje ele é músico, o Beto Melo, aí ele organizava shows, brincadeiras, e eu compunha umas músicas bem ruins e a gente cantava. Na época, escrevia fotonovela. Inventava, sem imagem. Era só brincadeira. Depois mostrava para a turminha e eles escutavam. Eu lia para a turma e eles escutavam. Então, a gente gostava muito disso, de brincar disso, de teatro, de radionovela, de música, sabe? Era uma efervescência muito grande. Acho que no princípio eu não sabia, mas depois li, por exemplo, Rubem Braga, que é um grande cronista. Não me lembro se cheguei a ler Drummond de Andrade, mas realmente, o começo eu não sabia totalmente que eu estava escrevendo crônica. Poesia eu fazia, mas não prosperei muito nela. Gostava mais da prosa, do conto, da crônica e inventava essas novelas que poderiam ser uma espécie de romance ou radionovela (SOUSA, 2018).

A partir dos seus quinze anos, os pais de Joana se mudaram para João Pessoa e foi nesse período que ela e os irmãos saíram do internato para terminarem os estudos em uma escola regular. A essa altura, ela já tinha descoberto muitas das paixões da sua vida, ler e escrever e quando se deu conta, estava afirmando que queria ser jornalista. Não lembra exatamente quando isso se tornou um grande sonho, mas sabia que as habilidades necessárias para realizá-lo ela já tinha. E foi só questão de tempo até Joana Belarmino ser aprovada no

vestibular. “Eu acho que isso veio da literatura porque, como eu gostava muito de escrever e eu pensava ‘onde é que eu vou poder exercitar a narrativa escrita?’ aí eu pensava no jornalismo”, afirma.

Passou a estudar como bolsista na Escola Nilse Vasconcelos, onde começou o ensino médio, naquela época conhecido como “ginásio”. Desse período se lembra das dificuldades que teve para se integrar com seus colegas e com as atividades da escola. Por ser um ambiente que não era necessariamente especializado em pessoas cegas, muitas das atividades oferecidas não incluíam esse público, o que fazia com que Joana ficasse de fora de muitas programações escolares. Isso gerava nela uma frustração que conciliado com a sua timidez, fez com que ela se visse excluída do convívio escolar, uma realidade que afeta muitas pessoas com algum tipo de deficiência.

Primeiro, fizeram uma experiência quando estávamos na quarta série. Nossa professora resolveu nos colocar em um grupo escolar, que era o Padre Dehon, na Torre. Era eu, meu irmão e acho que mais duas ou três colegas. Uma pessoa da escola nos buscava e nos levava. Lembro que eu não me integrava muito no recreio com as crianças porque eu era muito tímida. Depois, na primeira série do ginásio fui estudar numa escola chamada Nilse Vasconcelos, que era uma escola particular que tinha algumas bolsas de estudos. Nesse colégio, eu era mais tímida ainda, porque era uma escola só de meninas. Tinha meninos, mas era separado. Lembro que as meninas dançavam na sala, quando estava no recreio ou então jogavam pingue-pongue. Eu tinha inveja disso, eu adorava bola e eu queria muito jogar pingue-pongue, mas aí isso seria impossível. Elas brincando na sala e eu só assistindo, tanto a dança quanto o jogo de pingue-pongue. Eu ficava só assistindo aquilo com uma certa frustração por não poder. Lembro-me também que no Padre Dehon e também nessa escola tinha umas aulas que as crianças tinham que desenhar mapas, aí eu também não podia e ficava de fora dessa atividade. Eu detestava, sabe? Porque tinham atividades que a pessoa cega não era incluída, mas eles deveriam inventar alguma forma, né? Na escola comum a gente ficava excluído (SOUSA, 2018).

Mas os estudos para Joana sempre foram motivo de alegria, exceto pelas ciências exatas, matérias que não conseguia ter muito entendimento. Mas amava estudar português, história, geografia e biologia. Mas antes da conclusão do segundo grau, Joana passou a estudar o “magistério”, curso que licenciava pessoas a se tornarem professores de diversas matérias. Assim, passou a estudar no Liceu Paraibano e logo se transferiu para a Escola de Professores em Santa Rita, concluindo sua formação pedagógica, em 1976. Logo, com seu diploma em mãos, Joana foi aprovada em um concurso para professora e assim conseguiu um contrato temporário com o Estado da Paraíba para lecionar nessa mesma escola.

Lembra que nesse período já existia políticas de inclusão para profissionais com deficiência, e entre algumas oportunidades de trabalho, surgiu uma vaga como operadora industrial em uma fábrica têxtil, que era onde os seus outros irmãos trabalhavam há algum tempo. Existia um serviço de redirecionamento que fazia com que alunos que concluíram o ensino médio fossem encaminhados para esses trabalhos específicos, mas demandava uma longa jornada laboral, o que atrapalharia seus estudos do segundo grau: “Não sei o que foi que deu, mas disseram que eu não tinha aptidão para aquilo, graças a Deus”, afirma.

No ano de 1977, o curso de graduação em Comunicação com habilitação em jornalismo foi fundado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Joana Belarmino volta sua atenção para os sonhos da adolescência, questionando-se se ser professora de ensino fundamental era a profissão que desejara para a sua vida. A resposta vem na decisão de Joana em fazer o vestibular, sendo aprovada então, em 1978, para ingressar no curso tão almejado. Foi na UFPB que Joana formou sua visão crítica em relação ao mundo, à sua profissão e ao seu futuro. Foi a partir de lá que passou a questionar muitas coisas em seu cotidiano, e a atuar na sua profissão de maneira mais ativa.

Sua primeira experiência profissional como jornalista foi como voluntária do *jornal O Momento* (entre os anos de 1979 a 1980). Escreveu quatro grandes reportagens, com a ajuda de um dos seus irmãos para fotografar as matérias. Descreve como uma importante vivência na área de atuação, que abriu os seus olhos para essa prática profissional. Escrever para ela estava sendo uma grande realização, pois entrou nesse curso como uma forma de dar vazão à sua paixão, que era a escrita, atividade que vivenciou desde a sua infância no Instituto. “Escrevi sobre as lavadeiras de rio, sobre os fotógrafos de rua, sobre os vendedores de discos de vinil (...) Era sempre uma espécie de reportagem aprofundada”, relembra.

Estava lá perto do quinto período e tinha um jornalista que dava aula para nós que tinha um jornal semanário, que era “*O Momento*”. Aí, eu disse para ele: quero fazer uma experiência no seu jornal como *freelancer*. Aí, ele: tá! Só que não tem como eu lhe pagar. Aí, eu: tudo bem! Ainda escrevi quatro grandes reportagens no jornal dele. Lembro-me que eu levava meu irmão para fazer as fotografias, porque não tinha quem. Ele não dava nada, a gente tinha uma máquina e fazíamos as fotos (SOUSA, 2018).

A partir da paixão pela escrita e a sua facilidade com as palavras, Joana Belarmino ingressou também no mundo das letras, lançando, em 1979, seu primeiro livro de contos infantis, chamado *Patinho Criança*. A prática como escritora já tinha desde a infância e esse trabalho foi fruto de muitos dos textos que escreveu em sua fase escolar. Com o apoio de uma

professora da universidade, a jornalista pode realizar mais um sonho em sua vida, que começou a se concretizar muitos anos antes e foi, enfim, concluído no momento de seu lançamento na UFPB.

Posteriormente, a escritora lançou mais quatro obras ao longo de sua trajetória de vida e pela diversidade da natureza dos livros, aprovam a qualidade, competência e criatividade da profissional que se tornou. O seu segundo livro, também de contos infantis, chama-se *Dartanham: Um gato com gosto de pinto*, foi publicado em 1983, pela Editora Moderna, com o apoio de uma colega do jornal *A União*. Em 1993, publicou o livro de poemas e contos intitulado *Comício das veias*, obra que tem coautoria com o poeta Lau Siqueira. Já *Era uma vez uma vírgula* foi lançado em 1997, junto a outras coletâneas que Joana Belarmino participou.

O primeiro livro foi um livro infantil, lançado em 1979, com a orientação de uma professora da faculdade, acho que foi Terezinha Fialho, que disse: Ah! Vamos lançar seu livro! A gráfica fez a impressão e eu lancei na faculdade. E, curiosamente, uma médica quando me viu começou a chorar, dizendo não acreditar que estava diante da escritora do *Patinho criança*. O pai tinha comprado para ela quando ela era pequena e gostava demais. Foi impressionante! O segundo livro que lancei foi no jornal. Eu estava lá e tinha uma paulista que revisava nossos textos e era conselheira da Editora Moderna, que perguntou se eu não teria uma história e eu disse: tenho um conto pequeno. Ela pediu para que eu transformasse em um livro maior e, assim, publicamos, em 1983. Comecei também a participar de coletâneas, que devo ter publicado umas quatro vezes. Publiquei uma coletânea nacional de ficção científica do Brasil, porque eu gosto muito de ficção. Esse foram 27 autores, eu estava entre eles. Publiquei duas coletâneas do Clube de Contos da Paraíba e publiquei em uma coletânea de contos da Associação de Docentes da Universidade Federal da Paraíba (Adufpb) (SOUSA, 2008).

Posteriormente, Maria Valéria Resende organizou uma coleção *Latitudes*, com cinco autores paraibanos, e Joana Belarmino foi inserida nessa publicação com o *e-Book* que se chama *Já não há golfinhos no Tejo*. Essa obra reúne vários contos da escritora produzidos posteriormente à sua infância. Outro importante lançamento da sua carreira na literatura é o romance de ficção científica chamado *Tia Lila*, publicado em 2017. É notável que a sua expressão nas Letras se dá a partir dos contos e crônicas, que tem como base fundamental a capacidade de descrever as sensações e percepções cotidianas. Suas histórias, mesmo incluindo algum aspecto de ficção, recontam de uma maneira lúdica o seu imaginário da infância, muito característico em suas publicações.

O seu sucesso na graduação se mostrou tão grande, que antes mesmo de terminar o curso, passou a trabalhar na imprensa local, tendo períodos em que acumulou funções

enquanto conciliava com as atividades da faculdade. Além do jornal *O Momento*, atuou na assessoria de comunicação da Secretaria de Comunicação do Estado (Secom-PB) e como repórter no jornal *A União*. Posteriormente, também trabalhou na Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência (Funad). Após quinze dias da sua colação de grau no ano de 1981, foi chamada para atuar no jornal *O Norte*, onde trabalhou por nove anos, até 1990. Também trabalhou no jornal *A União* em 1991 a 1994.

Aqui, não existia curso de jornalismo, e quando a primeira turma surgiu em 1977 eu disse: pronto! Vai ser o meu curso. Aí, fiz o de 1978 e passei. Pensei: não quero continuar aqui (na escola). Queria fazer outras coisas, mas ainda passei uns três anos trabalhando. Depois passei a trabalhar numa associação de cegos, e depois, fui trabalhar na Secretaria de Comunicação do Estado, mas fiz pouca coisa lá. Com esse emprego, trabalhei no jornal *A União* e, quando concluí o curso de jornalismo, fui chamada para trabalhar no jornal *O Norte*. Fiquei com dois empregos, que era o do Estado e o do jornal *O Norte*. Só que em 1994, quando passei no concurso para professor da faculdade, tive que abrir mão do emprego do Estado (SOUSA, 2018).

Nesse período, Joana Belarmino já estava inserida na militância e nos movimentos sociais, principalmente no que dizia respeito à luta de pessoas com deficiência. O ser político era por natureza o perfil da então jornalista, que além de combater toda a expressão de preconceito e exclusão social, passou a lutar por seus direitos como mulher e jornalista, também através da escrita na imprensa. Foi a partir das contratações trabalhistas que ela começou a escrever sobre esse tema nos jornais e de forma voluntária deu voz a um movimento que é invisibilizado, gerando grande impacto, tamanha foi a importância de suas publicações.

Acho que a formação universitária tem uma importância. Você vai para um caminho ou para outro, mas tem uma importância. Então, analisando, acho que a vida que os meus pais levaram me fez incorporar uma filosofia de esquerda, porque meus pais eram camponeses. Eles trabalhavam nas terras dos outros, plantavam, mas não ficavam com quase nada, e quando chegava a hora da colheita, eles pagavam com a própria colheita que eles tinham plantado. O que eles deviam ao patrão, eles pagavam com feijão, com algodão, com tudo, porque eles compravam na venda da cidade o ano todo e no fim das contas, eles pagavam com o excedente que eles tinham. Era uma vida muito miserável, eu acho que isso fez com que eu tivesse essa filosofia de mais igualdade, distribuição de renda. Acredito que isso foi importante, além da faculdade, é claro (SOUSA, 2018).

A partir do seu trabalho na imprensa paraibana, Joana Belarmino se voltou para refletir essa rotina, que era tão diferente daquela que aprendera em sala de aula. Passou a perceber as relações da imprensa paraibana com a imprensa nacional. Para ela, a imprensa se acomodou

em sua função de transformar o mundo a partir da informação, e de refletir os reais impactos dos fatos noticiados nas páginas dos jornais. Isso se tornou um dos temas mais recorrentes das suas publicações. “Temos uma imprensa previsível, viciada no factual, sem jornalismo de investigação, pouca autoria, pouca profundidade. Mas isso vai na esteira do jornalismo brasileiro”, ressalta.

Mesmo após a sua graduação em Comunicação e consequentes trabalhos desenvolvidos na imprensa local, Joana Belarmino não parou por aí, e no âmbito acadêmico continuou estudando o jornalismo em programas de pós-graduação no Brasil. De 1988 a 1990, cursou uma especialização em Metodologias da Comunicação na UFPB, estudando o discurso de programas radiofônicos, em seu trabalho científico. Em 1991, ingressou no Mestrado em Ciências Sociais também na Universidade Federal da Paraíba e, dessa vez, passou a refletir sobre *A luta dos grupos estigmatizados pela cidadania plena: um estudo sobre o movimento associativista dos cegos na Paraíba*.

Sua formação como pesquisadora em comunicação se deu ao mesmo tempo em que articulava seus trabalhos jornalísticos, entre os vários setores por onde passou na imprensa paraibana. Atuou na assessoria de imprensa, no ambiente redacional, na sala de aula como professora do magistério e nas ruas como repórter, além de atuar com direitos humanos e militar em favor das pessoas com deficiência. Toda a sua concepção científica, nesse sentido, perpassou por suas experiências no mercado de trabalho e na vida e isso vai refletir, posteriormente, na sua crônica que passa a abordar, principalmente, temáticas desses nichos: jornalismo, ciberativismo, acessibilidade, cegueira, percepção tátil e literatura.

Considero que a minha formação foi satisfatória, primeiro porque a escola me permitiu ler muito e assim consegui uma bagagem literária e você se sai bem em muita coisa se você tiver um domínio em lidar com as palavras. Segundo, eu consegui estudar em uma época muito difícil. Meus pais vieram morar em João Pessoa e meus irmãos trabalhavam em fábricas. Na universidade, o curso de Comunicação, apesar de ser um curso novo, permitia a nós uma formação muito importante no mundo, como a realidade da política, por exemplo. Eu vivia no período da Ditadura Militar e só vim compreender um pouco disso quando entrei na universidade, porque os jovens e adolescentes daquela época viviam o milagre brasileiro, o ‘Brasil: Eu te amo!’ Então, não sabia o que era tortura. Então, eu vim compreender isso na universidade (SOUSA, 2018).

Em 1994, foi aprovada em um concurso para professora auxiliar na UFPB, onde fixou sua carreira como professora do magistério superior até os dias atuais. Nos anos 2000, iniciou seu doutoramento pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica, para estudar *Os aspectos Comunicativos da*

Percepção Tátil: A escrita em relevo como mecanismo semiótico da cultura, concluindo no ano de 2004. Depois disso, se postulou para a progressão de carreira, para o cargo de professor associado do curso de jornalismo, permanecendo até a atualidade.

As publicações de obras científicas também foram possíveis na trajetória profissional de Joana Belarmino, graças a sua jornada acadêmica. Entre elas, publicou a sua dissertação de mestrado intitulada *Associativismo e política: a luta de grupos estigmatizados pela cidadania plena*, e a sua tese de doutorado que se transformou no livro chamado *O que vê a cegueira: a natureza semiótica do sistema braille*. Também participou com capítulos de diversas coletâneas de livros científicos, além de publicações em coautoria com seus alunos e orientandos, ao longo dos anos.

Atualmente, Joana Belarmino atua principalmente como professora e pesquisadora de comunicação na Universidade Federal da Paraíba, tanto no curso de graduação como no Programa de Pós-graduação em Jornalismo. Também trabalha como jornalista ativista, escritora e cronista do jornal *A União* e no blog *Barrados no Braille*, que mantém ativo na internet desde o ano de 2006, onde publica seus contos, crônicas e artigos. Também é mãe e avó, fato que se orgulha ao falar. Sua crônica perpassa, então, esse universo da jornalista e escritora, que vai desde a sua infância no sertão pernambucano, até a sua vivência na cidade, sua formação e lutas por direitos, tanto da mulher, dos jornalistas, quanto da pessoa com deficiência.

Eu acho que a política associada a crítica de mídia é uma pauta que eu acho que tem muito a ver comigo, que gosto muito de produzir. As crônicas da família, quando é para o jornal, sempre tem algum ingrediente político ali também. E, também gosto muito de produzir denúncias. Houve um crime contra uma mulher, houve a morte, estou denunciando. A morte é um tema muito recorrente nas minhas crônicas, sabe? É um tema que eu escrevo muito. É essa morte cotidiana que assola a infância, que assola os idosos, sabe? Escrevo muito sobre isso (SOUSA, 2018).

Suas temáticas, desse modo, vão influir, principalmente, nesses elementos que fazem parte da vida da escritora e acadêmica e influenciar diretamente na percepção de uma realidade traduzida a partir de um crivo mais ativista, direto e perspicaz. Essa voz que mantém na imprensa é usada como uma forma de protesto contra os fatos que, de certo modo, atingem diretamente as zonas onde Joana Belarmino tem domínio e conhecimento, como, por exemplo, a mídia, a militância política e o fazer jornalístico. “Alguma vez, mais muito raramente, falo sobre ficção, que é um tema que gosto muito, mas falo mais nos contos, em

Tia Lila, por exemplo”, conta. Assim, a cronista vem compondo o seu cenário na imprensa paraibana desde o fim do século XX.

Uso minhas crônicas para protestar, como, por exemplo daquele período da censura à música de Chico Limeira. Eu acho que a minha crônica é um instrumento de protesto. Outra vez, foi o caso de uma moça que foi molestada no restaurante *Coelho's* e foram brigar com ela, parece que vandalizaram até a casa dela. Então, fiz uma crônica também sobre isso. Fiz sobre a violência nos programas de rádio. Faço muita crítica de mídia e em alguma medida as pessoas tomam conhecimento, mas não houve uma resposta ou resolução prática de algum problema especificamente. Mas aqui tenho uma voz que se levanta, que diz as coisas e que, em alguma medida, forma uma opinião (SOUSA, 2018).

Para Joana Belarmino, ser cronista gera uma responsabilidade social grande, mesmo quando o texto não atinge uma quantidade alta de leitores. Ainda assim, a escritora considera que deixa para seu público, e para a memória histórica, uma crônica que pensa o cotidiano, mesmo com trinta e seis linhas escritas. É mais do que um texto por semana publicado, é um exercício jornalístico que mantém por anos, colaborando com comentários sobre os acontecimentos. Mesmo tendo satisfação em escrever na imprensa, a jornalista relata que há dificuldades nessa rotina.

No começo eu não avaliava muito. Hoje, acho que tenho uma responsabilidade muito grande no que vou dizer porque tenho leitores e ainda que não os tivessem, essas crônicas vão ficar para memória. Sempre procuro pensar que uma crônica semanal parece que não é nada, mas é. Isso vai ficar para história, tem uma importância muito grande. São palavras que depois podem ser recuperadas e podem ser lidas. É a apreensão de uma pessoa, uma professora universitária, jornalista, sobre tudo que está se vivendo nesse momento, nessa atualidade. Então, acho que nós temos excelentes cronistas no jornalismo paraibano, mas eu acho que eu escrevo pouco crônica, pelo fato de toda semana ter que produzir, transformou isso em uma atividade meio automática, sabe? E aí, na universidade, você quase não tem tempo para produzir. Então, hoje, minhas crônicas estão muito coladas aos acontecimentos do mundo, que pode ser um acontecimento aqui, pode ser lá fora. Mas, elas estão muito ligadas aos acontecimentos e ao exercício jornalístico (SOUSA, 2018).

Na sua rotina de escrita, que tenta atender as demandas de publicações profissionais da jornalista, se insere em uma agenda semanal, tendo em vista que as crônicas são produzidas uma vez na semana. Dessa forma, Joana Belarmino usa alguns dias da semana para pesquisar e escrever o texto que no dia seguinte já envia ao jornal. Todo o processo passa por etapas que vão desde a pesquisa dos fatos, seleção e pertinência do tema, a prática da escrita, revisão e

envio do material. O editor do jornal recebe o material por *e-mail* e a partir dessa relação, que diga-se de passagem, é voluntária, é que a crônica de Joana é publicada. “Em larga medida meu cotidiano está presente nas crônicas. Uma cena de rua, um acontecimento, enfim. Um dia escrevi sobre um fósforo, outro dia escrevi sobre o mamão que eu comera de manhã. Está tudo lá, as pequenas e as grandes coisas”, conta.

Os dias em que os textos da jornalista aparecem no jornal *A União* variam muito, devido as constantes mudanças gráficas, mas o fato de sua publicação ser constante não interfere na análise dessa pesquisa. Muitas vezes, a jornalista busca das redes sociais os temas que podem virar crônicas, como é o caso do *Twitter*, onde Joana Belarmino mantém uma conta ativa. “Geralmente percorro o *Twitter*, gosto muito dele. Às vezes, minhas crônicas são, inclusive, um apanhado de manchetes. Já fui até buscar crônicas antigas, quando estava sem tempo e sempre atualizo aquelas crônicas e por aí vai”, afirma.

Às vezes, me sento e não tenho nada para dizer. Até escrevi um texto sobre isso, chamado *Omelete de nada*, porque me sentei e não tinha nenhum tema, aí fiz uma crônica falando dessa situação do cronista. Escrevi sobre isso, e vi que outros cronistas também já trataram desse tema, e dá um vazio, pois você não tem o que escrever e tem que tirar leite de pedra para chegar até aquelas 36 linhas. Tem vezes que já tenho o tema, então, vou só burilar, entendeu? É desafiador. Mas, quase sempre, fica uma escrita automática. Vou produzir uma crônica, vou escrever o quê? Às vezes vejo as crônicas dos meus colegas e vejo que é uma escrita automática: vou escrever porque tenho que ter minha coluna, sabe? E, no início, queria que sempre minhas crônicas fossem de impacto, mas isso nem sempre é possível. Mas é importante que, às vezes, você escreva de maneira prosaica e outras que saiam do modo ‘piloto automático’ (SOUSA, 2018).

Nesse processo também pode acontecer de alguns textos propostos por Joana Belarmino não serem finalizados ou publicados. Esse domínio quem mantém é ela e vai depender exclusivamente da sua relação com a própria escrita. Afirma que há muitos temas dos quais escolheu e não gostou, ou de produções textuais que não ficaram como ela esperava. Isso também é uma espécie de crivo que a jornalista usa para selecionar suas crônicas antes de publicá-las. “Tem vários textos começados que não concluí, textos que não gostei, que ficaram muito engessados, às vezes, até panfletários”, como ressalta.

Considera que a sua crônica, especificamente, deva ter características para serem publicáveis, que perpassem pelo sensível, pelo movimento e articulação de metáforas. Em uma compreensão geral, a escrita que a jornalista domina é uma prática fluida, leve e transparente, tanto no eixo jornalístico, no literário, quanto no acadêmico. Isso traduz muito de suas experiências de vida, de sua maneira de ver e inscrever-se no mundo, com propósitos

pessoais e profissionais bem definidos. É um misto de desafios, mas tenta se adequar aos espaços que ocupa de uma forma sucinta e objetiva.

Primeiro, a minha crônica deve ser esteticamente agradável. Tanto que, nas minhas crônicas eu me utilizo muito de metáforas, certo? Mas, ao mesmo tempo, ela também deve ter essa leveza, essa fluidez, essa agilidade; gosto que ela tenha movimento, que ela tenha aquela coisa... Não, gosto que ela seja bonita, esteticamente bem-feita, mas que ela tenha leveza, fluidez e movimento, que a pessoa possa mergulhar no texto. Tenho amigos que falam: ‘você escreve como quem está pintando um quadro. A gente se coloca dentro da crônica’. Eu gosto disso, sabe? Gosto que haja movimento, que a crônica comunique impressões, sensações, e que ela seja bem escrita e que agrade do ponto de vista da estética (SOUSA, 2018).

Para escrever seus textos, mantém inspirações para buscar uma saída para a falta de pautas e temáticas em sua abordagem. As mídias, de um modo geral, são fonte de inspiração para Joana Belarmino, que busca na televisão e no *Twitter* alguns assuntos mais comentados e pertinentes. Outras vezes, ao ler como a jornalista e escritora Eliane Brum e outros autores retratam a vida e a morte, chama a sua atenção alguns aspectos literários, a natureza dos detalhes e delicada abordagem sobre temas fatídicos, entre outras coisas. Então, uma inspiração criativa depende muito da recepção e interpretação da cronista sobre determinadas situações, que a partir delas, deflagra a produção de uma crônica. “Os fatos estão lá, no armazém da memória, e, de repente, saltam para a superfície. Então, é tudo muito natural, fluido, é uma conexão magnífica. Os próprios acontecimentos do passado que pedem um lugar numa crônica”, diz.

A partir dessa intrínseca relação que a escritora mantém com a sua crônica, e por sua vez, essa com a imprensa paraibana, é natural que os leitores também criem uma forma de se relacionar com a escrita de Joana Belarmino. Uma vez por semana é publicada a crônica da jornalista no jornal *A União* e a depender da temática que se escreve, a cronista recebe *feedbacks* através de cartas, telefones e *e-mails*. De um modo geral, o conteúdo das mensagens se limita a expressar contentamento sobre a abordagem, sobre o texto, ou sobre o tema publicado na página de opinião, embora esse trabalho como cronista nunca tenha custado a ela algum reconhecimento de fato. Mesmo assim, Joana Belarmino se sente muito prestigiada por se comunicar com seus leitores.

Um dia desses, Gonzaga Rodrigues, que é um grande cronista, disse: ‘essa menina escreve muito bem! Eu te leio, mulher! Eu te leio’. Quer dizer, é um reconhecimento muito grande. Hildeberto Barbosa, nossa! Que fala muito bem, e, às vezes, inclusive, compartilham os textos no *Facebook*. É esse tipo

de reconhecimento que costumo receber. Um dia desses recebi um *e-mail* do próprio governador do Estado da Paraíba parabenizando por uma crônica minha em *A União*, dizendo que ficou muito emocionado. Aquilo para mim foi incrível, quer dizer, é um leitor importante e também encontro muitas pessoas que gosto e que dizem que leem. A gente pensa que ninguém lê o que a gente pública, mas já encontrei vários leitores importantes que dizem que leem o que escrevo e elogiam, embora, às vezes, eu pense: meu Deus, essa crônica está tão ruim! Mas as pessoas leem e gostam. Eu sou uma pessoa muito simples, gosto da simplicidade e isso de ser uma pessoa influente hoje não me empolga, sabe? Já conquistei muita coisa, sou muito gratificada com o que conquistei, embora não creio que eu seja essa pessoa tão influente (SOUSA, 2018).

Para Joana Belarmino, escrever na imprensa atualmente significa um avanço muito grande nos direitos da mulher, nas suas conquistas ao retratar sobre si próprias nas páginas dos jornais e publicar o que, muitas vezes, perpassa o âmbito privado, transformando em público seus pensamentos, suas dores, suas inquietações, seus questionamentos e sua visão de mundo. As mulheres, nesse sentido, transformaram a sua condição de trabalho, principalmente no jornalismo, onde imperava (e ainda impera) desigualdades e baixos salários, mas que, agora, podem ter um espaço de voz e articulação, apesar de todas as dificuldades e complexidades do ser mulher. “Acho que a mulher é uma força incrível dentro do jornalismo. Mas, o jornalismo, feito por mulheres e homens, vive um momento difícil”, ressalta.

Os grandes cargos, os melhores eram dados aos homens e às mulheres, quando muito, uma chefia de reportagem. Então, no meu caso, tinha uma dupla dificuldade: eu era mulher e era cega, então, na redação eu era apenas repórter, que eu gostava obviamente, mas nunca ia progredir para além, por ser repórter, porque eu tinha uma dupla dificuldade. Ao ser mãe, o dono do jornal dizia: ‘essa mulher só vive grávida?’ Quer dizer, uma mulher ela tem um período em que realmente ela sai de cena para ter o filho, para cumprir aquela licença, então tem essas coisas, sabe? E no meu caso a dupla dificuldade, de ser mulher e mãe e ser pessoa com deficiência. Depois disso, fui compreendendo que ser mulher envolve uma série de obstáculos, de dificuldades e de preconceitos. Fui percebendo isso e acho que para mim, hoje, ser mulher envolve essas diversas facetas, as que eu pensava na adolescência e na juventude e nas que agora se colocam, a mulher que trabalha, que, às vezes, é a chefe da família. Então, para mim, envolve tudo isso. Mas, ainda acredito em um mundo em que homens, mulheres e a diversidade sexual possam coexistir. Acredito que avancei muito em termos de compreensão desse mundo feminino e do mundo que é diverso, e que pode coexistir sem atropelos e sem dificuldades. A minha cabeça mudou, talvez eu fosse uma pessoa preconceituosa, machista, e hoje compreendo todos esses universos e acho que eles devem coexistir (SOUSA, 2018).

Mas sob essa perspectiva, a jornalista nunca se viu desanimar, e considera a escrita algo muito superior, que transcende os problemas que são enfrentados pelas mulheres no

passado e na atualidade. Mas se questiona: “será que existe uma crônica feminina? Às vezes, fico pensando nisso”, tentando refletir sobre o seu processo de escrita e a sua relação com quem é, com quem se tornou profissionalmente e com o seu texto. E conclui que, não necessariamente, a sua crônica deva transparecer essa característica, pontuando que mesmo o texto sendo construído a partir de uma visão feminina, isso na construção dos sentidos não se mostra completamente.

Em *Tia Lila* por exemplo, que é o romance, eu tentei desafiar isso. Não quero escrever como mulher só, tipo assim, aquela mulher delicada, afetiva. Porque a mulher tem dentro de si outras coisas, ela tem dentro de si durezas, inquietações; tanto a mulher quanto o homem. Então, acho que, assim, não sei dizer se a minha crônica é feminina ou minha crônica não é. Ela não tem um gênero. Claro que em alguns momentos ela é, ela assume uma pauta feminista. A visão da mulher está presente. Mas, no geral, não sei se qualificaria minha crônica feminina ou como uma crônica, sem essa adjetivação ou sem essa generalização, entendeu? (SOUSA, 2018).

Dessa forma, compreendemos que a visão de Joana Belarmino sobre sua crônica está para além de sua atribuição de gênero, mesmo debatendo essas questões em sua coluna. A sua percepção sobre a escrita não é pautada em “temas femininos”, mas mesmo assim, tenta romper suas barreiras, como mulher, jornalista, mãe e pessoa deficiente. Apesar disso, procura manter em sua crônica uma posição de neutralidade, no sentido técnico da produção jornalística, mas que ao passo da produção textual, sua subjetividade emerge.

Ser mulher cronista não são duas coisas nem inconciliáveis, nem separáveis. Nunca pensei sobre isso, sinceramente. Escrevo minhas crônicas, mas não sei se está em jogo, nesse momento, a minha condição de ser mulher. Às vezes, até na minha escrita tento cultivar falas diversas da minha subjetividade, mas, até nesses momentos tenho receio de ser indevida. Como escreveria um homem? Já li coisas aparentemente muito delicadas escritas por homens. Enfim, não sei se devíamos separar em quadradinhos, cronista mulher, cronista homem. A não ser que esse seja um atributo importante para uma pesquisa. Eu simplesmente escrevo com tudo o que sou: mulher, cronista, contista, enfim, escrevo com tudo o que tenho (SOUSA, 2018).

A jornalista encontrou em sua profissão uma maneira de transpor sua opinião, fazer fluir sua crônica e sua literatura, de um modo geral, como uma ferramenta de reflexão, aprendizagem e realização pessoal. Graças a leitura e escrita, Joana Belarmino pode realizar sonhos que jamais imaginou ter na infância e assim, construir uma trajetória que está sendo escrita na história da imprensa e da literatura paraibana.

Atualmente, se considera jornalista, cronista, contista, blogueira, *twitteira*, mãe e avó e, acima de tudo, mulher que faz e conta histórias, que transpôs dificuldades pessoais em busca de algo que sempre acreditou, mesmo sendo desacreditada por alguns de seus educadores. Hoje, se vê na defesa e luta pelos direitos das pessoas com deficiência, falando de acessibilidade, denunciando injustiças, cobrando das autoridades uma postura, tudo isso usando a escrita como principal arma de guerra. “Em geral há sempre luta entre mim e a palavra, pois luto com um forte senso de ter que dizer coisas que valham a pena, de dizer coisas exatas e válidas. Não sei se consigo sempre”, conclui.

4.3 VITÓRIA LIMA, A PALAVRA E OUTRAS ARTES

“Temos uma dimensão, uma inserção extra dentro da sociedade, pelo fato de estar ali comentando o tempo todo. São os olhos que passeiam pela urbe, pela casa, por todo canto [...]”

Maria das Vitórias de Lima Rocha nasceu em 3 de agosto de 1946 na cidade de Recife, em Pernambuco. Seus pais recém-chegados na metrópole quente e ensolarada, já recebiam em seus braços a criança fruto do matrimônio que acabara de iniciar. Sua família que é originária de Alagoas, mudou-se muitas vezes de cidade por causa do trabalho do patriarca e em decorrência disso, Vitória saiu de Recife para morar em Campina Grande (PB) aos quatro anos de idade. Assim, em sua primeira infância, a criança não manteve memórias afetivas daquela cidade, pois tem todas as suas referências culturais a partir da cidade paraibana. “Recife para mim é só um retrato na parede, porque vim muito pequena para a Paraíba. Sou mais paraibana que pernambucana”, afirma.

Minha memória de Recife se restringe a minha casa na rua do Sossego. Eu me lembro que era uma casinha bonitinha, nos moldes antigos. Então, é uma memória só, que aliás, nos anos 70 voltei lá, mas a casa não existia mais, tinha sido derrubada para dar margem a uma grande avenida. Então, minhas memórias mesmo são de Campina Grande, onde morei até casar. Campina é a cidade da minha infância, adolescência e entrada na maturidade (ROCHA, 2018).

Dessa forma, é em Campina Grande que a vida de Vitória Lima ganha sentido. Todo o seu desenvolvimento como pessoa, todo o aprendizado e convívio social se deu nesse espaço, na cidade de interior, e sua concepção foi também influenciada por seus pais, que eram alagoanos e dessa forma, com essa pluralidade cultural, a criança firmou sua vivência.

Lembra que nessa fase tinha poucos amigos, mas existia uma vizinha que era considerada uma grande amiga, e assim passava horas a fio em sua companhia. Tinham muitas afinidades, gostavam de brincar das mesmas brincadeiras e por isso o laço se estreitou à primeira vista.

Brincar de bonecas e ao longo dos anos, quando da sua alfabetização, ler tudo o que podia, principalmente o que se dizia respeito ao cinema. Esse fato é o que marcou a infância de Vitória e sua amiga, como relembra. Outra característica interessante dessa fase é que ela mantinha suas lembranças a partir de uma memória olfativa. Os cheiros guardavam memórias que jamais ela esquecerá. São momentos que os anos apagaram, mas que são acionados imediatamente com um incentivo e em um clique rememora sensações e lugares. Esse fato fez com que Vitória mantivesse uma única lembrança de Recife, da sua primeira casa, a partir do perfume de uma planta trepadeira.

A sua convivência familiar nesse período não se restringia apenas aos seus pais, pois eles recebiam algumas visitas, mesmo antes de se mudar para Campina Grande. Além disso, moravam com ela também sua avó materna e uma tia. Então, o tempo todo Vitória estava cercada de familiares. Tias, tios e primas distantes também faziam visitas. Assim, os laços familiares foram se aproximando e esse lugar que era novo e desconhecido passou a se tornar um ambiente seguro e estável para Vitória. Nesse período, já no ambiente escolar, faz várias amigas com as quais compartilhava seu amor pela leitura e pela escrita, além das diversas brincadeiras tradicionais da época, como brincar de “roda” e de “se esconder”.

Na escola onde estudou, afirma, havia algumas atividades diferentes e instigantes que a incentivava a escrever. A sua professora, dotada de criatividade e didática, compartilhava no quadro imagens e formas para que as crianças descrevessem o que estavam vendo. Assim, sua habilidade em retratar o que se passa ao seu redor foi inicialmente aprendida desde essa época. Mas, por ter tido uma família de leitores, Vitória Lima que cresceu nesse meio, teve seu acesso facilitado a livros dos mais variados autores. Tanto seus pais, quantos seus irmãos eram leitores assíduos, o que a fez se espelhar neles e iniciar sua jornada na literatura, primeiro como leitora, depois como escritora.

Não me lembro, mas acho que na sexta-feira que tinha uma atividade que se chamava ‘descrição’. Colocavam um painel lá na frente e a gente tinha que descrever o que estava vendo. Essa é a única atividade que lembro que estimulava a escrita, mas a leitura foi mais estimulada em casa com os meus pais que sempre foram leitores. Eles compravam muitos livros e nós liamos muito. Nossa família é uma família de leitores, inclusive meus irmãos e eu, nós quatro [...] Quando eu era menina meu pai adquiriu uma coleção chamada ‘*Tesouro da juventude*’, e essa coleção tinha poesia, crônicas, história, geografia, tinha muitas áreas que eram cobertas por essa coleção; na

época pré-*internet*, essas enciclopédias eram nossa fonte de informação. Você não tinha como chegar ao *Google* e perguntar alguma coisa. Então, essa pequena enciclopédia foi fundamental para toda a minha geração. Todo mundo tinha uma coleção do tesouro da juventude em casa. Outra coleção que eu gostava muito era '*Vida de homens ilustres*', de um escritor romano chamado Plutarco; esse me serviu até a universidade. Também os autores brasileiros que meu pai gostava muito que era Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego... Então, a gente tinha isso. Como menina, o poeta que eu mais curtia era Castro Alves, muito dramático, muito teatral (ROCHA, 2018).

Esse clima da descoberta de um novo lar, de receber parentes de fora e de conhecer de certa forma diferenças culturais, mesmo se tratando de lugares tão próximos geograficamente, em Vitória gerou uma vontade de conhecer mais o mundo. Desde a infância, em um momento de despertar para o exterior, a criança passa a sonhar em viajar para outros países. Esse era o desejo que Vitória Lima guardava consigo desde esse período, até a sua realização na vida adulta. Inspirada pelos *Beatles* e por *Hollywood*, Vitória inicia sua adolescência cheia de sonhos e energia, o que faz com que o cinema e a música sejam suas paixões, que influenciarão as suas referências culturais dessa fase de vida.

Seus pais gostavam de ouvir música em casa e foi dessa forma que conheceu vários artistas internacionais, principalmente no auge das bandas americanas e inglesas na década de cinquenta. Além disso, passou a frequentar os cinemas tradicionais da sua cidade para ter acesso aos filmes que tanto a fascinava. Assistia tudo, de romances a musicais. A jovem não perdia nada. Nesse tempo de emoções afloradas, altas risadas e euforia, Vitória Lima se apaixonou em seus plenos quatorze anos, em uma das festas no Campinense Clube.

Namorei muito quando era adolescente. Vivia apaixonada (risos). Tanto que casei. A gente começou a namorar eu tinha 14 anos e casamos quando eu tinha 21. Gostava muito de dançar. Tinha um clube perto da minha casa, o Campinense Clube, que tinha os 'assustados'. Lá era todo domingo à noite e começava bem cedo e terminava dez horas, mais ou menos. Era as 'Tertúlias', no Campinense Clube. E tinha um grupo, uma banda muito boa, um pianista muito bom, então, eu ia toda semana para essa dança e o meu namorado, que depois virou meu marido, era excelente dançarino também. Então, a gente dançava muito (ROCHA, 2018).

Influenciada pela literatura e pelas artes, dada essa exposição à cultura inglesa e americana, Vitória Lima passou a se interessar pela língua anglo-saxônica, o que a motivou a estudar e dominar sua escrita, sua leitura e comunicação. Assim, desde muito cedo, a jovem começou a descobrir uma nova maneira de se comunicar, a princípio, sozinha, traduzindo as

músicas que ouvia no rádio e na radiola, e depois com um professor particular. Logo, Vitória se tornara fluente em inglês, estudando desde o início da sua adolescência até o ano em que ingressou na universidade como caloura.

Essa sua paixão pela língua influenciou diretamente em suas escolhas para o futuro, que naquela época era necessário para definir a sua profissão. Para terminar o segundo grau, Vitória teve três opções: optar pelo curso clássico, que era mais abrangente para quem gostaria de seguir carreira profissional; o curso científico, que focava na aprendizagem das ciências exatas e da natureza para as engenharias e medicina, por exemplo; e o curso pedagógico, que era voltado para a licenciatura. Escolheu o clássico, dado o seu interesse na graduação de direito, curso ainda não tinha sido implementado em Campina Grande, o que fez com que a jovem repensasse sua escolha e se voltasse mais uma vez para o inglês, ingressando no curso de Letras com habilitação em Inglês dois anos depois de terminar o segundo grau.

Vitória Lima ingressou no curso de Letras com habilitação em inglês, na Fundação Universidade Regional do Nordeste (FURNE), em Campina Grande, em 1957. Em 1968, no ano de seu casamento, mudou-se para João Pessoa, e continuou os estudos na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), terminando sua graduação em 1969. Apesar de ter muita habilidade com a língua inglesa, o campo da literatura foi o que mais lhe chamou atenção, área que se especializou e centrou seus estudos durante os seus anos de graduação.

O seu interesse pela literatura inglesa nasceu, inicialmente, pelas aulas da professora Zélia Oliveira, que a inspirava desde o primeiro dia de aula, mas foi a partir de sua base literária, influenciada por sua família, que Vitória pode se apoiar. Desde pequena incentivada a ler e escrever com maestria, treinada a desenvolver um ponto de vista crítico e uma escrita capaz de descrever o ambiente a sua volta, fez com que suas decisões futuras abrangessem a arte literária.

Quando terminei o curso clássico, queria fazer Direito, mas não tinha em Campina Grande nessa época e eu queria ir para João Pessoa, mas meus pais não concordaram. Passei dois anos emburrada, sem estudar, até que decidi fazer Letras. Eu já ensinava Inglês nessa época e escolhi essa habilitação. Nessa época, só tinha duas opções: Inglês e Português. Fiz as duas coisas e estudei dois anos em Campina Grande e vim para João Pessoa depois, que era o meu sonho. Tive excelentes professores lá, e aqui também. Foram grandes professoras, que entraram para imortalidade da Literatura e das Letras, como Juarez da Gama Batista, Virgínio da Gama e Melo, Raquel Nicodemos, e na área de Inglês, o Mister Babo, que era um grande professor, e Archidy Picado (esses dois já faleceram); Também tinha Zélia Oliveira, que foi uma influência máxima no meu futuro, porque eu amava as aulas

dela e terminei me especializando em literatura. Entrei na universidade para estudar Língua Inglesa, mas quando saí já estava direcionada para a Literatura (ROCHA, 2018).

Após a conclusão de curso, prestou concurso na mesma universidade e foi aprovada para exercer a profissão de professora apenas três meses depois de graduada, fato que a escritora se orgulha muito. Lembra que a Miss Zélia, como era conhecida a professora, lhe dava muito apoio em relação ao seu desenvolvimento profissional: “você não pode ficar só na graduação, tem que fazer alguma pós”, dizia. E seguindo seus conselhos, Vitória buscou se especializar na área que gostava.

Se postulou para um programa de pós-graduação financiado pelo governo brasileiro e pelo governo americano, e foi aprovada para estudar o curso de especialização em Literatura americana, no ano de 1970. Passou seis meses estudando na Universidade de São Paulo (USP), e quando voltou à Paraíba, passou a ensinar principalmente Literatura, mesmo lecionando língua inglesa algumas vezes. “Ainda ensinei Língua algum tempo, em algumas ocasiões, como, por exemplo quando faltava professor. Mas a minha vocação mesmo era a Literatura”, afirma.

E Vitória não parou por aí. Três anos depois de sua especialização, se candidatou a uma bolsa nos Estados Unidos, também financiada pelos governos brasileiro e americano, realizando seu sonho da adolescência, que era conhecer os EUA. Assim, mudou-se de país em 1973 para estudar o seu primeiro mestrado na Universidade de Denver, no Colorado, onde viveu um ano e meio. Sua pesquisa se voltava ao romancista, poeta e jornalista norte-americano do século XIX chamado Stephen Crane, que resultou em um trabalho sobre sua obra literária.

De volta ao Brasil, Vitória já planejava seu doutorado quando surgiu a oportunidade de uma nova bolsa, agora no Reino Unido, financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Ao submeter sua proposta, foi aprovada mais uma vez, seis anos depois da aprovação do mestrado, em 1979, Vitória Lima viajou em direção a cidade de Birmingham, na Inglaterra, para viver mais esta etapa. A essa altura, já estava casada e com filho pequeno, que levou consigo nessa nova fase. Mas devido a contratempos com a saúde de seu filho, teve que desistir de sua pesquisa em estudos Shakespearianos, dois anos e meio depois de iniciá-la, para se concentrar no cuidado da família. “Ser mulher é atuar nesse complicado mundo feminino, é ser mãe, é ser amiga. É você influir no mundo feminino, influir na formação de homens também”, ressalta.

Infelizmente, não consegui terminar o doutorado. Fui com um filho pequeno, que tinha apenas sete meses quando saí daqui e a cidade onde eu morava era um lugar muito poluído. A cidade de Birmingham era uma cidade industrial, então, ele não se adaptou. Com dois anos e meio eu tive que voltar e nunca mais terminei o doutorado. A pesquisa foi interrompida e também nessa altura eu já estava com outros interesses de pesquisa, que era a mulher na Literatura. E essa foi a pesquisa que nós incluímos na UFPB, posteriormente, eu e um grupo de pesquisadores, professores e alunos do curso de Letras. Inclusive, Ana Adelaide participava desse grupo (ROCHA, 2018).

Após ter que tomar decisões difíceis em relação a sua vida pessoal, Vitória Lima retorna à João Pessoa e continua seu trabalho como professora na Universidade Federal da Paraíba, instituindo novas pesquisas científicas na literatura, a partir de suas experiências no exterior. Agora, a escrita feminina era o que mais interessava discutir e estudar a partir de uma identificação intrínseca com a temática, o que fez com que ela, junto a suas alunas e colegas de profissão iniciassem um grupo de pesquisa sobre Literatura e Gênero na UFPB. Vitória exerceu o magistério superior desde 1970, aposentando-se em 2013, após mais de quarenta anos de serviço público, atuando também na Universidade Estadual da Paraíba, a partir de 2003.

O seu interesse pela arte literária só aumentou ao longo dos anos e sua experiência em literatura inglesa e escrita feminina facilitaram seu ingresso nesse universo, dessa vez como poetisa e cronista. De certo, Vitória Lima já escreve há anos, mais de maneira muito informal e pessoal, onde sua escrita fazia parte de um processo de reflexão particular a partir de rascunhos em cadernos guardados em suas gavetas. Mas foi a partir do jornal impresso que a sua escrita veio à tona e se tornou pública. Sua voz ecoou sob as letras negras da página de opinião pela primeira vez por volta de 2007, quando seu amigo e jornalista Evandro Nóbrega lhe concedeu espaço em sua coluna para a publicação de uma poesia no jornal *A União*.

Me lembro que o Evandro Nóbrega, me deu espaço. Publiquei meu primeiro poema numa coluna dele. Aí, depois acho que foi Walter Galvão quem publicou uma crônica minha. Não lembro nem sobre o que foi. Acho que foi Walter Galvão, quem primeiro me abriu o caminho para a crônica. E eu fiquei nessa esperança de um dia ter uma colaboração mais assídua. Até que fui convidada por Fernando Moura, que na época acredito que era coordenador do caderno de Cultura *da União* (ROCHA, 2018).

Sua relação com a imprensa paraibana inicia-se muito antes, quando na adolescência se tornou leitora assídua. Amava ler os jornais locais e nacionais que o seu pai assinava, como *Correio da Manhã* e *Diário da Borborema* e assim passou a nutrir um sentimento de

proximidade com as folhas impressas. Tanto que, até os dias de hoje, tem uma certa resistência a conteúdos digitais e afirma que nunca leu *e-book*. “Para mim, o jornal tem que ter a materialidade do papel, assim como livro”, ressalta. Mas no momento da sua primeira publicação na imprensa, Vitória Lima conquista outra imersão no jornalismo e na literatura local, rumo a constituir-se como uma das principais cronistas mulheres da imprensa paraibana.

E foi graças à sua disposição em escrever a sua realidade, a sua inquietação em refletir sobre determinados temas que a escritora, de maneira muito espontânea, iniciou sua jornada como cronista e poetisa no *jornal A União*, passando também pelos jornais *Correio da Paraíba*, *Correio das Artes* e jornal *O Norte*. O apoio de seus amigos jornalistas foi essencial nesse momento inicial, como enfatiza, pois, a partir deles, pode colaborar esporadicamente, até ganhar visibilidade e ser convidada para ser uma colaboradora fixa do jornal, tendo um espaço semanal exclusivo, onde atua até os dias de hoje. “Na minha vida a amizade sempre foi uma coisa fundamental e nesse ingresso na crônica jornalística também. Não tenho nenhuma formação jornalística e sempre escrevi de forma muito espontânea. Nesse caso, no jornal eu não sou jornalista, sou escritora”, aponta.

A partir da sua inserção na imprensa, pode conceber um ponto de vista sobre a atuação de seus colegas jornalistas/escritores, sob um crivo mais analítico, pensando o jornalismo e a literatura paraibana como duas instituições que trabalham em conjunto na imprensa local. Dessa forma, o jornalismo paraibano acaba por instaurar novos escritores ao dar espaço para que observadores do cotidiano, que não jornalistas, falem de suas reflexões e inquietações publicamente. Assim, tanto poetas, como cronistas, como articulistas, quanto jornalistas conversam entre si, formando o que Vitória considera como movimento importante para o jornalismo local, o qual ela faz parte.

O jornalismo paraibano tem algumas figuras que despontam. Tivemos a morte de duas pessoas muito importantes para o jornalismo que foi Lourdinha Luna, que além de escritora era jornalista e historiadora, e Biu Ramos, que era uma figura chave dentro do panorama local. Mesmo assim, é um quadro muito fértil, pois a Paraíba sempre está produzindo escritores importantes dentro do jornalismo. Temos um cenário pequeno, então quem faz alguma coisa sempre aparece muito. Eu acho muito engraçado que quando se procura identificar uma pessoa, se diz ‘poeta e escritor’. Mas o jornalista é um escritor, né? Se ele escreve todos os dias para um jornal ele se torna um escritor. Talvez, assim, não tenha uma preocupação artística com a produção literária, estética, mas é como um poeta; um poeta também é um escritor e o que ele escreve é para ser publicado, então, todos somos escritores (ROCHA, 2018).

Em sua trajetória como escritora e poetisa, se estabeleceu como cronista com publicação semanal no jornal *A União*, além de ter publicado dois livros de poesia, *Anos Bissexto* (1997) e *Fúcsia* (2007), também participou de várias antologias poéticas e de crônicas, como *Nordestes* (1999), organizado pela Fundação Joaquim Nabuco/SESC-SP, *Estação Recife - Coletânea Poética 3* (2004) e *Coletânea Antônio Maria de Crônicas* (2010), lançado pela Prefeitura do Recife. Participou também dos livros *Autores Paraibanos – Poesia*, (2005), publicado pela Editora Grafset, e *Imagem Passa Palavra – Poesia* (2004), da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Vitória Lima busca inspiração para os seus textos a partir dos acontecimentos, descobertas no cotidiano, mas principalmente das artes como pintura e cinema, tanto para a poesia quanto a crônica publicada na imprensa. Suas reflexões advêm de fatos da sua vida que chamam a atenção e conversam com essa sua imersão em outras artes que não seja a escrita, onde as memórias e pensamentos fluem em favor da criatividade. “A crônica representa um registro do cotidiano, não só da cidade, mas até em termos mais amplos. É falar de si, falar do outro também”, afirma.

A minha escrita é bem livre, mas existe sempre um olhar poético, e, claro, essa visão poética é aflorada pelos temas que me tocam mais profundamente. Questões relativas à mulher, por exemplo, o assassinato da Marielle Franco foi uma coisa que me tocou muito, quer dizer, uma mulher de periferia, negra, lésbica, que lutou bravamente para chegar onde estava, isto é, representante de um segmento da população, mulher, negra, favelada e tal, e quando ela chega lá e começa a exercer aquilo que lhe era proposto, essa mulher é assassinada, então é uma coisa trágica. A trajetória da mulher na direção do seu sonho, muitas vezes, é interrompida tragicamente, e isso é uma coisa que me toca profundamente e é quando esse poético aflora mais (ROCHA, 2018).

E o resultado desse processo são os textos que escreve, mesmo aqueles que não são publicados. “A vida lá fora sempre provocava a vida aqui dentro”, reflete. Dessa forma, a escritora põe suas ideias em movimento a partir da imprensa, expondo não somente sua visão literária/artística na crônica, mas também sua ideologia e vida nesse espaço. “Uma coisa que permeia muito a minha escrita é a apreciação de livros e de filmes, mas não é só isso”, como exemplifica.

Enquanto professora, fui muito mais influente, mas quero ter um público para dialogar, sabe? Acho que o jornal me dá isso, a oportunidade de colocar minhas ideias em movimento. As minhas ideias, minhas convicções, não só literárias, mas políticas também. E, claro, o feminismo foi quem me abriu essas portas. Me vejo sempre como formadora, seja como formadora de

leitor, de cinéfilos ou comentarista política, às vezes, porque só aceitei participar desse lugar no jornal porque me disseram ‘pode falar sobre qualquer coisa’. Acho que se tivesse um tema seria muito difícil ter um foco muito restrito, então, gosto muito de ser um tema aberto, pois gosto muito de viajar, explorar universos (ROCHA, 2018).

Sua rotina de escrita baseia-se na necessidade de publicação semanal do jornal, então, a escritora separa um dia na semana, que geralmente é o domingo, para escrever sua crônica. Os temas são previamente pensados, no decorrer dos dias, onde o fluxo dos acontecimentos vai aos poucos impactando a vida de Vitória Lima através dos jornais que ela lê e da internet, principalmente. Domingo pela manhã, segundo ela, é o melhor momento para que a sua escrita flua, e acompanhada apenas do seu computador e das obras de arte nas paredes de sua casa, tece seus pensamentos em linhas e palavras. “Acho que parte de si, da sua narrativa. Mesmo sem ser um tema muito pessoal, você acaba colocando lá sua experiência de mundo, como uma narrativa de si, mesmo que não esteja exposto, explícito”, confirma.

A finalização vem na segunda pela manhã, onde a escritora revisa e envia a crônica para a redação do jornal *A União*. Usa como critério de seleção temática o fato que mais chama a atenção, especialmente os temas que tocam o feminino, assunto que Vitória estudou a vida inteira durante sua jornada como professora de literatura. “O movimento tanto pode ser de fora para dentro ou o contrário. Tudo depende do tema. Às vezes, me sinto tocada por algo que aconteceu lá fora e escrevo, mas, às vezes, também é uma coisa que está cozinhando aqui dentro e vai para fora”, ressalta.

A relação da escritora com seus leitores é algo mais intimista e próxima, recebendo comentários por telefonemas e *e-mails* de amigos, geralmente. Mas ela diz que não é tão frequente, já que não publica suas crônicas nas redes sociais. “As poucas que saíra [no *Facebook*] não foram colocadas por mim”, afirma. Mas confessa que sempre que pode publica comentários no seu perfil pessoal, responde mensagens de amigos e compartilha conteúdos que lhe agradam.

As redes sociais, nesse sentido, têm um papel fundamental para a disseminação do conteúdo publicado no jornal. Onde antes as interações eram feitas por cartas, agora, são comentadas e compartilhadas nesse espaço. Vitória Lima sabe disso, mas reconhece que ainda não domina totalmente as ferramentas digitais. Essa inserção no jornalismo, além de muita reflexão, lhe trouxe alguns resultados práticos socialmente, como o convite para fazer parte do Conselho de Cultura do Estado da Paraíba, o que para ela é um momento de muito prestígio como escritora.

Já recebi muitos *feedbacks* e comentários de outros leitores, mas não é muito frequente. Acho que uma consequência direta dessa minha participação no jornalismo foi o convite para participar do conselho de cultura. Atuei no Conselho de Cultura do Estado por alguns anos e pedi para sair porque fui indicada como representante da UEPB. Me aposentei e achei que deveria sair e deixar o lugar para outras pessoas que estivessem atuando dentro da UEPB. Acho que isso esteve ligado ao fato de eu ter um espaço no jornal (ROCHA, 2018).

A sua escrita nesse espaço passeia entre uma poesia, crítica literária e questões do cotidiano, principalmente do que se trata ao tema das mulheres. Vitória Lima usa de seus sentidos para aflorar sua memória e recorrer às lembranças que, de certa forma, ajudam a contextualizar a sua crônica. São cheiros, livros, lugares, filmes que fazem com que ela volte no tempo e recorde de seus anseios, momentos e fases do passado, refletindo principalmente o lugar da mulher na sociedade, mas também outros temas, como a cidade, o bairro de Miramar, o cinema inglês e norte-americano e a literatura.

Para ela, a crônica merece ter alguns requisitos atendidos, como ter uma realidade pulsante, um português impecável e sempre mantendo como base os “mestres” da literatura, que no seu caso, se inspira em literatos locais, como Gonzaga Rodrigues, Joana Belarmino e Albiege Fernandes, por exemplo. Outra inspiração que recorre são seus amigos, como afirma: “Os amigos sempre me servem de inspiração. Já escrevi sobre Ana Adelaide, sobre Clotilde Tavares; são amigas que, por um motivo ou outro, entraram na minha pauta”. E assim, a cronista vai compondo a sua escrita, de maneira singular e plural, baseado em sua própria realidade e vivência. “Eu encaro como uma atividade efêmera, tanto na minha vida como na vida das pessoas”, diz.

Apesar da importância do seu trabalho na imprensa local, Vitória Lima ainda não pensa em reunir suas crônicas em uma publicação futura. Mas, mesmo assim, reconhece que não esperava chegar onde chegou nesse espaço jornalístico, ainda mais com uma abordagem da memória e registro do cotidiano, como a crônica. “A crônica brasileira foi bem explorada, também nos suplementos literários, que hoje são poucos no Brasil”, diz. Sempre obteve inspirações na literatura inglesa e norte-americana, como George Eliot e George Sam e mesmo assim embarcou nessa jornada para descrever o seu cotidiano com uma missão, de quem tem um propósito diário com os acontecimentos.

Acho que fui pega de surpresa mesmo. Entrei sem saber muito do meu futuro como escritora e quando me vi estava lá dentro. Acredito que a crônica é mais permanente, apesar de ser esporádico. Não tenho publicações científicas, pesquisas e coisa e tal, mas as pessoas de fora sempre me

sugerem reunir as crônicas em livro. Não sei se é uma coisa a ser pensada, porque a crônica, a característica dela é a fragilidade do tempo, elas são passageiras; não sei se gostaria de fixá-las em um livro. Talvez depois alguém se dê esse trabalho.

E nesse cenário paraibano onde escritoras surgem a todo momento, há um fortalecimento e unidade entre mulheres escritoras em um movimento que está ganhando todo o Brasil: o Mulherio das Letras, organizado por Maria Valéria Resende, e do qual Vitória Lima, Ana Adelaide Peixoto e Joana Belarmino fazem parte. A Paraíba hoje vem se tornando um berço de mulheres que renascem na escrita e, a partir do jornal, ascendem no âmbito literário e se fixam nesse ambiente como verdadeiras inspirações e exemplos de poetisas, cronistas, romancistas, críticas de arte e colunistas. E o papel dessas escritoras é muito claro, como conclui Vitória Lima:

Tem a [primeira], Anayde Beiriz. Tenho uma citaçãozinha dela na minha cabeceira, a reprodução de uma fala dela diz: eu escrevo para criar um mundo onde eu possa viver. Acho que é isso que todos nós que escrevemos, fazemos. Escrevemos para criar um mundo em que possamos viver (ROCHA, 2018).

A partir destas considerações sobre a trajetória de vida de Ana Adelaide Peixoto, Joana Belarmino e Vitória Lima, apresentamos as crônicas publicadas por elas na imprensa. Os textos fazem conexão com o cotidiano delas e narram o explicitamente suas vivências no mundo, suas experiências e reflexões, sobre um ponto de vista particular. No próximo capítulo, podemos perceber essa relação, e como é criado essa cartografia sobre a história de vida das escritoras paraibanas. A partir destes perfis, pudemos ter uma melhor compreensão do contexto em que se narra a trajetória na imprensa, e assim, usamos estes dados para a análise das crônicas, a partir da perspectiva da metodologia da Hermenêutica da Profundidade, de Thompson (2011).

5 INTERPRETAÇÃO/REINTERPRETAÇÃO DO CAMPO-OBJETO

Discutimos neste capítulo como as crônicas abordam a visão feminina sobre as questões de gênero, do seu cotidiano, suas rotinas e rituais de escrita, caracterizando as escritas de si, presentes nos textos produzidos. O *corpus* desta pesquisa, apresentado em breve, compreende as crônicas de **Ana Adelaide Peixoto, Vitória Lima e Joana Belarmino**, publicadas nos jornais *A União* e *O Contraponto*, no ano de 2017. Considerando a interpretação das entrevistas, baseada no relato de vida das escritoras, nos voltamos para uma análise baseada na Hermenêutica da profundidade (HP), de Thompson (2011), que propõe uma metodologia de interpretação na pesquisa social, a partir da leitura “das formas simbólicas” dos textos publicados na imprensa.

Para tal, nos voltamos para sua obra “Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa” para dialogar sobre os entendimentos teóricos e práticos sobre a ciência da interpretação das manifestações simbólicas do social, veiculadas nos jornais locais. Estas manifestações serão observadas dentro da perspectiva de **gênero, cotidiano e escritas de si**, que são as categorias de análise que nos centramos neste estudo. De acordo com o autor, a hermenêutica fundamenta-se justamente em aspectos primordiais da ciência social, tendo em vista que as sociedades, a cultura e a ideologia partem de um mesmo foco central: o ser humano e sua subjetividade. A partir daí, desenvolve uma discussão sobre técnicas de avaliar, interpretar e entender o “campos-objeto” da pesquisa sócio-histórica (THOMPSON, 2011, p. 32).

Para o cientista social, o ponto referência de observação é o “campo-sujeito”, como cita, é uma conexão entre o sujeito e seu cotidiano em movimento, com suas relações sociais estabelecidas, em função de seu interesse de compreender a si próprio e aos outros ao seu redor. Assim produzem formas de interpretar os fatos e as “ações e expressões significativas produzidas por outros”. Dessa maneira, a análise aqui proposta é uma forma de reinterpretar o que já foi interpretado socialmente pelas cronistas.

Em outras palavras, o objeto-domínio da pesquisa sócio-histórica é um campo pré-interpretado em que os processos de compreensão e interpretação se dão como uma parte rotineira da vida cotidiana das pessoas que, em parte, constituem esse domínio. O caráter pré-interpretado do mundo sócio-histórico é uma característica constitutiva que não tem paralelo nas ciências naturais. Na consecução dessa pesquisa sócio-histórica, procuramos compreender e explicar uma série de fenômenos que são, de algum modo, e até certo ponto, já compreendidos pelas pessoas que fazem parte do mundo

sócio-histórico; estamos procurando, em poucas palavras, reinterpretar um domínio pré-interpretado (THOMPSON, 2011, p 33).

Nesse entendimento específico, Thompson (2011) traz à tona orientações metodológicas, daquilo que ele chama de “referencial metodológico da Hermenêutica da Profundidade”, para que seja desenvolvido uma metodologia adequada para a interpretação e a reinterpretação da produção de sentidos ou das condições sócio-históricas, a partir dos debates teóricos sobre questões que permeiam a subjetividade. Nesse caso específico, nos pautamos na observação de três ângulos importantes para essa pesquisa: o quesito gênero, cotidiano e escritas de si.

A sugestão do autor é que, para essa análise ser melhor compreendida, alinha-se a HP a etapas a serem cumpridas, que ajudam a observar melhor o *corpus* de análise. A análise sócio-histórica, análise formal/discursiva e a interpretação/reinterpretação do campo-objeto são passos que nos guiaram para a aplicação da Hermenêutica da Profundidade. Para tal, devemos conhecer o *corpus* da pesquisa e nas tabelas a seguir, apresentamos as crônicas publicadas pelas autoras, no ano de 2017, nos jornais *A União* e *O Contraponto*.

Tabela 2: Crônicas de Ana Adelaide Peixoto

N.	Jornal	Título das crônicas	Data de publicação
1	O Contraponto	Pros & Contras	06/01/2017
2	O Contraponto	O que está por vir	20/01/2017
3	O Contraponto	Genilda: A menina de Pilõezinhos	27/10/2017
4	O Contraponto	Ópera do Malandro & Os Pedacos de Mim	15/12/2017
5	O Contraponto	De Festejos & de Melancolia	29/12/2017

Fonte: A autora.

Tabela 3: Crônicas de Joana Belarmino

N.	Jornal	Título da crônica	Data de publicação
6	A União	Um, dois, três, feliz ano novo	06/01/2017
7	A União	O long-play da cobertura midiática	13/01/2017
8	A União	Onde fica a ilha da paz?	20/01/2017
9	A União	A sina dos nossos dias	27/01/2017

10	A União	A celebração sobre a dor do outro	03/02/2017
11	A União	Engavetamento colossal	10/02/2017
12	A União	Manto da irracionalidade	17/02/2017
13	A União	A política e os seus movimentos	03/03/2017
14	A União	A luta das mulheres terá fim?	10/03/2017
15	A União	Lista de Janot	17/03/2017
16	A União	A matéria fraca do jornalismo	24/03/2017
17	A União	O santo e a criminoso	31/03/2017
18	A União	O Brasil do quem pode	07/04/2017
19	A União	A Fábula Retificada?	17/04/2017
20	A União	Ou caem os trabalhadores	21/04/2017
21	A União	Os estalos da República	28/04/2017
22	A União	O mundo do Divertimento Perpétuo	05/05/2017
23	A União	Fora da Curva, Lula Acelera Rumo ao Planalto	12/05/2017
24	A União	Entre Mortos e Feridos: A Mídia não se Salvará	19/05/2017
25	A União	Um país Desmontado	26/05/2017
26	A União	Crônica de um apequenamento	02/06/2017
27	A União	Intervalo para a ternura	09/06/2017
28	A União	O confisco da democracia	21/07/2017
29	A União	Um presidente decorativo	28/07/2017
30	A União	“O reformador do absurdo”	04/08/2017
31	A União	O homem e seu título	11/08/2017
32	A União	Becas e protocolos derrubam títulos	18/08/2017
33	A União	O país que desistiu de si mesmo	25/08/2017
34	A União	As pílulas de agosto	01/09/2017
35	A União	Entre capas e manchetes: O “Pacto de Sangue” da Rede Globo	08/09/2017
36	A União	Conservadorismo: não tem cura	22/09/2017
37	A União	Valéria, Betto e as reflexões	29/09/2017
38	A União	Sob o reinado da injustiça	06/10/2017
39	A União	Pomo de ouro	13/10/2017
40	A União	As coisas do arco do velho	20/10/2017

41	A União	A União: jornal de todos os leitores	27/10/2017
42	A União	Ler em Braille	03/11/2017
43	A União	A canção mais bonita	17/11/2017
44	A União	Omelete do nada	22/12/2017
45	A União	A escuta do “outro lado”	24/11/2017
46	A União	“Esperança Equilibrista”	08/12/2017
47	A União	Cartografia de um país desmontado	15/12/2017

Fonte: A autora.

Tabela 4: Crônicas de Vitória Lima

N.	Jornal	Título da Crônica	Data de publicação
48	A União	Márcia Lucena: a nova prefeita do Conde	04/01/2017
49	A União	“Aquarelas é que são elas”	11/01/2017
50	A União	Domingo foi dia de teatro	10/01/2017
51	A União	Um bom show	25/01/2017
52	A União	As violetas de Mayra	01/02/2017
53	A União	Ruth e Marisa	08/02/2017
54	A União	Elpídio Dantas (1953-2017)	15/02/2017
55	A União	Jornal de domingo	22/02/2017
56	A União	Nem só de carnaval e alegria...	01/03/2017
57	A União	Mais um 8 de março	08/03/2017
58	A União	As águas de março	15/03/2017
59	A União	Ainda as águas de março	22/03/2017
60	A União	Caminhando e cantando	29/03/2017
61	A União	“Shakespeare and company”	05/04/2017
62	A União	Cristovam Tadeu (1962-2017)	12/04/2017
63	A União	Qualquer semelhança não é mera coincidência	19/04/2017
64	A União	“crônica sem título. Tema: trabalho de Zeca Pagodinho”	26/04/2017
65	A União	Sobre a saudade	03/05/2017
66	A União	Poetas no cinema	10/05/2017

67	A União	Lula presidente!	17/05/2017
68	A União	E nós, aonde vamos?	24/05/2017
69	A União	Nadja, uma ode à alegria	31/05/2017
70	A União	Ode à amizade	07/06/2017
71	A União	Ode ao amor e à Justiça	14/06/2017
72	A União	Quando fico só...	21/06/2017
73	A União	A crônica e os clássicos	28/06/2017
74	A União	Mestre e discípulos	05/07/2017
75	A União	Amei os bares!	12/07/2017
76	A União	Irene é Ana...Ana é Irene	19/07/2017
77	A União	1968: O ano que ficou	26/07/2017
78	A União	Tributo a Goretti Zenaide (1950-2017)	02/08/2017
79	A União	Carta aberta a Ana AD	09/08/2017
80	A União	Betinho: O irmão do Henfil	16/08/2017
81	A União	Em torno de uma garrafa de Ballantine's	23/08/2017
82	A União	As coisas simples e boas	30/08/2017
83	A União	As cidades mudam	06/09/2017
84	A União	Recriar-se	13/09/2017
85	A União	Intolerante, eu????!!	20/09/2017
86	A União	Fim de tarde com Viviane Mosé	27/09/2017
87	A União	Outra tarde de setembro	04/10/2017
88	A União	Um fato leva outro, uma fonte leva a outra	11/10/2017
89	A União	O Mulherio das Letras	18/10/2017
90	A União	A mulher e a guerra	25/10/2017
91	A União	A juventude do meu coração	01/11/2017
92	A União	Volver a Campina	08/11/2017
93	A União	Gaga: O amor pela dança	15/11/2017
94	A União	De volta à/da Chapada Diamantina	29/11/2017
95	A União	Chapada Diamantina II	06/12/2017
96	A União	Varadouro	13/12/2017

97	A União	Casa de campo	20/12/2017
98	A União	Um natal atípico	27/12/2017

Fonte: A autora.

Para obtermos uma interpretação satisfatória do *corpus*, seguimos os passos citados pelo autor para compreender o “campo-objeto” dessa pesquisa, que são as crônicas publicadas por mulheres na imprensa paraibana. Assim, Thompson (2011, p. 34) determina três fases para essa observação: 1) Análise sócio-histórica, que se interessa pelo contexto social e histórico sobre o qual o objeto está inserido, avaliando a partir disso a sua produção simbólica relacionada aos fenômenos sociais, decorrentes nessa linha do tempo; 2) Análise formal ou discursiva, que faz referência a compreensão simbólica direta dessas produções de sentido, conectando a subjetividade ao contexto social, dialogando com os símbolos e seus significados dentro de uma realidade sócio-histórica; e 3) Interpretação ou reinterpretação, que faz menção à “explicação criativa” do que é dito ou representado nesse contexto, a partir dos resultantes das outras fases da metodologia.

Na discussão, durante o levantamento teórico-metodológico desta pesquisa, explicamos o contexto de atuação das mulheres primeiro na escrita, depois na imprensa. Essa dimensão já se refere a primeira fase da hermenêutica, que foi executada, pautada nos teóricos que pensam as questões de gênero, a escrita feminina, a subjetividade ao longo da história e a imprensa paraibana e a crônica. Além do mais, as entrevistas em profundidade, que resultaram nos perfis sobre a trajetória das cronistas, debatem também questões sobre o feminino e o cotidiano, fazem parte dessa descrição para o entendimento sócio-histórico da escrita feminina na imprensa.

Esses parâmetros, já debatidos, remetem a primeira abordagem de Thompson (2011), cujo o caráter descritivo de “análise sócio-histórica” é contextualizado para inserir o “campo-objeto” em um cenário de atuação social. Assim, podemos dar seguimento às próximas fases da análise, entendendo o *corpus* como algo que advém não somente de um meio de comunicação, mas também da experiência de vida das escritoras. Pelo fato de as crônicas serem publicadas no jornal, e conseqüentemente, haver daí uma relação de “mediação, difusão e recepção das mensagens da mídia”, cabe a nós esclarecermos que observamos nesse estudo apenas as “produções das formas simbólicas”.

Isso quer dizer que aqui vamos dar enfoque à “explicação criativa” e à “compreensão simbólica”, sempre fazendo referência ao contexto social/histórico onde essas mulheres se inserem. Nosso objetivo é entender como a produção de sentidos estabelece ligações com a

subjetividade da escritora, pensando o seu cotidiano, as questões de gênero que perpassam suas vidas e as escritas de si, que faz referência ao próprio entendimento do simbólico nas produções.

Refletimos ainda sobre a transição dessas crônicas para os espaços digitais e redes de compartilhamento, diante da migração das crônicas para a internet. Assim, visualizamos como esses textos se inserem nas novas mídias, e como a divulgação, compartilhamento e interação com os leitores se apresentam nessa nova perspectiva. Dessa forma, poderemos perceber a relação da crônica com o cotidiano e a resignificação desses espaços na manutenção da memória digital das crônicas. Nesse sentido, teremos um entendimento mais detalhado sobre o cenário da crônica feminina na imprensa paraibana, não abordando discursos e frases soltas, mas sim, o contexto de publicações, cruzando os dados de toda a pesquisa, que até aqui desenvolvemos.

Para tal compreensão, primeiro vamos abordar as formas estruturais das crônicas. Ambos os textos foram produzidos e publicados em jornais impressos de João Pessoa, na Paraíba. *A União* e *O Contraponto* compõem dois dos principais jornais da cidade e dão uma abertura para a produção literária em suas páginas. Isso é uma característica em evidência, segundo Barbosa (2018), que possibilita uma pluralidade literária e conecta a cultura local à produção jornalística. Esses textos, são publicados semanalmente, e está fixado na página de opinião do jornal, que se caracteriza como um lugar privilegiado, onde as escritoras podem fazer suas interlocuções. Outra característica é que as crônicas mantêm um espaço fixo, e não mudam de página nem de posição dentro do *layout* do jornal, como vemos a seguir:

Imagem 2: *layout* das crônicas de Joana Belarmino, Ana Adelaide e Vitória Lima, respectivamente.



A crônica é um gênero que vai transitar entre o jornalismo e a literatura e procura por si só dar cabo dos acontecimentos cotidianos, a partir da impressão da própria cronista, que com as suas publicações, vai determinar um estilo próprio, imprimindo uma identidade particular (BARBOSA FILHO, 2018). Dado algumas características como dia de publicação, temáticas abordadas, diagramação e localização da página no jornal, a cronista já se fixa nesse lugar na imprensa, fazendo leitores fiéis, adeptos às reflexões, ao ritmo textual e aos elementos inseridos na crônica de cada escritora.

A partir dessa relação próxima com a imprensa, muitos literatos mantêm uma responsabilidade de fomento nos jornais paraibanos, com conteúdos que partem de uma perspectiva literária/artística/cultural. Ao olhar as páginas dos jornais, observa-se as ligações que o jornalismo e a literatura estabelecem, a partir de um ponto em comum, que é a escrita, avançando conjuntamente rumo a propósitos distintos bem definidos, mas que, nesse contexto, se unem para formar o cenário discursivo que temos hoje nos jornais: algo plural e democrático. Assim descreve a crônica de Vitória Lima:

Quando chega a segunda-feira e a crônica da semana ainda não está pronta, recorro ao jornal de domingo e à literatura para despertar meus pensamentos ainda sonolentos do fim de semana. E neste fim de semana não foi diferente. A literatura, o cinema, a música são os mananciais de onde extraio a inspiração para os meus textos. E claro: a vida, o cotidiano, o pessoal, o noticiário local, o nacional e o internacional¹⁶ [...] (ROCHA, 2017).

Pelas publicações terem uma incidência semanal, a crônica feminina paraibana vai, por muitas vezes, se deter aos temas recorrentes dessa atualidade, debatendo sobre os fatos corriqueiros, sobre os acontecimentos na vida pessoal, ou sobre os noticiários em destaque. Essa produção tem fomento a partir da própria imprensa, onde as cronistas buscam inspiração para as abordagens e vão compondo o seu próprio critério de “noticiabilidade” para as temáticas que serão publicadas. Os temas centrais que pautam os textos semanais percorrem a dimensão do feminino, do cotidiano, da cidade, da literatura, do cinema, da política, da cidadania, do jornalismo e do âmbito acadêmico.

Esse processo é muito particular e intrínseco, pois vai depender do quão impactadas as escritoras ficam com determinados assuntos, ou o que vai mais chamar a atenção diante do fluxo diário dos acontecimentos. O que se vê nas publicações é uma pluralidade de produção, que vem convergir, nessa análise, apenas na semana do Dia Internacional da Mulher, com

¹⁶ Crônica: **A crônica e os clássicos**, de Vitória Lima. Publicada no Jornal *A União* em 28 de junho de 2017.

publicações sobre o feminino, a violência contra a mulher e as lutas sociais referentes ao tema, como vemos nos trechos das crônicas a seguir:

[...] Sendo as mulheres a metade da população do planeta (ou pouco mais que isso) produtoras de riquezas – não apenas consumidoras – não há como voltar no tempo e forçá-las a se recolherem no círculo restrito do lar. Poucas são as que hoje se contentam com esta situação que implica submissão total e irrestrita à vontade e autoridade patriarcal. As mulheres descobriram que podem! (Não só o presidente Obama quem descobriu isso: “Yes, we can!”). E queremos exercer esse poder em todos os âmbitos e esferas, não apenas no doméstico. Querer trazê-las de volta a uma situação restrita de dependência e submissão é uma quimera antiquada e fútil, fruto talvez do medo de ser dominado, sobrepujado por uma mulher¹⁷ [...] (ROCHA, 2017).

[...] E se nós mulheres tivéssemos que organizar uma teleconferência, para narrarmos a mulheres de outro planeta, como é a nossa vida aqui? Contrafeitas, teríamos de lhes contar a verdade: Em pleno século XXI, temos medo de sairmos sozinhas à noite, seja para um drinque num barzinho, seja para mimarmos as estrelas, numa noite de lua cheia, seja para uma simples caminhada, na praça do bairro. Ainda que vivamos no Litoral, temos que pensar muito bem antes de vestirmos nosso mini short, ou nosso vestido mais justo¹⁸ [...] (SOUSA, 2017).

Esses textos estão inseridos em uma realidade de produção exclusiva, em detrimento a outros jornais e meios de comunicação. Nesse momento, as crônicas não se inserem em nenhuma outra plataforma impressa, que não seja o jornal, sendo o jornal *A União* e *O Contraponto* locais exclusivos para a veiculação inédita e circulação dos conteúdos publicados. Em um caso específico, Ana Adelaide Peixoto dialoga suas crônicas em outras instâncias, conversando com o digital, a partir do *Contraponto online*, e com publicações dos livros “*Brincos, para que te quero?*” e “*De Paisagens e Outras Tardes*”, fruto de seus textos veiculados na imprensa.

No recorte da pesquisa, observa-se que o seu texto passa a existir também nos meios digitais, primeiro, porque o jornal *O Contraponto* deixa de circular em 2017 em seu formato impresso e começa a ser veiculado na internet, onde as publicações da escritora são postadas. Ao passo disso, Ana Adelaide abrange ainda mais esse alcance e inicia uma série de publicações também nas redes sociais, de maneira integral, possibilitando uma nova forma de veiculação, disseminação (compartilhamento, nesse contexto), e interação com os leitores.

Nos séculos passados, os leitores interagiam por meio de cartas, que, muitas vezes, eram publicadas no espaço da coluna, como uma resposta à crônica. Nesse cenário atual, o

¹⁷ Crônica: **As águas de março**, de Vitória Lima. Publicada no Jornal *A União* em 15 de março de 2017.

¹⁸ Crônica: **A luta das mulheres terá fim?** De Joana Belarmino. Publicada no Jornal *A União* em 10 de março de 2017.

uso das redes sociais e da internet vem transformando essa relação cronista/leitor, por ofertar maior acesso ao conteúdo textual, aproximando-os em um novo lugar, onde a crônica passa a existir. Ao longo dos anos, os cronistas passam a receber *feedbacks* de leitores através de telefonemas, *e-mails*, redes sociais e, até publicações de outros textos na imprensa, fazendo referência à crônica em questão.

Observamos que isso acontece com Joana Belarmino, que publica seus textos no *Blog Barrados no Braille*, além do jornal *A União*. A sua crônica também aparece nas redes sociais, para comentários e compartilhamento, espaço que serve para divulgação de seu trabalho na imprensa. Com Vitória Lima isso ainda não acontece. Algumas publicações são encontradas em seu perfil do *Facebook*, mas em entrevista a autora afirma que não costuma publicar seus textos nas redes sociais. Nesse caso específico, alguns leitores têm a liberdade de publicação das crônicas em seus perfis pessoais, não impedindo que a crônica exista no meio digital e que a nova forma de interação aconteça.

Pode-se destacar que essa produção compartilhada é uma reprodução dos conteúdos publicados nos jornais. As cronistas escrevem para os jornais, e quando a edição é impressa, as mesmas são copiadas e compartilhadas no *blog* e redes sociais. Isso não as impede, por exemplo, produzirem crônicas exclusivas em seus perfis do *Facebook*. São pertinências do cotidiano que não se adequaram aos critérios de escolha para a publicação no jornal. Às vezes, é um assunto mais volátil, que não pode esperar para a “próxima semana”, como afirmam.

As rotinas de escrita convergem para um momento muito similar entre as três cronistas, que separam um tempo da semana para vasculhar os acontecimentos, pesquisar na imprensa local e, a partir disso, escrever os textos, que tem um limite de 36 linhas. Esse processo, geralmente, vai ser algo natural, pois vai fluir dependendo do fato ou do tema que a escritora escolhe abordar. Outras vezes, por se tratar de temáticas corriqueiras e subjetivas, o cotidiano de escrita pode se tornar mecânico, o que as impede de desenvolver um texto que, para elas, seja satisfatório.

Um exemplo preciso sobre essa dificuldade, enfrentada por Ana Adelaide Peixoto, Vitória Lima e Joana Belarmino, é que ambas já escreveram sobre esses episódios de “bloqueio criativo” e como fazem para driblar esse ponto diante da sua rotina de escrita. No *corpus* da pesquisa, que compreende as publicações no ano de 2017, identificamos a crônica “*Omelete do nada*”, de Joana Belarmino, que retrata com detalhes justamente este quesito:

[...] Às vezes, acontece. O teu leitor já te deu o prazo máximo, você tem consciência do pequeno retângulo de espaço aberto, 36 linhas a serem

preenchidas, mas só há uma ausência profunda dentro de você. Os temas desapareceram, tiraram férias, desligaram os telefones imaginários, desconectaram-se, não há como fazer contato com um tema que seja [...] Escrever, às vezes, é como ser uma espécie de torneira quebrada, a gotejar, o dia inteiro, pingo a pingo, compondo uma sinfonia monótona das horas mais frias. Escrever, às vezes, é não dizer nada, ainda que se vá juntando palavras como um jogo de lego, uma construção improvável, de um edifício todo feito de sílabas ocas de sentido¹⁹ [...] (SOUSA, 2017).

Essa rotina, vale salientar, não é exclusiva das cronistas. Apesar de ambas serem escritoras, escrever crônica não é uma de suas atividades primárias, sendo essa atividade algo que foi agregado posteriormente à suas vidas, em consequência de seu trabalho e envolvimento com a imprensa. Dessa forma, nenhuma das três mulheres tem vínculo empregatício com o jornal, atuando de maneira colaborativa. Assim, sua vivência com a imprensa, ao longo da vida, foi exercida ao passo que outras experiências, como a maternidade e a licenciatura, foram acontecendo. Mas isso não torna o exercício cronístico menor, pelo contrário. Pois, a crônica começa a fazer parte de toda essa trajetória, sendo muito difícil de desvinculá-la com os outros âmbitos da vida das escritoras.

Por causa disso, a crônica feminina da imprensa paraibana têm elementos que convergem entre as escritoras. É uma crônica que remete à uma memória afetiva, fazendo desse elemento um forte aliado na produção textual. O aspecto subjetivo dos textos se dá justamente nessa relação da atualidade com a memória, que remete a um passado onde as cronistas passam a narrar situações que, até então, são desconhecidas, conectando esse contexto com a temática a ser explorada no cotidiano, como mostrado no trecho da crônica a seguir:

Já cantei e já chorei em crônicas sobre os meus anos 70/80. Anos de crescimento, vivências todas que uma jovem menina de 15 a 25 anos poderia viver. Conforme a música, os tempos estabados de transgressões sexuais e comportamentos, e também sombrios, frente à política que vivíamos – a ditadura. Então, quando assisto filmes que falam dessa década, eu me entrego à memória própria, revivo visceralmente cada pedaço de dor e de delícia que me coube²⁰ [...] (PEIXOTO, 2017).

Outro aspecto é a descrição sentimental. As emoções também fluem dentro das páginas dos jornais, e na medida que se acompanha, passamos a conhecer um pouco mais cada escritora. Por causa desses, e de outros quesitos, a crônica é um gênero textual que

¹⁹ Crônica: **Omelete de nada**, de Joana Belarmino. Publicada no Jornal *A União*, em 22 de dezembro de 2017.

²⁰ Crônica: **Óperas do Malandro & Os Pedacos de Mim**, de Ana Adelaide Peixoto. Publicada no Jornal *O Contraponto*, em 15 de novembro de 2017.

passou a possibilitar a inscrição de mulheres, primeiramente, na história e depois na imprensa, atuando como ferramenta para uma metamemória (BARBOSA FILHO, 2018), que é reproduzida nos jornais.

É por causa dessas características que a escrita se torna tão importante na vida das mulheres, pois possibilita esse novo olhar, do presente e do passado e, conseqüentemente, a sua inscrição na história e no contexto social, traduzindo suas lembranças e emoções em palavras de força e representatividade. Na medida que a crônica é produzida, o recurso da memória é utilizado para contextualizar os aspectos culturais e sociais, e após publicada, se torna uma fonte de informação sobre sua trajetória de vida.

Por ser algo tão peculiar, cada crônica vai obter sua característica distinta, que vai convergir para com a história de vida das escritoras. Isso denota o desenvolvimento de uma identidade única, capaz de pluralizar os olhares sobre o cotidiano na imprensa paraibana. Percebe-se que, mesmo as três mulheres estando na mesma cidade, participando dos mesmos espaços, e compartilhando da mesma cultura, suas produções vão ter bases diferenciadas, com referências culturais e sociais distintas.

É possível que a diferença de idade entre elas contribua para que isso aconteça, mas o fator principal desse indicador é a formação sócio-cultural, e partir disso, constroem sua identidade e subjetividade. Como essa escrita vai ser baseada em experiências particulares, é inevitável que a sua contribuição para a imprensa abranja esse aspecto subjetivo, até porque a concepção da crônica se baseia em um olhar particular, imprimindo uma identidade única para cada cronista, mesmo que abordem sobre os mesmos temas (BARBOSA FILHO, 2018).

Mas a produção dessa crônica, além de influir em contextos factuais no jornalismo, mantém uma dinâmica com a subjetividade, caracterizada pela relação das escritoras com o mundo. Desde os primeiros passos do processo criativo, a escolha do tema, perspectiva de abordagem até a própria produção textual, não são definidores do produto final a ser publicado. As cronistas detalham que essas etapas não determinam o tema a ser lançado, ao acabar do prazo. Dependendo do fluxo dos acontecimentos, pode haver outra pauta considerada “urgente”, que “bate à porta”, mesmo que outra crônica já esteja finalizada.

Segundo Corde (2013), essa experiência subjetiva não se desvincula com a escrita, por fazer parte de um processo sócio-histórico que as cronistas estão inseridas. Ao imprimirem seus questionamentos, seus anseios, suas dúvidas e seu estilo de vida, de um modo geral, as escritoras possibilitam a construção de um saber e a elucidação de determinadas “realidades sociais”, como é o caso de suas vidas no âmbito privado. Mas para além disso, possibilitam a

reinterpretação de acontecimentos em instâncias como a cidade, o feminino, a literatura, a cidadania, e à própria cultura.

Para as narrativas fazerem sentido, as escritoras não apenas relatam o acontecido, mas as contextualizam, usando certas operações enunciativas, como meio para ilustrar o máximo possível o seu texto. A crônica tem um movimento, um ritmo, e dessa forma, ao ler, o leitor deverá ser capaz de visualizar em sua mente toda a narrativa. Para garantir a fluidez das crônicas, as escritoras usam de recursos linguísticos, como a metáfora, para que o fato não perca a sua subjetividade e, conseqüentemente, o seu caráter de novidade e peculiaridade. Esse recurso, vemos na prática na crônica “*Varadouro*”, de Vitória Lima: “Do alto do Varadouro, da balastrada do Hotel Globo, contemplo o rio que, sinuoso, despede-se da cidade, deixando sua assinatura, seu monograma, seu rastro líquido impresso na água ao deixar o Porto do Capim²¹ [...]” (ROCHA, 2017).

Isso tem a ver também com o valor estético que as crônicas publicadas na imprensa paraibana desenvolvem. O cuidado em selecionar temáticas que abranjam a maior parte do público, que descreva com detalhes a experiência vivida, que tenha uma sensibilidade capaz de transportar o leitor para dentro do texto, são elementos fundamentais da crônica estudada nesta pesquisa. Outro aspecto, no sentido da linguagem, é a persuasão e o cuidado para gerar uma percepção original dos temas abordados, como é o caso da crônica “*De festejos & de Melancolia*”, escrita por Ana Adelaide Peixoto, onde aborda sua experiência sobre o seu fim de ano, em específico o ano de 2017, que retrata suas conquistas, seus feitos e seus sentimentos partilhados.

[...] 2017 foi um ano difícil. Ano de tantas tristezas políticas. Perdas. O futuro na escuridão. Particularmente, vi um projeto escorregar pelo ralo. Retrocessos, e muitos na área da cultura e comportamento. Fiquei muito abismada com tudo que vi e ouvi. A intolerância a quebrar todos os códigos de civilidade. Tudo isso nos deixa cabisbaixos e aflitos. Inseguros e com medo. Medo do ano que se inicia. Ano de eleições e dos oportunistas que querem porque querem pegar a onda no vácuo²² [...] (PEIXOTO, 2017).

Esse espaço em questão, projeta, dessa forma, a possibilidade de escritas de si, baseadas nesse compartilhamento de experiências ao longo do tempo, que vem sendo publicadas na imprensa paraibana. A sua pertinência consiste, justamente, nessa produção de sentido de um conhecimento local, que é alimentado e disseminado nas páginas dos jornais.

²¹ Crônica: **Varadouro**, de Vitória Lima. Publicada no Jornal *A União* em 13 de dezembro de 2017.

²² Crônica: **De Festejos & de Melancolia**, de Ana Adelaide Peixoto. Publicada no Jornal *O Contraponto* em 29 de dezembro de 2017.

Esse saber eleva não somente a escrita, mas também a vida das escritoras aqui mencionadas, configurando um discurso dominante de uma crônica feminina que é maior, plural e tem autoridade. Por causa disso, um dos temas centrais das crônicas aqui estudadas, é o tópico do feminino. O debate de gênero vai perpassar pela produção textual das três escritoras, mesmo que apresentem características distintas.

Esse saber compartilhado a partir da escrita, pluraliza as novas formas de olhar o mundo, de olhar a cidade, mas principalmente, de olhar as mulheres, sob essa visão feminina, dialogando com as várias instâncias do cotidiano (ARRUDA, 2002). Isso tem um objetivo claro de, não somente informar, mas também formar conhecimento, reflexões, discussões e um cenário capaz de elucidar as trajetórias de mulheres que fizeram e ainda fazem história na Paraíba.

Nesse sentido, a crônica feminina vai se traduzir como uma janela, um ponto de vista a ser observado. Por que vale a pena olhar pelas janelas de Ana Adelaide Peixoto, de Joana Belarmino e de Vitória Lima? Seria porque, cada uma oferece um ponto de vista distinto de um mesmo lugar, onde a primeira janela tem uma amplitude diferente, a outra tem uma altura específica, já a terceira proporciona algo que em nenhum outro contexto se poderia visualizar.

5.1 GÊNERO

A crônica se constitui como um lugar de significação de uma experiência de vida no âmbito da identidade de gênero, onde podemos analisar a sua trajetória a partir de suas publicações. As perspectivas das escritoras vão, intrinsecamente, contribuir para um entendimento do ser mulher na sociedade, e essa visão influencia no relato dos fatos e nas suas reflexões expostas nos textos.

Nesse sentido, podemos afirmar que as crônicas se pautam em uma perspectiva feminina, não somente porque se tratam de mulheres escritoras, mas também porque sua visão advém dessa experiência do ser mulher no mundo, e isso influencia diretamente em suas interpretações do cotidiano. Por essa razão, dizemos que a crônica estudada se constitui como uma crônica feminina, baseados na premissa de Certeau (1982, p. 51), que aborda a produção de sentidos a partir de um lugar social, explicando que esse processo de significação tem como matéria-prima a linguagem (e seus códigos), a cultura e a ideologia.

São interpretações de mulheres que estão em uma posição social estabelecida, e que, de certo modo, se inserem na página de opinião dos jornais, obtendo um número considerável de leitores a cada semana, já que, de acordo com Souza (2011), desde a sua fundação, a imprensa paraibana é composta de uma elite intelectual, que valoriza a instrução, e foca na produção de textos sobre política, cultura, literatura e sociedade, majoritariamente. É exatamente o que se percebe nas 98 crônicas publicadas. As temáticas que circundam essa produção vão acompanhando, ao longo do tempo, essas características e avançam na medida em que as escritoras também avançam. Um exemplo disso são as crônicas que pautam a maternidade, as viagens, os eventos culturais e lançamentos de livros e filmes. Se essas experiências não fossem vivenciadas pelas escritoras, não se poderia falar sobre elas.

O debate de temas feministas, notícias de feminicídio, dados de organizações feministas, história de mulheres, indicações de obras literárias e filmes onde a história das mulheres são exaltadas no Dia Internacional da Mulher. Há também a explicitação da rotina como mãe, como mulher na sociedade e seus empasses e situações constrangedoras. Para além da descrição dos ambientes, o feminino nesse quesito, também se transforma em um espaço no tempo que a crônica feminina paraibana explora com frequência, como exemplificamos na crônica de Vitória Lima:

Ser mulher não é só ser linda, e daí? Também não é ser só sentimento e coração. Ser mulher é tudo isso, com uma coroa de inteligência, coragem e conhecer a beleza e a dor de se saber só mulher; ser berço, ser cama, mortalha, amiga, irmã, ombro-companheira ser tudo e não ser nada, a vida inteira. É ser matemática e não ser reconhecida por seus contemporâneos. É ser atriz, ser escritora, ser professora, ser médica, ser cozinheira, ser chef, saber preparar pratos incríveis, saber dançar, cantar, bordar, costurar, ser uma cientista, uma astronauta²³ [...] (ROCHA, 2017).

Ainda se tratando da trajetória feminina na imprensa, as crônicas publicadas traduzem o caminho percorrido pelas escritoras, não somente na imprensa, como também na vida. Nesse caso, as publicações representam, em primeira instância, um relato do presente, mas as escritoras usam de memórias do passado, dialogando as suas experiências de vida com os acontecimentos. Isso é mostrado no texto de Joana Belarmino, intitulado “*Intervalo para a ternura*”, onde a cronista aborda a sua “pausa” na escrita, fazendo referência à uma lembrança de sua infância, onde imaginara uma casa onde pudesse viver, e que agora precisa se recolher nela para “se refugiar dos acontecimentos”.

²³ Crônica: **Mais um 8 de março**, de Vitória Lima. Publicada no Jornal *A União* em 8 de março de 2017.

[...] Quando eu era pequena, em todas as vezes que ia dormir, ficava sonhando com uma casa muito pequena, onde eu vivesse, com economia de gestos, com ações delicadas, com coisinhas miúdas, cada uma no seu lugar. Era talvez a minha versão privada de uma casa de bonecas [...] Vou sair. Ou seria melhor que eu dissesse que vou ficar em mim, vivendo um cotidiano feito de pequenos gestos, coisas delicadas, cantigas de ninar e hálito de presença de criança? [...] Vou visitar minha casa de bonecas, arejar seus pequenos cômodos, deixar que o vento brinque com seus íntimos esconderijos. Trarei de lá, delicadezas, gestos cuidadosos, colheres tortas e invenção de ternuras para o menino que dorme²⁴ (SOUSA, 2017).

Assim, observamos que a interpretação dos acontecimentos se dá em detrimento a um fato no passado ou a uma experiência, onde as escritoras refletem, remontam lembranças e as contextualizam, explicando, à sua maneira, a realidade, ou deixando para a sociedade questionamentos pertinentes. Esse caminho é percorrido por ambas as cronistas, e isso tem a ver com o que diz Corde (2013), ao se referir a essas “operações enunciativas” na produção discursiva do tema que está sendo abordado. Esses elementos auxiliam a produção de sentidos dentro de um contexto de enunciação do presente, se utilizando de fatos passados para construir a semântica textual, e interligam os dois contextos para gerar sentido. Como é no exemplo a seguir:

Aos domingos, quando estou só, em casa, ou estou conversando ao telefone, ouvindo música, escrevendo, ou vendo Tv. E quando estou vendo Tv, quase sempre estou ligada no Arte 1, meu canal preferido. Hoje, o Arte 1 exibiu uma retrospectiva sobre a atriz Audrey Hepburn [...] uma atriz que sempre admirei e achei, e acho, a mulher mais linda, entre todas as mulheres lindas que Hollywood nos legou. [...] Audrey marcou minha vida pessoal de várias formas: não esqueço do filme, talvez o primeiro dela que assisti, “A princesa e o plebeu”, um filme de William Wyler de 1953, que vi em Campina Grande, no cine Babilônia. Eu era uma adolescente romântica e sonhadora e nesse filme ela fazia um belo par romântico com Gregory Peck. (“Se a Debora quer que o Gregory peque”, Rita Lee). No filme ela faz uma princesa que fugia da vigilância de seus guarda-costas e passeava de lambreta, pelos recantos encantados da eterna Roma [...] Eu também estava acompanhada do meu príncipe da hora. E não podia ter escolhido filme melhor para assistir em sua companhia. O ano devia ser entre 1958 e 1960. Procuro na minha agenda mental a data exata, e não consigo identificar o ano exato em que isso aconteceu. A cena, sim, mas o ano não. E tudo ficou gravado na minha mente porque foi a primeira vez que um rapaz segurava minha mão no cinema, ou melhor, “pegava na minha mão”, como a gente dizia na época. Lembro que mal respirava, com medo de quebrar o encanto da hora. Eu tinha em torno de 13 anos [...] E ficava orgulhosa, orgulhosíssima, de estar namorando um rapaz mais velho. Nossa história teve uma sequência alguns meses depois [...] E tivemos um último encontro, muitos anos depois, mas não foi a mesma coisa. Já não havia aquela aura de encanto e romantismo nos envolvendo. Lembro-me, porém, dos últimos versos de uma quadrinha

²⁴ Crônica: **Intervalo para a ternura**, de Joana Belarmino. Publicada no Jornal *A União* em 9 de junho de 2017.

que ele escreveu para mim no auge de nosso envolvimento: “lembre bem, cara Vitória, /Nossa vida tem uma história/Que a história não gravou”. Tudo isso me volta, hoje, tantos anos depois, vendo esta retrospectiva com Audrey²⁵ [...] (ROCHA, 2017).

Essa crônica também nos remete a outra característica da escrita da crônica feminina na Paraíba. O fato de retomarem o passado, diante de sua experiência como mulher na sociedade, seus textos nos trazem à tona o estilo de vida das mulheres do século passado. Das repressões, dos relacionamentos, das inquietações, dos questionamentos sobre sua posição social, entre outras coisas. Essa é uma questão de gênero que a escrita feminina é capaz de proporcionar. A descrição da sua rotina, das lembranças, dos sentimentos não somente remete a uma experiência histórica de mulheres que viveram outra realidade, diferente da de hoje (ou não), mas também possibilita a inscrição de uma nova perspectiva histórica sobre a vida das escritoras, em diferentes contextos e posições sociais.

A presença dessas mulheres nesse espaço de opinião denota também uma luta pela conquista de um lugar onde elas se articulam e dialogam com a sociedade. A mulher, como um ator social veio, ao longo do tempo, explorando esse espaço, dialogando desde os primórdios com a sua própria realidade, como mulheres em diferentes épocas. Assim, além de possibilitar o registro de toda essa jornada feminina na sociedade, a escrita (e a crônica, consequentemente) possibilitou que as escritoras se representassem como sujeitos da história (SILVEIRINHA, 2012), como bem faz Ana Adelaide Peixoto, ao inscrever-se, explicitamente, dentro da sua própria narrativa:

[...] Este ano me aposentei. Provo até agora do prazer de não trabalhar formalmente. Preparei-me para isso. Subjetivamente. Não sou uma pessoa cautelosa. Tive perdas sim. A conta ficou magrinha. Os dias sem rotina acadêmica. Sem o convívio com os colegas e o organograma interno dos dias. Em compensação, acordo mais tarde, tudo sem tanta pressa, posso ir à praia na segunda, tomar cerveja na quarta, e ficar em casa no sábado. A liberdade é azul! Gosto disso. Não tenho problemas com a reclusão. Nem que me esqueçam por não estar nos corredores. Gosto do anonimato do meu quintal. Escrevo. Leio. Ocupo as horas. Ou não. Des-ocupar é bom também. Por vezes me sinto uma monja, não necessito da vida do trabalho. Esse dito institucional. Meu trabalho é etéreo. Se dissipa no ar. Observo o mundo! Mas, no meio das horas tão vagas, lancei meus livros – digo, Brincos...no Memorial da América Latina em São Paulo, em mesa de escritoras outras; falei de filmes, danças, e outros movimentos, pintei as unhas roídas de glitter; os cabelos de vermelhos de novo, e não emagreci uma grama...Um

²⁵ Crônica: **Quando fico só...**, de Vitória Lima. Publicada no Jornal *A União* em 21 de junho de 2017.

pedido difícil para o novo ano. O vinho e a cerveja me preparam armadilhas!²⁶ [...] (PEIXOTO, 2017).

Assim, podemos perceber que, as experiências de vida das escritoras como o trabalho, o cinema, a infância, a literatura, perpassa as crônicas publicadas e deixa pistas de sua trajetória, por converter justamente a temas que, de alguma forma, se interligam com os fatos do cotidiano e são usados para dar sentido aos textos publicados. Esses elementos vão sendo mixados com os acontecimentos, que se conectam ao longo das publicações, a partir de um ativador, algo no presente que desperta a atenção e faz recordar algum momento na história, que faz sentido no contexto atual, onde as escritoras estão inseridas. Certeau (1982, p. 54) vai abordar este tópico como inteligibilidade do passado, onde os discursos de temporalidades diferentes produzem sentido, a partir da construção ou do resultado dos acontecimentos, estruturados em “objetos pensáveis”.

Essa inteligibilidade do passado é construída a partir de estímulos, principalmente com os sentidos (olfato, tato, audição, visão, paladar) para conectar os fatos cotidianos com as suas referências culturais. Ao mesmo tempo em que falam de si, falam do outro e do mundo, se interconectando com os fatos para dar sentido às suas ideias (SILVA, 2009). E assim, esse raciocínio é transportado para um discurso que fortaleçam suas visões e vivências no mundo como mulheres. Um exemplo disso é como as cronistas se relacionam entre si, a partir desses elementos que impulsionam a memória afetiva, em uma celebração ao reconhecimento de Ana Adelaide Peixoto, Joana Belarmino e Vitória Lima como mulheres e escritoras (dentro e fora do jornal).

Entro nesse espaço que não domino sentindo-me uma intrusa. Vou guiada pela mão de Joana Belarmino, que escreveu um belo texto “Varadouro: um porto para a arte” [...] Pego também na mão do poeta Políbio Alves, velho conhecedor da área e que não me deixará à toa, perdida pelos meandros de pedra, pela lama e ladeiras do Varadouro. Entramos pela “água têxtil do rio” Sanhauá, primeiro portal da cidade²⁷ [...] (ROCHA, 2017).

Ô, Ana, eu estava tão quieta, tão acomodada no meu canto aí vem você e me apresenta esse tal de Antônio Zambujo [...] que canta as mais lindas melodias de Chico Buarque e fico toda sobressaltada, com o coração aos pulos. Todo gelo dos Andes que o encobria derreteu como por encanto e voltei a sentir todos os calores, tremores, sabores que não sentia nem pressentia há mais de 10 anos! Mesmo assim, sobressaltada, com o coração

²⁶ Crônica: **De Festejos & de Melancolia**, de Ana Adelaide Peixoto. Publicada no Jornal *O Contraponto* em 29 de dezembro de 2017.

²⁷ Crônica: **Varadouro**, de Vitória Lima. Publicada no Jornal *A União* em 13 de dezembro de 2017.

aos pulos, amei o cd (“Até pensei que fosse minha”) que você me trouxe com tanto carinho e cuidado²⁸ (ROCHA, 2017).

Dessa maneira, contestam práticas sociais naturalizadas, números e índices alarmantes sobre feminicídio, se autoreferenciam, valorizando as suas vivências particulares, se conectam através das publicações e contemplam a todo o momento esse ambiente de escrita feminina. Entre as pautas que mais se destacam dentro desse campo de análise, estão as crônicas publicadas na semana do 8 de março, “*Águas de março*”, de Vitória Lima e “*A luta das mulheres terá fim?*”, de Joana Belarmino, questionam justamente esse cenário onde a mulher na sociedade acaba por se transformar em objetificação e para as estatísticas, apenas números de tragédias diárias. Além disso, ressaltam a importância da luta das mulheres em todos os âmbitos sociais, e questionam justamente a falta de mudanças e de políticas mais rigorosas que combatam essa realidade fatídica de violência e morte.

[...] Teremos de ir além, e lhes apresentar as estatísticas sobre a violência que se pratica contra as mulheres, no mundo todo. As cifras sobre violência praticada por um parceiro são alarmantes. A Organização Mundial da Saúde estima que 35 por cento das mulheres do mundo já sofreram algum tipo de violência sexual ou física, praticada por um parceiro íntimo; O número de homicídios praticados contra mulheres tem aumentado, e, de acordo com estimativas da Organização das Nações Unidas, metade desses crimes é praticada por parceiros ou membros da família. Na América Latina, no Oriente, nos países da África, as mulheres estão denunciando práticas abusivas de violência sexual, assédio, seja por via de gestos obscenos, ou frases desrespeitosas, seja por via da prática sexual indesejada e violenta [...] Ser mulher no planeta Terra, ainda nos demarca e nos encerra num perverso protocolo de discriminação e crueldade e a nossa luta é quebrar, diríamos nós, com as mãos erguidas e os pés em marcha, na disposição da nossa luta²⁹ (SOUSA, 2017).

Depois de chegar à presidência da República do Brasil, as mulheres descobriram que podem e acho que é isso que assusta tanto os homens de mentalidade tacanha e antiquada como o presidente que aí está no exercício do poder. Para que isso acontecesse seria preciso que todos os desejos e aspirações das mulheres fossem satisfeitos no âmbito do lar. Qual o homem que suportaria hoje o peso de tamanha demanda? Acho que os homens, até mais que as mulheres, que já conhecem o conforto das obrigações econômicas partilhadas, não aceitariam mais serem os únicos arrimos da família, enquanto suas companheiras ficam em casa desfrutando do dolcefarniente, isto é, farniente coisa nenhuma! pois, em casa, as mulheres trabalham, e muito! É um sonho de classe A, de uma família que dispõe de vários serviços: motorista para levar as crianças na escola, babá, cozinheira, jardineiro, etc. E as únicas saídas da dona da casa seriam para o cabeleireiro,

²⁸ Crônica: **Carta aberta a Ana AD**, de Vitória Lima. Publicada no Jornal *A União* em 9 de agosto de 2017.

²⁹ Crônica: **A luta das mulheres terá fim?** De Joana Belarmino. Publicada no Jornal *A União* em 10 de março de 2017.

massagista, costureira, etc, para sempre estar bela e elegante, à espera do seu senhor, em casa. Educação, para quê? Só para gerar desconforto, desejos insatisfeitos? Educação, só para os meninos, como preconiza o talibã. A menina Malala que o diga³⁰ [...] (ROCHA, 2017).

Pelas cronistas estarem nesse lugar social, como mulheres, a sua visão impacta muito esse campo do feminino, pluralizando as opiniões dentro dos jornais. Por se fixarem nesse lugar de exposição, a sua crônica se torna ferramenta para alcançar um dizer, que tem capacidade de modificar os sentidos sobre determinados cenários (CERTEAU, 1982). Nesse caso, as escritoras demonstram ter domínio de seu campo de atuação, ressignificando algumas áreas onde as escritoras transitam como o feminino, a literatura, o cinema, a música, a política, o jornalismo e a cidade. Na prática, cada escritora vai abordar o tema de gênero em sua “área”, e é o exemplo que vemos nas crônicas de Vitória Lima, ao retratar a literatura e o cinema na concepção feminina, questionando a representação das mulheres nesses campos. Além disso, destaca o movimento Mulherio das Letras, que reúne mulheres escritoras para o debate da escrita feminina em todos os campos literários.

[...] O cinema e a literatura já nos apresentam milhares de relatos desta ordem, mas nunca fomos colocados diante do exército de mulheres guerreiras na contemporaneidade. A não ser no mundo maravilhoso dos comics. Mulheres comuns, sem superpoderes, nem transvestidas de homens (como é o caso de Joana D’Arc). Aqui no Brasil temos uma Maria Quitéria, uma Anita Garibaldi, ou uma Maria Bonita, mas essas são figuras isoladas na história que se destacam pelo inusitado de seus papéis. Os relatos que conhecemos são assim isolados e raros. Ou então, há aquelas fugiras míticas da história universal, como as Amazonas, cuja própria existência é questionada pela História e permaneceram no plano do extraordinário, do fantástico porque desmentem tudo que foi convencionado como sendo próprio da natureza feminina³¹ (ROCHA, 2017).

[...] Com esses versos, que pesquei na internet, dou início a este meu registro do Mulherio das Letras, (pessoal e intransferível) que aconteceu entre os dias 12 e 15 de outubro, nesta cidade, congregando em torno de 500 mulheres, entre romancistas, poetisas, cronistas, contistas, jornalistas, blogueiras, quadrinistas, professoras, artistas plásticas, que circulam pelas letras e pelas artes de todo o Brasil. Um momento muito importante para ensejar oportunidade e visibilidade a quem já a tem e a outras que estão buscando seu espaço neste universo tão múltiplo e vario e, também, porque não dizer, às vezes tão excludente. O advento da internet democratizou muito a publicação de livros, mas ainda se pena muito para chegar ao público que se quer atingir e um encontro como este é uma janela escancarada para o Brasil e para o mundo³² [...] (ROCHA, 2017).

³⁰ Crônica: **As águas de março**, de Vitória Lima. Publicada no Jornal *A União* em 15 de março de 2017.

³¹ Crônica: **A mulher e a guerra**, de Vitória Lima. Publicada no Jornal *A União* em 25 de outubro de 2017.

³² Crônica: **O Mulherio das Letras**, de Vitória Lima. Publicada no Jornal *A União* em 18 de outubro de 2017.

Assim, as escritoras instituem um lugar de representação de gênero não somente nos jornais, mas na esfera pública, dialogando sobre a presença das mulheres no âmbito social e produzindo novos discursos, a partir de uma representação positiva das mulheres (ARRUDA, 2002, p. 142), neste caso, no cinema e na literatura. Mas essa característica pode aparecer em outras categorias, como no cotidiano e nas escritas de si.

5.2 COTIDIANO

A partir da interação da comunicação com a cultura, pode-se perceber as “formas de agir e pensar do outro”, como cita Pereira (2007, p. 66), se olharmos para o cotidiano como um espaço de produção de fatos sociais. Cada indivíduo vai pensar e descrever as formas da vida cotidiana a partir de seus próprios signos, formando o que o autor chama de cotidianidade. Para cada autora, a cotidianidade vai se destacar como as “temáticas” abordadas nas publicações, aqui analisadas. Mas como essa relação é formada a partir da produção da crônica?

Para pensarmos as publicações, é necessário nos voltarmos para o olhar individual de cada cronista. Caracterizado por suas subjetividades, as escritoras se articulam, se relacionam e colaboram para a sociedade de uma maneira distinta, a partir de suas vivências de mundo, da troca com o outro, dos afetos, interesses e questões. Para atender essa demanda de produção de sentidos, elas vão desenvolver uma linguagem específica, que pode extrair uma “objetividade social”, segundo a compreensão de Correia (2005), a luz das ideias de Schutz. Essa objetividade seria a forma das escritoras conectarem seus argumentos pessoais aos significados da vida cotidiana, alcançando outros indivíduos, com formação cultural diferentes.

De acordo com Correia (2005), o mundo da vida se constitui em um conjunto de significados que, através do acúmulo de experiências vividas e de construção de símbolos, contextualizam a realidade cotidiana. Através dessa compreensão, o indivíduo é capaz de se comunicar com o outro, passando por um processo de identificação comum, o que torna sua perspectiva intersubjetiva, uma visão objetivamente social (compreensível para diferentes grupos culturais). Assim, as cronistas fazem essa interlocução de suas ideias, conectando esse saber (advindo da experiência pessoal) aos acontecimentos, gerando sentidos sociais no cotidiano.

Mas essa visão não pode ser estabelecida de forma isolada, já que, a partir das experiências de outros, os significados, a realidade e os símbolos podem ser distintos. Mas essa interpretação forma realidades múltiplas, que percorre a cotidianidade, em diferentes formas de visualizar os acontecimentos. Por isso, é tão importante nos voltarmos ao olhar da crônica na imprensa, pois é através dessa concepção particular que as mulheres estão construindo os sentidos da produção do cotidiano nas páginas dos jornais.

No jornal, esses processos comunicativos são limitados pois não possibilitam a total compreensão da subjetividade do outro (CORREIA, 2005), mas podem gerar espaços possíveis para uma sociologia de interpretação de experiências e compreensões das realidades em sua volta. A partir disso, pode-se confirmar a importância da comunicação em seu papel de articulador social das diferenças simbólicas, transformando os significados pessoais e subjetivos em uma relação sógnica conjunta.

A linguagem vem para quebrar essa deficiência comunicativa, transformando essa dualidade de interpretações em uma maneira objetiva de comunicar uma subjetividade. É uma etapa de desmistificação de experiências do outro, de conceituações e padronização de técnicas capazes de traduzir os significados gerados nos contextos sociais. Nesse processo, a compreensão se estabelece como uma fase de possibilidades de interferência da experiência, mas que, para Schutz, não tem efeito sob a subjetividade do ouvinte.

Na prática, as cronistas desenvolvem características individuais, com aspectos, ritmo, linguagem e temáticas que se destacam nas páginas analisadas. Apesar das crônicas terem uma amplitude temática variável, as escritoras constroem uma identidade textual, a partir disso, observam o cotidiano e o interpreta à sua maneira. Para cada uma das mulheres, existem temáticas centrais que perpassam as crônicas analisadas: Ana Adelaide se destaca pela produção de sentidos sobre os espaços que convive (a cidade, a casa, o feminino); Vitória Lima aborda primordialmente as artes (literatura, cinema, música); e Joana Belarmino se fixa no debate sobre a política, cidadania e o jornalismo, majoritariamente.

Isso não quer dizer que outros temas não são discutidos nos textos, mas a partir da leitura do *corpus*, analisamos essa identidade central. Desses tópicos, podemos pensar a construção do cotidiano, através das crônicas, discutindo como pensam os espaços, as artes, a política e o jornalismo. Algo marcante na escrita de Ana Adelaide Peixoto nesse recorte da pesquisa é justamente o fato de ela conseguir abordar temáticas diversas, com algo em comum nas crônicas, que é a descrição espacial, de uma época, de um lugar, e de si mesma, seja o tema qual for. Chamamos aqui como a “semiótica dos espaços”, pois seus textos direcionam para uma percepção das dimensões, como no exemplo a seguir:

[...] Fico intrigada de ver as casas dos professores em Paris – quanta simplicidade! Nathalie morava assim, veste-se desprovida de qualquer supérfluo, cozinha uma ceia natalina frugal – um frango com castanhas e só. Nada de tanto fuzuê como nós aqui no Natal e na vida. Nathalie anda de cá para lá em Paris; trabalha, senta no parque, divaga, encontra o marido, passeia na Bretanha, molha os pés, mergulha, cuida das flores, olha o infinito...Simples assim. E nesse olhar/viver como um *flaneur*, o espectador vai participando dos temas abordados no filme: separação na meia idade, ninho vazio, perdas, morte, reencontro consigo mesma, liberdade, ter um gato de repente, e tantos outros assuntos mundanos ou não. Eis a vida! E a filosofia!³³ [...] (PEIXOTO, 2017).

Nesse caso citado, a autora comenta sobre sua percepção ao assistir ao filme *Ópera do Malandro* (1985), onde conta suas perspectivas e consequentes memórias que teve ao contemplar a obra. Seu texto é cheio de referências musicais, de outros filmes, de lembranças do seu tempo de adolescência nos anos 70 e 80. Mas perceptivelmente, sua narrativa remonta um espaço, através da contemplação de suas lembranças, da descrição das cenas do filme, das cidades que ali existem. Dessa maneira, podemos destacar a visão da autora ao sensível para as emoções que remetem a um lugar, perceptível através desses elementos. Outro exemplo, neste sentido, é a crônica *De Festejos & de Melancolia*, onde Ana Adelaide descreve alguns cenários em torno da sua “comemoração” de ano novo.

[...] Ainda estou a comer peru de Natal. Ainda a tomar Espumante e Gin tônica, vindo das terras Galesas. Pensando na nova temporada de *Outlander*. E fervendo de calor do verão que se anuncia já quente. Fora do ar do noticiário pois são tempos de rua. Vai e vem. A Praia do Bessa cheia de sargaços, me deixo embriagar pelo cheiro de maresias da infância. Da Praia do Poço e de Formosa. Saudades dos meus queridos que se encantaram. E de tantos outros igualmente queridos. O Farol do Bar das Meninas. O meu farol! Sem rumo³⁴ [...] (PEIXOTO, 2017).

Isso nos indica que a visão da autora para um cotidiano cheio de lembranças, é movido pelos sentidos, visão, audição e olfato, que a faz sensível a perceber os detalhes da vida cotidiana e a trazer, em sua escrita, esses elementos de uma maneira tão forte. Na medida que tece suas reflexões, constrói essa percepção, dialogando com suas experiências passadas, gerando sentido a uma realidade espacial, que para outros, pode ter um significado diferente.

³³ Crônica: **O que está por vir**, de Ana Adelaide Peixoto. Publicada no Jornal *O Contraponto* em 20 de janeiro de 2017.

³⁴ Crônica: **De Festejos & de Melancolia**, de Ana Adelaide Peixoto. Publicada no Jornal *O Contraponto* em 29 de dezembro de 2017.

Mas, salientamos que essa não é sua única característica, mas sim a mais evidente, por isso destacamos nessa leitura.

Para Joana Belarmino, o cotidiano perpassa a reflexão sobre as práticas jornalísticas, sobre a cidadania, de um modo geral, debatendo questões como o ciberativismo, cegueira e política. Os seus textos partem de uma perspectiva mais rigorosa do cotidiano, destacando os pontos fracos, criticando o *modus operandi* social, como um protesto sobre as temáticas das quais mantém uma autoridade e persuasão. Em quase todas as crônicas analisadas partem desse mesmo ponto de vista crítico, como uma forma de apontar os equívocos, descrever o que a incomoda e desabafar.

[...] Como pessoa cega, aferrada ao mundo da escrita, como pessoa que sempre leu e escreveu em braille, como uma pessoa que dedicou seus anos de doutorado a pesquisar as potencialidades do braille, ou, por assim dizer, a força do relevo dentro da cultura da escrita, preciso dar resposta a esse debate, para que se compreenda a importância desse encarte em relevo que agora A União entregará às pessoas cegas na Paraíba. O método de leitura e escrita das pessoas cegas foi inventado e divulgado pela primeira vez, em 1929, quando o jovem cego francês, Luís Braille deu a conhecer seu invento para os franceses do seu tempo. Cem anos depois, o método era reconhecido e se expandia pela maior parte dos países do mundo [...] As cidades do mundo estão atravessadas por coisas escritas. Cartazes, letreiros, placas, panfletos, propaganda de toda ordem para leitura direta de quem enxerga. O braille, por sua vez, virou artefato de luxo, que só pode ser consumido ou nos livros didáticos, que nem sempre chegam na hora certa, ou por pessoas privilegiadas que podem consumir novos produtos como os displays braille e smartphones de alta performance³⁵ [...] (SOUSA, 2017).

Neste texto, a autora relata sua experiência em relação a leitura em braille e as dificuldades de acesso a esse sistema de codificação. Relata sua perspectiva como pessoa cega e uma necessidade por consumir os conteúdos, mas sem sucesso. O fato central está no lançamento de um encarte do jornal *A União* em braille. Desse modo, Joana Belarmino denuncia suas dificuldades diárias, descreve sua indignação diante das barreiras ao seu redor. Ela é uma observadora, uma escutadora e descreve seu ponto de vista a partir desse aspecto do factual, do fluxo das notícias, se posicionando ativamente em suas reflexões. Também é uma militante política e pensa o cotidiano a partir de uma perspectiva da memória.

Num primeiro momento me senti como se tivesse regressado ao tempo em que minhas filhas ainda não existiam, se não nos meus sonhos. Era o Brasil de 1985, quando eu e todos os da minha geração lutávamos pelas direitas, em comícios, que lotavam as ruas principais das nossas cidades. Foi só uma

³⁵ Crônica: **Ler em Braille**, de Joana Belarmino. Publicada no Jornal *A União* em 3 de novembro de 2017.

primeira impressão, por conta da convocação da Associação dos Docentes da UFPB, para o comício pelas direitas que ocorrerá hoje. Estou num país de trinta e dois anos depois, em que minhas filhas existem como belas mulheres, universitárias formadas, mães, somando comigo a luta por um país justo para seus filhos e para os filhos todos da geração posterior à ditadura de 64. Estamos no Brasil de 2017, mas é como se nosso corpo houvesse regressado a 1985, ainda que agora usemos smartphones, óculos dimensionais, embora passemos parte do nosso tempo surfando em redes sociais: Twitter, facebook, instagram³⁶ [...] (SOUSA, 2017).

Por sua formação jornalística e toda a trajetória como pesquisadora da área e professora universitária, a escritora também vai dialogar com esses elementos para a produção de sua crônica. Nos textos, o mais recorrente é a análise das performances televisivas ou digitais, que imaginamos ser os meios pelos quais Joana Belarmino mais consome notícias.

Ela, por sua vez, vai descrevendo suas sensações, seus argumentos sobre determinados noticiários, pautando principalmente sobre a cobertura da Rede Globo na política brasileira. “E como sorriem os nossos jornalistas! Diante das câmeras e fora delas, e ainda aproveitam o seu sorriso para uma vinheta. Nossos jornalistas também habitam o mundo do perpétuo divertimento. Retalham os fatos, extraem o que há de mais superficial [...]”³⁷. Em outros temas, descreve a cidade a partir de um olhar de tragédia, baseados na cobertura midiática da violência e morte, como no exemplo da crônica *A sina dos nossos dias*:

[...] Não, de há muito eclipsou-se o espaço e o tempo da crônica tranquila, leve, a escrita contemplativa da cidade num final da tarde, a crônica poética da vigília madrugadora, a crônica travessa do amanhecer do sábado, pleno de sol, com o vendedor de camarões palmilhando a rua com sua voz de barítono: “camarou, camarou, camarou”! Não há amanhecer tranquilo, não há fim de tarde, não há noite nem madrugada, senão o perpétuo longo dia cerzido na crueldade dos acontecimentos. Não há crônica, se não na escrita apressada de palavras a esmo, o carro que esmaga o corpo fatigado do trabalho, a foice que desmantela crânios, a asa do avião esgrimindo com o oceano, decapitações, decapitações, essa palavra tão grande e tão sangrenta, enchendo dias e dias com a dura verdade dos seus acontecimentos³⁸ [...] (SOUSA, 2017).

A política é destaque nos discursos da crônica, desmistificando um ideal que a crônica feminina pudesse ser algo passivo ou terno. Pelo contrário, pois mesmo quando mantém uma abordagem literária, as crônicas tratam de temáticas densas, de guerras, da história de vida de mulheres importantes na sociedade e de sentimentos intrínsecos. São reflexões que geram

³⁶ Crônica: **O confisco da democracia**, de Joana Belarmino. Publicada no Jornal *A União* em 21 de julho de 2017.

³⁷ Crônica: **O Mundo do Divertimento Perpétuo**, de Joana Belarmino. Publicada no Jornal *A União* em 5 de maio de 2017.

³⁸ Crônica: **A sina de nossos dias**, de Joana Belarmino. Publicada no Jornal *A União* em 27 de janeiro de 2017.

exposição e fragilidades. Mas essas características são encontradas na crônica feminina paraibana, com uma frequência majoritariamente alta, nas escritoras estudadas neste trabalho.

Vitória Lima, por sua vez, mantém uma identidade literária, conversando sobre o cinema e outras artes. A escritora dialoga com tópicos que fazem parte de sua vivência de mundo, como a poesia, os filmes clássicos, sempre contextualizando com fatos passados para trazer ao leitor uma experiência de compreensão do contexto de suas reflexões. Dessa forma, dialoga com as várias faces do cotidiano, interligando sua voz a elementos discursivos que fazem sentido para ela e produz sentido para outros. No texto “*A crônica e os clássicos*”, a escritora faz uma interlocução sobre a importância de ler os clássicos da literatura mundial, exemplificando os enredos com fatos da política brasileira.

[...] Tivemos um exemplo recente disso nas gravações de conversa entre o presidente do país e um empresário corrupto, que tinha livre acesso ao Palácio do Jaburu, morada do chefe do executivo. Desde que o presidente e sua família deixaram o Palácio da Alvorada para voltarem a antiga residência do vice-presidente, (lugar onde nunca deveria ter saído), alegando que ouviam vozes, viam vultos pelos ambientes do Alvorada, que me ocorreu que era tudo causado por uma consciência pesada, amedrontada, de uma mente culpada e perseguida pela culpa. Daí em diante, foi a peça de “*Macbeth*” que me ocorreu como o perfeito objetivo correlato entre o que sofre o usurpador/traidor/conspirador Macbeth e o que experimentou o atual presidente do Brasil, que saiu correndo do cenário que lhe parecia hostil e voltou para a casa que antes ocupara, por direito. É como se não se sentisse direito de habitar o palácio presidencial. Algo semelhante sofre o rei Macbeth da Escócia, depois de usurpar o trono do rei Duncan com a conivência de seus pares. É a própria rainha, a Lady Macbeth, que lhe diz: “És homem? Tudo não passa de uma visão criada pelo teu medo.” (Ato III, cena IV)³⁹ [...] (ROCHA, 2017).

A autora também vai conectar sua visão do cotidiano com os espaços que vive, escrevendo sobre a cidade, o bairro de Miramar, onde mora há anos, sobre as dificuldades no trânsito, sobre as relações com as pessoas a sua volta. Um exemplo disso é a crônica “*As cidades mudam*”, onde Vitória vai relembrar a cidade de João Pessoa no passado, comparando como é a sua experiência local no presente.

[...] a cidade onde eu moro há quase 50 anos vem mudando muito os seus rumos, os seus caminhos. Quase que a desconheço. Hoje, tenho dificuldade de chegar a lugares que costumava frequentar quando aqui cheguei, vinda de Campina Grande. Lugares famosos, tradicionais também se deterioraram a ponto de não podermos mais frequentá-los. Vi no jornal do último domingo, 3 de setembro, fotos da Praça Rio Branco, no centro da cidade, que frequentei muito, há bem pouco tempo, principalmente para cantar e dançar

³⁹ Crônica: *A crônica e os clássicos*, de Vitória Lima. Publicada no Jornal *A União* em 28 de julho de 2017.

aos sábados, quando aconteciam as rodas de choro e samba do Sabadinho Bom. Na reportagem de hoje, fico sabendo que a praça está deteriorada, com as lajotas se soltando, suja, pixada, literalmente entregue às baratas e aos pombos. E aquela foi uma praça que, por algum tempo, promoveu o reencontro da população com o Centro Histórico da cidade. Naquelas imediações, também, havia três cinemas que convidavam as pessoas a frequentar o centro da cidade. Hoje não tem mais. Além das igrejas, que são muitas, históricas e ricas naquela área [...] (ROCHA, 2017).

Observamos que esses elementos são parecidos com os que identificamos na crônica de Ana Adelaide Peixoto, que se conversam entre si, apesar de partirem de um ponto de vista diferente, em seu contexto. As escritoras tocam no mesmo ponto, em muitas crônicas, mas pensando a realidade a partir de perspectivas bem distintas. Elas se conectam com a formação cultural, que é individual, trazendo as memórias e referências de seu “mundo da vida” para gerar um sentido naquilo que ela está expondo.

Dessa maneira, pode-se afirmar que a interpretação do símbolo não se aplica às significações da vida cotidiana, mas de uma junção de referências culturais capazes de gerar sentido, a partir dos elementos aqui descritos. De uma maneira prática, a compreensão das crônicas não pode se dar de maneira objetiva e isolada. Mas consideramos que a identidade textual de cada escritora é importante para entendermos como ela se articula mediante aos acontecimentos e esse processo de articulação simbólica se torna indicador de um desenvolvimento de sistemas e ordens simbólicos, capazes de modificar os sentidos de sua comunidade.

5.3 ESCRITAS DE SI

Em um olhar para a construção historiográfica, além de tudo que já observamos, partimos para perceber como as crônicas analisadas afirmam as trajetórias aqui estudadas. Esta análise à luz de Certeau (1982), percebe os discursos sobre o passado, que transpassam a descrição do cotidiano, e deixam os registros da história de vida das mulheres escritoras. O uso da memória, como recurso de contextualização para gerar sentido nas produções textuais, vai enriquecer também este ponto, onde as escritas de si aparecem. Ela se torna elemento importante para a construção da crônica, ao reorganizar as informações a serem interpretadas.

Os discursos pautados nas experiências de vida, nas percepções pessoais e na escrita da história (quase biográfica), revelam a subjetividade eminente da escrita feminina na imprensa paraibana, ao representar a realidade de mulheres que participam ativamente desta

comunidade, que vivenciam sua cultura, em detrimento às problematizações da vida cotidiana. Ao mesmo tempo, essa construção discursiva não somente interessa ao “mundo feminino”, mas vai sendo significado por outros públicos (CERTEAU, 1982, p. 54), na medida que as escritoras tocam pontos chave da interpretação dos fatos.

Dessa forma, ao passo que contam a história de suas vidas, valorizam discursos, produzindo sentidos, não somente para a sua trajetória como mulher e escritora, mas também aos acontecimentos que estão sendo interpretados. Assim, na medida que remetem ao passado, contextualizam o presente através da prática da escrita, em um movimento de compreensão que gera discursos. Essa produção é o que Certeau (1982, p. 51) vai chamar de “processo de significação”, adotando a escrita como uma forma de preencher as lacunas históricas e dar sentidos a elas, utilizando o imaginário e a ideologia para modificar as percepções da realidade, já estabelecidas.

Esse processo acontece a partir de um lugar, e neste trabalho discutimos justamente o lugar da mulher dentro dessa construção. E para compreendermos esse lugar de significação, também importa entendermos a sua trajetória de vida. Arruda (2002), por sua vez, vai destacar que este lugar da mulher na escrita é capaz de fortalecer as suas representações sociais, se tornando parte do processo de construção discursiva, como autoras, e ao mesmo tempo, produtos de representação, na construção textual. Neste contexto, cabe a nós destacarmos o *corpus* que exemplifica essa relação da escrita feminina na interpretação da história de si e dos outros.

Nas crônicas em destaque, percebemos que as narrativas perpassam também essa perspectiva das escritas de si, além de outros tópicos como gênero e cotidiano. A parcela de publicações reúne, em um só texto, todas as características evidenciadas neste debate, e nos interessa fazer esse paralelo, desta vez, com a sua história de vida, nos voltando também a construção dos perfis e consequente análise das entrevistas. Dessa forma, seguimos dialogando os significados textuais com a produção da história oral, realizada a partir da pesquisa de campo, já explorada.

Um traço que identificamos na crônica de Joana Belarmino é a construção narrativa a partir de memórias da infância. A todo momento, a escritora vem resgatar esses elementos para produzir sentido ao seu texto, revelando fatos de sua vida, neste período, a partir da sua concepção. Na construção de seu perfil, a escritora relata a sua infância, na forma simples como viviam, da sua visão de mundo diante das experiências de descobertas, da formulação dos símbolos em sua vida. Nas crônicas, isso aparece de uma maneira peculiar, evidenciando

mais traços e detalhes dessa época. A primeira que observamos é a construção da figura de seu pai, como Joana o enxergava, como lembra dele.

Nessa hora, e por todo o tempo que durar a cerimônia, eu me lembrarei do meu pai, das suas mãos trêmulas, do seu cigarro de fumo de rolo, da sua asma, das horas de fim de tarde em que eu lavava os seus pés, depois da lida na roça, do jeito que ele tinha de brincar comigo, imitando a voz do carteiro, diante do portão fechado. Me lembrei do medo que o meu pai tinha dos comunistas, me recordarei da tristeza que lhe assolava os olhos, em todo o fim de colheita, quando contava o dinheiro que havia apurado, para levar à casa do fazendeiro, que era o fiador de tudo que ele havia comprado durante o ano: açúcar, café, sabão, bolacha canela para as crianças, e o seu fumo de rolo. Me lembrarei de um dia longínquo da minha infância, e da raiva do meu pai, entre apressadas respirações asmáticas. O fazendeiro o tinha expulsado das terras, porque minha mãe havia votado num político diferente daquele que o fazendeiro pedira a meu pai para que ela votasse. Naquele dia, mastigando a sua raiva, meu pai soube que gosto tinha a injustiça, ainda que precariamente, conheceu o amargo da situação em que vivia, vendo suas horas, seu suor, sua força, a custo da subserviência e da servilidade⁴⁰ [...] (SOUSA, 2017).

Neste texto, a autora descreve sua expectativa para a entrega do título de *Doutor Honoris Causa*, concedido ao ex-presidente Lula (mas que não foi entregue), na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Diante deste acontecimento, a escritora vai produzir uma série de significados, centrado no que aquele título representa para ela e para a sua família, ao político que se tornou símbolo de luta e resistência de milhares de sertanejos. Além de evidenciar a sua participação no campo de militância política, desde muito jovem. Outra crônica que vai falar de um diferente aspecto, agora da fase escolar, é “*A canção mais bonita*”, que remete ao período em que escrevia músicas com o seu colega no Instituto dos Cegos Adalgisa Cunha.

[...] Uma carreira discreta, com um grupo seletivo de fãs. Todos os seus amigos do Instituto dos Cegos Adalgisa Cunha, casa que guarda talvez, o maior arsenal das memórias das suas canções, amigos múltiplos que foi fazendo ao longo da vida [...] Assisti da plateia, com lágrimas teimosas no canto do olho e um sorriso do tamanho do mundo. Vibrei como quando éramos amigos de infância, compondo juntos nossas primeiras canções com rimas previsíveis e sempre encerradas em dó maior. O show de Beto foi um culto à amizade, à diversidade, sobretudo foi um poema vivo da sua história, que terá sempre um tom de doçura e de generosidade⁴¹ [...] (SOUSA, 2017).

⁴⁰ Crônica: **O homem e seu título**, de Joana Belarmino. Publicada no Jornal *A União* em 11 de agosto de 2017.

⁴¹ Crônica: **A canção mais bonita**, de Joana Belarmino. Publicada no Jornal *A União* em 17 de novembro de 2017.

Outro aspecto, é a inscrição das experiências cotidianas, a partir da exposição dos sentimentos e sensações. Isto é algo comum na identidade das três crônicas aqui estudadas e esses elementos não são dissociados, diante da prática da escrita. Na medida que escrevem sobre os acontecimentos, escrevem sobre si, sobre memórias e sentimentos, sobre anseios, sobre a sua trajetória. Por isso, muitas vezes, visualizamos os mesmos textos para exemplificar aspectos distintos. São características que não podem ser analisadas separadamente. Diante disso, podemos conferir as expectativas de Joana Belarmino diante o novo ano que se aproxima, texto que revela os seus sentimentos em relação ao cotidiano, nesta época do ano.

Chega o fim do ano e a gente se pega tentando fazer balanços, olhar para trás, prever o que será amanhã, como estaremos semanas após havermos espocado a champanhe do ano novo. Champanhe? Eu não beberei nenhuma taça. Literalmente, sou uma pessoa que dói, todos os dias, desde que começou esse dismantelamento das estruturas políticas, econômicas, culturais e sociais do país. Sou uma pessoa que dói, e por isso talvez minha síntese da história brasileira dos últimos três anos seja assim meio apressada, com lacunas intensas e provavelmente algumas palavras fora do lugar, outras desafinadas, como numa espécie de ópera em que não há sincronia, nem regência⁴² [...] (SOUSA, 2017).

[...] Guarde o seu livro de autoajuda, feche aquela gaveta onde num caderninho novo em folha fez as suas metas para 2017. Deixe intacto, o calendário da sua mesa de trabalho. Contemple por algum momento os segundos passando. Tente olhar para os acontecimentos como grande molhos de fatos entrelaçados, olhe para a sua duração no espaço, tente encontrar o fio emaranhado onde tudo isso começou. Faça um acordo consigo mesmo e abandone essa ideia de ano novo. Lave a cara e olhe para a realidade como ela é, essa grande ágora onde os acontecimentos precipitam-se, trazendo cada um, a marca do gesto de alguém, de um grupo, de uma coletividade. Entenda de uma vez, não há novo tempo, se não na trilha da tevê. O que há é somente o momento presente, pedindo sua atenção, sua escolha, sua intervenção⁴³ (SOUSA, 2017).

Da mesma forma, Ana Adelaide Peixoto conversa com os textos de Joana Belarmino, retratando as expectativas sobre esse período do ano, que remetem à uma melancolia, às lembranças e à reflexão dos fatos que aconteceram no ano que se finda. Isso demonstra um dos aspectos da crônica, que é a descrição do cotidiano, a partir de um aspecto muito peculiar e individual. A todo o tempo, as escritoras vão estar imprimindo a sua visão de mundo de maneira particular, conservando seu estilo e conceito, que são as identidades remetidas a cada

⁴² Crônica: **Cartografia de um país desmontado**, de Joana Belarmino. Publicada no Jornal *A União* em 15 de dezembro de 2017.

⁴³ Crônica: **Um, dois, três, feliz ano novo**, de Joana Belarmino. Publicada no Jornal *A União* em 6 de janeiro de 2017.

uma das cronistas analisadas. Em uma comparação textual, observamos que Ana Adelaide Peixoto vai destacar outros elementos, diante da sua reflexão sobre “o fim do ano”.

Final do ano. Tempos em que algumas pessoas se angustiam. E que outras dizem que são datas como outras quaisquer. Sou do primeiro time. Mas já dissipei a angústia. Hoje mais não. Entrego-me aos ventos festivos. Confraternizo. Mais ainda comigo mesma. Aproveito. Vou ao mar, mergulho, e saúdo o horizonte. E brindo à vida. Seja ela qual for. Como posso, a que foi possível re-inventar, digo, como um mantra. [...] Sim, fico melancólica com os festejos. Diria que, até triste. A gastura do vivido. Do irreversível. Das saudades infinitas. Mas, do topo de quem já viveu uns anos, me entrego à abstração. Ao mistério. Ao imensurável. [...] Que venha 2018! Pode vir quente que eu estarei fervendo. À beira mar! Feliz ano novo!⁴⁴ (PEIXOTO, 2017).

Outro aspecto das escritas de si nos textos de Ana Adelaide Peixoto é a narrativa de comportamentos, qualidades, dificuldades. Assim como na construção do seu perfil, onde relata algumas questões de sua vida, como a dificuldade com a rotina de trabalho, a falta de uma pré-disposição em planejar a longo prazo ou desejar grandes mudanças, nas narrativas isso também se revela. Estas características reveladas pela própria autora denotam um movimento de exposição, o “deixar ser vista” por seus leitores. É um reconhecimento de si mesmo, em uma ação de produzir sentidos para os questionamentos e conflitos internos. A crônica “*Prós & Contras*”, mostra bem esse aspecto.

Tenho dificuldade para...Vender casa, tomar grandes decisões. Burocracia. Ir à repartições. Lidar com bichos, baratas, timbus, gato e cachorro. Ser prática e objetiva. Ter foco. Correria. Organizar as planilhas. Saber o que fazer. Manter o carro limpo. Comprar o essencial. Pagar contas. Traçar metas. Ir ao centro para resolver pepinos. Fazer dieta. Não beber quando o médico proíbe. Fazer exercícios. Fazer exames. Enfrentar trânsito. Andar de elevador. De avião [...] Tenho facilidade para... Não vender casa. Tomar pequenas decisões. Anarquia. Ser sonhadora e pensativa. Dispersão. Deixar tudo voando. Não saber o que fazer. Ter o carro sujo e cheio de coisas. Comprar supérfluo. Adiar coisas. Ir ao centro resolver coisinhas. Andar a esmo e depois me perder. Não fazer dieta. Beber cerveja gelada antes do almoço e vinho nas noites chuvosas. Ficar no sofá. Viajar sem pensar que estou no avião. Falar. Escrever⁴⁵ [...] (PEIXOTO, 2017).

Outro aspecto em comum é a construção espacial, de tempo e lugar, onde as escritoras, ao abordar determinados temas, vão se remeter à memória de lugares por onde passou, ou a

⁴⁴ Crônica: **De Festejos & de Melancolia**, de Ana Adelaide Peixoto. Publicada no Jornal *O Contraponto* em 29 de dezembro de 2017.

⁴⁵ Crônica: **Pros & Contras**, de Ana Adelaide Peixoto. Publicada no Jornal *O Contraponto* em 06 de janeiro de 2017.

um tempo no passado. Podem também expressar seus desejos de viver uma experiência específica. Ana Adelaide Peixoto aborda isso muito bem na produção de sua crônica, quando cita sua vontade de aprender uma terceira língua, a francesa. Em seu perfil, a escritora menciona esse desejo, de uma forma sutil. Na crônica “*O que está por vir*”, a autora expressa esse sonho, mas que segundo relatado nas entrevistas, acredita não ter mais tempo de realizar.

Saio do cinema querendo falar francês, filosofar, morar em Paris, passear nas montanhas da França, perambular pelos Jardins *des Tuileries*, pensar na vida em português mesmo, mas com certeza dizendo *Bonjour!* As francesas me seduzem. Huppert me encanta. E esse modelo de vida, que jamais será o meu (não dá mais tempo), também me faz pensar na singeleza de que é feita a vida. Mas não só!⁴⁶ (PEIXOTO, 2017).

Nas crônicas de Vitória Lima, as narrativas do seu passado são construídas a partir desse mesmo movimento. Algo no cotidiano expressa-se diante da autora e isso a faz recordar memórias passadas. Para a produção textual, esses elementos são importantes para gerar sentido ao debate. Dessa forma, as cronistas inscrevem a sua trajetória de vida, deixando os rastros das suas experiências, enquanto expressam a sua visão sobre determinado fato presente. Na crônica “*Jornal de Domingo*”, a escritora detalha suas leituras aos jornais locais, descrevendo as suas sensações e memórias sobre os editoriais que acabara de ler. Daí, visualizamos alguns fatos da vida da autora. Em outra crônica, “*Ode à amizade*”, Vitória Lima faz esse mesmo movimento, ao prestar uma homenagem a uma amiga escritora, abordando a sua obra que havia acabado de ser lançada.

Começo pela crônica de Martinho Moreira Franco, que me fez viajar à já longínqua adolescência. Nasci no Recife, em meados dos anos 1940, mas minha família logo mudou-se para Campina Grande, na Paraíba, onde meu pai foi trabalhar. Mas meus pais não nasceram nem na Paraíba nem em Pernambuco. Ambas as famílias eram oriundas de Alagoas. Meus tios e avós maternos ainda moravam em Maceió e era para lá que debandávamos nas férias de fim de ano, Semana Santa, ou nos feriados mais longos. Tínhamos saudades do mar e da comidinha que minha avó invariavelmente mandava preparar para nós: era sururu no leite de côco, siri, carapena frita, frutos do mar, que a nossa fiel Ana ia comprar no Mercado Público todos os dias. E suco de mangaba, que, na época, não tínhamos acesso em Campina Grande⁴⁷ [...] (ROCHA, 2017).

[...] Eu também morei em São Paulo, em 1970, no Ipiranga, já na saída para a Via Anchieta. Foi um tempo muito difícil para mim, tímida, matuta, vítima de bullying por causa do meu sotaque nordestino. Tenha deixado marido e

⁴⁶ Crônica: **O que está por vir**, de Ana Adelaide Peixoto. Publicada no Jornal *O Contraponto* em 20 de janeiro de 2017.

⁴⁷ Crônica: **Jornal de domingo**, de Vitória Lima. Publicada no Jornal *A União* em 22 de fevereiro de 2017.

filho de meses na Paraíba, para cursar uma pós-graduação na USP. Foi muito sofrido, mas proveitoso também. Quando voltei para a Paraíba, para a minha família e para a UFPB, logo comecei a dar aulas de literatura americana, o foco da minha especialização. Foi nessa época que conheci Vilani, e somos amigas até hoje. Logo depois fui fazer mestrado nos Estados Unidos e ela foi para Florianópolis, pelo mesmo motivo. E assim, a vida tem nos conduzido, através dos caminhos da música, da literatura, do cinema, gostos compartilhados com fervor. Beatles, Chico Buarque, D. H. Lawrence, Caetano Veloso, são alguns dos nossos amados artistas⁴⁸ [...] (ROCHA, 2017).

Estes foram os tópicos relacionados às escritas de si, que verificamos como padrão e recorrentes, entre todas as crônicas do *corpus* desta pesquisa. Na medida em que as escritoras expõem suas inquietações e vivências, permitem que algo que é privado, que se manifesta com exclusividade no âmbito da subjetividade, se torne público, garantindo um espaço que permite a valorização do relato (CORDE, 2013) das mulheres nos jornais impressos.

Estes relatos contribuem para pluralizar as visões dos fatos cotidianos, ao passo que permitem a construção de uma historiografia feminina, que se equilibra tenuamente em sua produção textual. A prática social da escrita foi, é e ainda será, para as mulheres, e outros grupos subvalorizados, um mecanismo de produção de conhecimento, uma ferramenta para transpor os discursos dominantes e uma fonte histórica das narrativas do passado, contribuindo para a manutenção de uma memória do cotidiano, do feminino e da cidade.

⁴⁸ Crônica: **Ode à amizade**, de Vitória Lima. Publicada no Jornal *A União* em 7 de junho de 2017.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa, tive a satisfação de descobrir a história de muitas escritoras paraibanas, por muitas vezes invisibilizadas na imprensa local, mas que constituem importante papel dentro do cenário cultural, onde se tornam protagonistas de suas próprias trajetórias. Realizar este trabalho não foi um processo fácil, por percorrermos outras instâncias científicas, para além da comunicação e do jornalismo. Mas graças ao auxílio das teorias de gênero, os estudos sobre historiografia e subjetividade, pudemos possibilitar a constituição desse trabalho.

Conhecer esse cenário de atuação tão vasto na Paraíba possibilitou o reconhecimento da inscrição de trajetórias de vidas importantes, para a compreensão de como a crônica feminina se fixa no jornalismo local. A partir do seu entendimento da crônica como um gênero misto, que abrange tanto o jornalismo como a literatura, que vem se modificando ao longo dos séculos, principalmente se compararmos o modelo brasileiro com outros mundo afora, percebemos o quão plural essa linguagem pode ser na descrição dos fatos da vida cotidiana, que apesar de corriqueira, pode se tornar peculiar, a partir da visão de um determinado autor social.

As escritoras, nesse contexto, são muito mais do que interpretadoras do cotidiano, são atuantes em um mundo onde elas mesmas precisam ser interpretadas e compreendidas, não em um sentido de inferiorização dos discursos, como cita Arruda (2002), quando aborda sobre a objetificação do sujeito. Mas sim, sobre como podemos pensar a formulação e concepção da crônica feminina na imprensa paraibana, a partir de uma autoanálise, que elas fazem sobre suas experiências de vida, seus sentimentos, seus anseios, seus sonhos, que acabam por se tornar matéria prima para a criatividade na produção textual. Ou seja, para que elas compreendam o mundo, precisam compreender a si próprias.

Dada a importância do resgate de nomes de mulheres que marcaram a história da escrita na Paraíba, elaboramos uma densa pesquisa no passado, a partir de estudos já veiculados sobre a imprensa no século XX, buscando em investigações científicas, participando de congressos nacionais e internacionais, sempre discutindo sobre a escrita feminina para que essa pesquisa tivesse um parâmetro do ontem e do hoje, já que se trata de um estudo que aborda o cenário em um momento do século XXI.

Esse ponto de vista possibilitou destacar nomes de diversas mulheres, muitas vezes desconhecidas no meio jornalístico, e para minha surpresa, a imprensa paraibana possibilitou a presença de mulheres, sejam professoras, médicas, advogadas, jornalistas e etc., atuantes

desde o século XIX, quando datam os primeiros registros. Assim como nesse período, atualmente a inscrição da história de mulheres escritoras ainda continua sem muita visibilidade, exceto daquelas que ganham notoriedade, depois que abarcam no âmbito literário, com publicação de livros ao longo do tempo, já que o jornalismo paraibano possibilita o ingresso desse público também no campo da literatura.

Com isso, foi possível realizar uma busca nos principais jornais em circulação do estado, tais quais *A União*, *Correio da Paraíba*, *O Contraponto* e o *Correio das Artes*, para que fosse realizado um levantamento específico sobre a presença feminina na imprensa paraibana. A partir dessa concepção, pode-se entender como atuam algumas escritoras presentes nos referidos jornais, a partir de seu posicionamento nas páginas de opinião. Dessa forma, pudemos encontrar as principais cronistas da imprensa local, atuantes no jornal *A União* e em *O Contraponto*: Ana Adelaide Peixoto, Joana Belarmino e Vitória Lima.

Articulando sobre como era possível a crônica abordar a subjetividade, ao passo que forma e informa os leitores, pudemos analisar os estudos de Certeau (1982) como é constituído esse cenário de sentidos, onde essas mulheres batalham todos os dias para conquistar mais espaço e notoriedade. Os discursos envoltos dessa produção, perpassam por temáticas que fazem parte da vida das escritoras, e por isso, são inseparáveis nesse processo de compreensão social, usando-se de referências culturais e ideológicas para contextualizar suas afirmações.

A partir da formulação dos perfis, que se referem à trajetória de vida das escritoras, pudemos identificar sua identidade textual, sua história de vida, que posteriormente se entrelaça com a sua escrita. Assim, compreendemos como esse caminho foi percorrido, facilitando o entendimento sobre o contexto onde a crônica feminina paraibana passa a existir. Cada elemento encontrado nos relatos das entrevistas realizadas com Ana Adelaide Peixoto, Joana Belarmino e Vitória Lima, que contam parte de sua história de vida, e experiências marcantes que tem tudo a ver com quem elas são e com as suas narrativas estudadas nesta pesquisa.

Nos voltando para a produção textual em si, o *corpus* da pesquisa nos remete a uma rica fonte de interpretação do cotidiano e de escritas de si como autoras. As crônicas vão destacar a percepção dos acontecimentos, a partir da formação cultural de cada autora, formando o que chamamos de “processos de significação”, segundo Certeau (1982). Esse processo é individual e vai formar a identidade textual, temática e narrativa das cronistas em destaque. Nessa perspectiva, toda a concepção de cultura perpassa o diálogo e as reflexões

propostas nas publicações. Vão abordar sobre gênero, sobre cinema, música, literatura, artes, política, como uma forma de perceber e explicar os fatos recorrentes de sua realidade.

Cada escritora terá seu *modus operandi*, mas estes temas vão se conectar, de alguma forma, conversando entre si nas páginas dos jornais, pelas crônicas estarem expostas aos mesmos noticiários, a mesma cultura e à mesma cidade. Mas há diferenças. A idade, as experiências passadas, os anseios, os sentimentos, os gostos musicais, e etc. Mesmo assim, as autoras brindam, algumas vezes, a chance de falarem de um mesmo assunto. São mulheres que estão posicionadas em um mesmo lugar, em uma mesma classe social, mas com formações culturais distintas.

Para além da crônica, a constituição de um lugar de legitimação e quebra de paradigmas foi possível (e ainda é) graças ao trabalho dessas mulheres, que rompem todos os dias barreiras sociais e se inserem em um ambiente da verdadeira escrita da história das mulheres. Esses discursos, produzidos e publicados toda semana nos jornais locais, produzem novos sentidos, que através da escrita, passam a existir no espaço e no tempo, tanto no presente quanto no passado. A sua representação e representatividade é, sem medidas, importante para a validação desse campo de atuação, onde mulheres no Brasil, e aqui na Paraíba, estão tendo a oportunidade de abordar temas que, em outros séculos, não teriam espaço para tal.

A importância dessa atividade, nesta concepção em que a pesquisa se situa, está justamente sobre os resultados dessa produção textual, que ao longo da história, vem nos mostrando as transformações sociais possíveis graças à escrita e a articulação de mulheres no meio social. Essa organização possibilita mudanças positivas e melhorias em campos onde a mulher se encontra em desigualdade, principalmente se representadas diretamente nas crônicas.

A partir desse espaço social, as mulheres pluralizam as visões sobre o cotidiano, a partir de seus próprios códigos e símbolos, se tornando protagonistas de suas próprias histórias narradas no jornal. Dessa forma, fortalecem os discursos femininos nos espaços públicos, nos revelando, sob um aspecto crítico da realidade, sua conexão com os acontecimentos do dia a dia.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cad. Pesqui.** [online]. 2002, n.117, pp.127-147. ISSN 0100-1574. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742002000300007>. Acesso em: 08 ago 2019.
- AZEVEDO, Sandra Raquew dos Santos. **Mulheres em pauta: gênero e violência na agenda midiática**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011.
- BARBOSA, S. F. P. CHATEAUBRIAND, A.F.A. (Org.). **Pequeno dicionário dos escritores jornalistas da Paraíba do século XIX**. João Pessoa: Editora Universitária, 2009. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/jornaisfolhetins/acervo/pequeno_d.pdf. Acesso em: 08 Ago 2018.
- BARBOSA FILHO, Hildeberto. **Características da crônica paraibana**. [Entrevista em profundidade concedida a Maryellen Bãdãrau]. João Pessoa-PB, jun 2018.
- BERNARDO, Ana Maria Coutinho. **Gênero, história e educação na Paraíba: memórias de professoras e escritoras do início do século XX**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2013. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0516.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2018.
- BITTNER, D. H. S. **Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.
- CASADEI, Eliza Bachega. A inserção das mulheres no jornalismo e a imprensa alternativa: primeiras experiências do final do século XIX. **Revista ALTERJOR: Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP)**. Ano 02, v.1, 3ed. – jan-jun de 2011.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- _____. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3.ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alvez. Revisão de Luce Giard. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- CHAPARRO, Carlos Manuel. **Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus, 2008.
- CORDE, Marine Lila. A articulação entre a objetividade e subjetividade nos textos antropológicos: contribuições da escrita literária para a construção dos saberes antropológicos. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v.44, n.2, jul/dez 2013, p. 12-30. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/download/841/818>. Acesso em: nov. 2018.
- CORREIA, João Carlos. **A teoria da comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa, Livros Horizonte, 2005.
- COUTINHO, Afrânio. **Antologia brasileira de literatura**. Rio de Janeiro: Editora Distribuidora de Livros Escolares Ltda., v.3, 1967.

COUTINHO, Iluska. **Colunismo e Poder**: representação nas páginas dos jornais. LABCom, 2007. Dissertação. Disponível em: www.labcom.ubi.pt. Acesso em: 08 ago 2019.

DUARTE, Jorge. BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. ORG. São Paulo: Editora Atlas, 2006. 2ed.

ESCOSTEGUY, A. C. (org.). **Comunicação e gênero**: a aventura da pesquisa. Porto Alegre: ediPUCRS, 2008.

FERNANDES, Jéssica Luana. SILVA, Shirley Targino. Mulher, imprensa e educação na paraíba da década de 1930. **Anais [...]** Congresso Brasileiro de História da Educação, 9., João Pessoa – Universidade Federal da Paraíba – 15 a 18 de agosto de 2017.

FIGUEIRAS, R. As mulheres comentadoras na imprensa de referência portuguesa. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2011.

FLORES, Rosali Cristofoli. **Acervo memorial dos acadêmicos da Academia Paraibana de Letras**: conhecimento para a preservação. João Pessoa: UFPB, 2010.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 4. ed. Lisboa: Passagens/Vega, 2002.

_____. O que é um autor? **Bulletin de la Société Française de Philosophie**, ano 63, n. 3, jul./set. 1969, p. 73-104. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/179076/mod_resource/content/1/Foucault%20Michel%20-%20O%20que%20%C3%A9%20um%20autor.pdf . Acesso em 27 nov 2018.

_____. Verdade e subjectividade (Howison Lectures). **Revista de Comunicação e linguagem**. nº 19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993. p. 203-223.

GOMES, Angela de Castro (org.). **Escritas de si, escritas da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOTTARDI, Ana Maria. **A crônica na mídia impressa**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

GUEDES, Viviane Marques. A construção da cultura no cotidiano do jornalismo impresso de João Pessoa. In: PEREIRA, Wellington (org.). **Epistemologias do caderno B**. João Pessoa: Manufatura, 2016.

JINZENJI, Mônica Yumi. Leitura e escrita femininas no século XIX. **Cadernos Pagu**, n. 38, jan/jun de 2012:367-394. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n38/n38a13.pdf> Acesso em: out 2018.

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & Realidade**. 29(1): 27-43, jan/jul 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25417/14743> . Acesso em nov 2018.

MAGALHÃES, Sara. ALVAREZ, Teresa (org.). **Mulheres e Media**. Lisboa: Associação portuguesa de estudos sobre as mulheres, 2014.

MACHADO, Charliton José dos Santos. **A Dimensão da Palavra: práticas de escrita de mulheres**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2005.

MAUX, Suelly. **Escritas de si e as mulheres: um espelho da história**. João Pessoa: Revista Temática. Ano VII. N. 04. Abril de 2011.

MATOS, Maria Zilda dos Santos de. História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. **Mandrágora**, v.19. n. 19, 2013, p. 5-15.

MEDEIROS, Vanise Gomes de. Discurso cronístico: uma “falha no ritual” jornalístico. **Linguagem em (Dis)curso. Tubarão**. v. 4, p. 93-118, 2004.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: Narrativa e cotidiano**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2003.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

MELO, Mônica dos Santos. **INTERCOM – Revista Brasileira de Ciência da Comunicação**. São Paulo, v.3, n.2, jul./dez., 2008.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada da imprensa das mulheres do século XIX. **Revista Estudos Feministas**: Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 315-336, jan-jun., 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100013/8720>>. Acesso em: 07 ago. 2018.

NASCIMENTO, Flávia Lopes Sales do. **Lirismo e Nostalgia**: Gonzaga Rodrigues, Filipéia e Outras Saudades. UFPB, João Pessoa, 2013.

NASCIMENTO, R. C. G. **Escrever/Inscrever-se: Práticas de (Re) criação de si nos escritos femininos na Paraíba na década de 1930**. Campina Grande: Congresso Nacional de Educação, UFCG, 2013.

NUNES, M. L. S.; MACHADO, C. J. S. Uma página Feminina: escritos para a educação das mulheres paraibanas (década de 1930). **Revista HISTEDBR On-line**, v. 1, p. 189-206, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640177/7736>> Acesso em: 08 Ago. 2018.

_____. **Sobre a pesquisa dos escritos femininos paraibanos**. Universidade Federal da Paraíba, Programa Espaço Experimental, 14 Ago 2016. Entrevista concedida ao Programa Laboratório de Radiojornalismo “Espaço Experimental”. Disponível em: <<http://espaco-experimental.blogspot.com.br/2016/08/pesquisa-faz-levantamento-de-escritos.html>>. Acesso em: 21 jul. 2018.

PAIVA, Kelen Benfenatti; DUARTE, Constância Lima. A mulher de letras: nos rastros de uma história. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 11 - 19, jul./dez. 2009.

PEIXOTO, Ana Adelaide. **Trajetória, escritas de si e cotidiano**. [Entrevista em profundidade concedida a Maryellen Bãdãrau]. João Pessoa-PB, jun 2018.

PEREIRA, Maria do Rosário Alves. **A crônica feminina brasileira no século XIX**. Fazendo gênero 9: Diásporas, Diversidades e Deslocamentos. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

PEREIRA, Wellington. **Crônica: Arte do útil ou do fútil?** Ensaio sobre a crônica no jornalismo impresso. João Pessoa: Idéia, 1994.

_____. **A Comunicação e a cultura no cotidiano**. Revista FAMECOS, 2007.

_____. A inscrição do cotidiano no jornalismo impresso (o artesanato da pesquisa). **Revista Culturas Midiáticas**. Programa de Pós-graduação em Comunicação. UFPB: João Pessoa. Ano II, n. 02, Jul-dez de 2009.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PINHEIRO, A. S. **Leitoras e interlocutoras da literatura oitocentista**: literatura e gênero no Jornal das Famílias (1863-1878). São Paulo: Edigal, 2010.

PRIORE, Mary Del. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto 7. ed., 2004.

ROCHA, Maria das Vitórias Lima. **Trajetória, escritas de si e cotidiano**. [Entrevista em profundidade concedida a Maryellen Bãdârâu]. João Pessoa, ago 2018.

ROTKER, Susana. **La Investigación de la Crónica**. México: FCE, Fundación para um Nuevo Periodismo Iberoamericano, 2005.

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo: Ed. Ática, 1985. Col. Princípios.

SALES, Ana Maria Coutinho. **Tecendo fios de liberdade: Escritoras e professoras da Paraíba do começo do Século XX**. Tese de doutorado. UFPE: Recife, 2005.

SANTOS, Claudinei Marques dos. RODRIGUES, Marcos Leal. Discurso, sujeito e ideologia: A tessitura dos sentidos no discurso do jornalismo eletrônico. Cl. In: Discurso, Gênero e Sexualidade. 20 ed. **Web Revista Página dos Debates**: questões de linguística e linguagem. Campo Grande: Discursividade, 2014.

SANT'ANNA, Mônica. A escrita feminina e suas implicações: a recorrência do corpo como signo de identidade. **REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários**, Vitória, a. 2, n. 2, 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/Note/Downloads/3437-5572-1-PB.pdf> Acesso em: 24 out 2018.

SAVIETTO, Daniele. **Mulheres e Mídia Global**: Uma análise internacional da perspectiva das mulheres sobre suas representações midiáticas. Dissertação. Universidade de Coimbra, 2015.

SILVA, Sônia Maria Cândido. **A Crônica dos jornais paraibanos do século XIX-XX**: um processo discursivo da linguagem em ação na província da Parahyba. TESE, João Pessoa: UFPB, 2009.

SILVEIRINHA, Maria João. **As mulheres e a afirmação histórica da profissão jornalística**: contributos para a não-ossificação da história do jornalismo. Coimbra: Comunicação e sociedade, v. 21, 2012.

SIMON, Luiz Carlos Santos. Os cronistas e as mulheres na segunda metade do século XX. Terra Roxa e outras terras. **Revista de Estudos Literários**: UEL, 2006. v.7, p.61-71.

SOUSA, Joana Belarmino de. **Trajetória, escritas de si e cotidiano**. [Entrevista em profundidade concedida a Maryellen Bãdãrau]. João Pessoa-PB, jun 2018.

SOUZA, Thiago Oliveira de. CURY, Cláudia Engler. **Considerações sobre a instrução na imprensa paraibana oitocentista (1849-1889)**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Os desafios da escrita feminina na história das mulheres**. Universidade Federal da Grande Dourados: Raído, Dourados, MS, v.10, n.21, jan./jun. 2016. Disponível em: <ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/download/5217/2737> Acesso em: 29 out 2018.

TEDESCO, João Carlos. **Paradigmas do Cotidiano**: introdução à constituição de um campo de análise social. Santa Cruz do Sul: EDUNISC: Passo Fundo. UPE, 2003.

TELES, Amelinha. LEITE, Rosalina Santa Cruz. **Da Guerilha à Imprensa**: A construção do feminismo pós-luta armada no Brasil (1975-1980). São Paulo: Editora Intermeios, 2013. (Coletânea Entregêneros).

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. Ed – Petrópoles: Vozes, 2011.

VELOSO, Ana Maria da Conceição. **Gênero, Poder e Resistência**: As mulheres nas indústrias culturais em 11 países. Tese. Recife: UFPE, 2013.

VENTURA, Isabel. A entrada das mulheres nas redações portuguesas: uma revolução antes da revolução?: MAGALHÃES, Sara. ALVAREZ, Teresa (org.). **Mulheres e Media**. Lisboa: Associação portuguesa de estudos sobre as mulheres, 2014.

VERONESE, Marília Veríssimo. GARESCHT, Pedrinho Arcides. **Hermenêutica de Profundidade na Pesquisa Social**. Porto Alegre: Ciências Sociais Unisinos, maio-ago/2006.

VILAR, Socorro de Fátima Pacífico. **O conceito de literatura nos periódicos e jornais do século XIX**: um estudo dos jornais paraibanos. Rio de Janeiro: X Encontro Regional da Abralic, 2005. Disponível em:<[http://www.cchla.ufpb.br/jornaisfolhetins/estudos.html](http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/estudos.html)>. Acesso em: 17 jul 2018.

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Roteiro de Entrevista Semiestruturada com as Mulheres Cronistas da imprensa Paraibana

Universidade Federal da Paraíba
Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGC/UFPB
Orientadora: Sandra Raquew dos Santos Azevêdo
Pesquisadora: Maryellen Ingrid de Araújo Bãdãrau

Parte I – Identificação

- 1) Nome completo.
- 2) Idade.
- 3) Escolaridade.
- 4) Formação.
- 5) Atuação profissional.
- 6) Endereço.
- 7) Contatos.

Parte II – Sobre Trajetória

- 1) Quando e onde nasceu?
- 2) Que lembranças mantém da infância?
- 3) Que elementos da infância você traz até hoje?
- 4) Onde cresceu? Com quem conviveu?
- 5) Quais seus sonhos nessa época? Conseguiu realiza-los?
- 6) Que lembranças mantém da fase escolar? Algo marcante?
- 7) O que você mais gostava de fazer na adolescência? Como foi essa fase da sua vida?
- 8) Quando ingressou na universidade? Que impressões tem dessa fase da sua vida?
- 9) Quando decidiu seguir a profissão?
- 10) Como se deu a descoberta pela literatura? E sobre a crônica?
- 11) Quando ingressou na imprensa paraibana?
- 12) Que relações você mantém com o jornalismo?
- 13) Que relações mantém com a imprensa paraibana?
- 14) Faz quanto tempo que você escreve para jornal impresso? Especificar.
- 15) Já trabalhou em outra área? Qual?
- 16) O que considera importante na sua trajetória? Experiências de vida.
- 17) Já lançou livros? Quais? É livro de crônicas?
- 18) Você se considera uma pessoa influente? Por quê?
- 19) Já teve consequências práticas no cotidiano fruto de um texto publicado? Ex.
Resolução de problemas de infraestrutura, protestos, reconhecimento e etc.

Parte III – Sobre a crônica

- 1) Para você, o que representa a crônica no cotidiano?
- 2) Como você enxerga o seu papel de cronista dentro da sociedade?
- 3) Como se dá a produção textual da crônica?
- 4) Que critérios são utilizados para definição da temática?
- 5) Que relação você tem com a crônica que escreve?
- 6) Em que obtém inspiração para produção textual?

- 7) Você segue uma rotina de escrita? Como é?
- 8) Você já deixou de publicar algum texto? Por quê?
- 9) Que elementos a crônica deve ter para ser considerada ideal?
- 10) Que tipo de pauta está mais próxima a você? Por quê?
- 11) Você costuma publicar as crônicas em outros meios? Quais?
- 12) Como é a relação da cronista com os seus leitores?
- 13) Você já recebeu algum tipo de reconhecimento pelo trabalho de cronista?

Parte IV – Sobre Narrativas de Si / Escrita feminina

- 1) O que é ser mulher para você?
- 2) O que é ser mulher cronista?
- 3) Que impressões você tem da sua trajetória como mulher no jornalismo paraibano?
- 4) Que atuação tem a mulher na literatura?
- 5) Como concilia as atividades pessoais com a rotina de escrita?
- 6) Em que medida você narra seu próprio cotidiano nas crônicas?
- 7) Como você acredita que isso impacta o social?
- 8) Que recursos de memória você utiliza para lembrar de um fato do passado?
- 9) Você tem escritoras que as inspira?
- 10) Que outras mulheres você obtém inspiração?
- 11) Lembra de outras cronistas atuantes na Paraíba? Pode citá-las?
- 12) Como você pensa a presença da mulher na literatura e no jornalismo paraibano?
- 13) Como você pensa a imprensa paraibana?
- 14) Você observa alguma mudança no jornalismo a partir do início de sua trajetória até hoje?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento de Livre Esclarecimento

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO DE LIVRE ESCLARECIMENTO

Cumprimento a Sr^a/Sr^o ao tempo em que solicito sua participação na Pesquisa sobre a presença da mulher na opinião do jornalismo paraibano, mais especificamente: a Presença das Mulheres Cronistas da Imprensa Paraibana. Tendo como objetivo principal investigar as produções de sentidos nas crônicas produzidas por mulheres, este estudo está sendo realizado pela pesquisadora Maryellen Ingrid de Araújo Bãdãrãu e financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Ensino Superior - CAPES.

Aqui declara que sua participação nessa pesquisa é voluntária e se dará por meio de entrevista em caráter semiestruturada e em profundidade, a ser transcrita na íntegra e utilizada para análise qualitativa dos dados da investigação. As informações contidas no resultante desse material serão publicadas junto com o trabalho de dissertação, evidenciando a autoria das informações prestadas e o conteúdo veiculado.

A participação dessa pesquisa não incide em riscos de qualquer espécie ao entrevistado e a sua livre aceitação contribuirá para a produção do conhecimento científico sobre o tema em que a pesquisadora está desenvolvendo: A presença da mulher cronista na Paraíba.

Dessa forma, eu _____ estou ciente das condições da pesquisa, acima mencionadas e declaro que participarei por espontânea vontade, mesmo sabendo que não terei qualquer retorno financeiro por minhas contribuições. Este documento é emitido em duas vias que serão assinadas pelo participante e pelo pesquisador, ficando uma via para cada um.

João Pessoa, ____ de _____ de 2018.

_____ Assinatura do Participante.

_____ Assinatura da Pesquisadora.